



INSTITUTO DE PESQUISAS JARDIM BOTÂNICO DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA NACIONAL DE BOTÂNICA TROPICAL
MESTRADO PROFISSIONAL EM
BIODIVERSIDADE EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO

TRABALHO DE CONCLUSÃO

**Reserva Particular do Patrimônio Natural Campo Escoteiro
Geraldo Hugo Nunes (CEGHN): uma análise sobre a história, uso
pela União dos Escoteiros do Brasil (UEB) e comunidade do entorno
como diretrizes para a conservação.**

Maria das Dores de Souza Mourão

Trabalho de Conclusão apresentado ao Programa de Mestrado Profissional em Biodiversidade em Unidades de Conservação da Escola Nacional de Botânica Tropical, Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Biodiversidade em Unidades de Conservação

Orientador: Massimo G. Bovini

Coorientadora: Viviane S. da Fonseca-Kruel

Reserva Particular do Patrimônio Natural Campo Escoteiro Geraldo Hugo Nunes (CEGHN): uma análise sobre a história, uso pela União dos Escoteiros do Brasil (UEB) e comunidade do entorno como diretrizes para a conservação.

Maria das Dores de Souza Mourão

Trabalho de Conclusão apresentado ao Programa de Mestrado Profissional em Biodiversidade em Unidades de Conservação da Escola Nacional de Botânica Tropical, Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Biodiversidade em Unidades de Conservação.

Aprovado por:

Prof. Dr. Massimo G. Bovini (orientador)

Profª. Dra. Inês Machline Silva

Profª. Dra. Alda Lúcia Heizer

Em 29 / 05 / 2015

Rio de Janeiro

2015

Mourão, Maria das Dores de Souza.

M929r Reserva Particular do Patrimônio Natural Campo Escoteiro Geraldo Hugo Nunes (CEGHN): uma análise sobre a história, uso pela União dos Escoteiros do Brasil (UEB) e comunidade do entorno como diretrizes para a conservação / Maria das Dores de Souza Mourão – Rio de Janeiro, 2015.

VIII, 119 f : il. ; 28 cm.

Trabalho de conclusão (Mestrado Profissional em Biodiversidade em Unidades de Conservação) – Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro/Escola Nacional de Botânica Tropical, 2015.

Orientador: Massimo G. Bovini

Coorientadora: Viviane Stern da Fonseca Krueel

Bibliografia.

1.Unidade de conservação. 2. Conhecimento tradicional. 3. Magé (RJ) I. Título. II. Escola Nacional de Botânica Tropical.

CDD 333.72

AGRADECIMENTOS

Palavras não serão capazes de expressar o quanto sou grata ao meu orientador Dr. Massimo Giuseppe Bovini pela confiança, persistência e incentivo, os quais, acredito, tornaram possível a realização desse trabalho e dos que virão na sequência;

Minha coorientadora Dra. Viviane Stern da Fonseca-Kruel, pelas expeditas respostas às minhas dúvidas, pelo crédito e inesgotável paciência;

Aos professores da ENBT, pelos conteúdos tão esclarecedores e empolgantes ministrados durante as disciplinas;

Aos funcionários da ENBT e da DIPEQ, pela simpatia e boa vontade expressadas a cada dia;

Aos funcionários da União dos Escoteiros do Brasil da região do Rio de Janeiro, pela gentil colaboração relacionada ao acervo documental.

Aos especialistas da Comunidade Sertão, pelas inestimáveis informações prestadas e pela receptividade;

Aos amigos Ted Feitosa, Asteclides Alvaro, Anselmo Vasques, Beatriz Teixeira, Marcos Neme, Ana Gabriela do Carmo, que também colaboraram para o prosseguimento e conclusão desse trabalho;

À minha família, por suportar minha ausência e, simplesmente, por existirem em minha vida;

Aos meus amores que partiram e que já não os percebo fisicamente, mas que sinto a presença reconfortante e protetora.

RESUMO

Localizada no município de Magé, a RPPN Campo Escoteiro Geraldo Hugo Nunes, possui 20,3 ha e está inserida na base do Parque Nacional da Serra dos Órgãos, podendo ser enquadrada como Mata de Baixada. Foi realizada uma análise da história da área desde a época do Império até a transformação em RPPN pela União dos Escoteiros do Brasil (UEB), e um levantamento das pesquisas em biodiversidade realizadas na área, bem como uma nova listagem florística adaptada de plantas vasculares de estudos anteriores e avaliadas quanto ao seu estado de conservação. Foram encontradas 283 espécies, sendo as famílias Myrtaceae, Rubiaceae, Fabaceae, Asteraceae e Melastomataceae as mais abundantes respectivamente e 17 espécies enquadradas em categorias de ameaça. Este estudo ampliou o conhecimento sobre a riqueza da flora na área, cujos dados podem auxiliar na definição de estratégias de manejo e conservação dessas espécies. O presente estudo enfocou também a etnobotânica na Comunidade Rural Sertão, a partir do conhecimento local sobre os recursos vegetais dos antigos residentes no entorno da Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN) Campo Escoteiro Geraldo Hugo Nunes. Este, visou analisar qualitativamente o conhecimento local sobre o uso de plantas na área da RPPN e entorno, investigando a riqueza e diversidade de plantas, e comparar os dados obtidos com outros estudos etnobotânicos realizados na mata atlântica fluminense. Para tal, foram obtidos dados de entrevistas semiestruturadas para 24 informantes, destes 13 foram considerados especialistas locais na Comunidade Rural Sertão. Foram firmados os termos de consentimento prévio junto aos informantes e realizadas as técnicas para coleta de dados etnobotânicos (entrevistas semiestruturadas e individuais, turnê guiada, observação direta e listagem livre). Utilizaram-se seis categorias para classificar as espécies úteis (*medicinal, alimentar, construção, ornamental, religioso e tecnologia*). Foram registradas 308 citações de uso para 76 espécies (34 nativas da mata atlântica), distribuídas em 34 famílias botânicas, sendo a família Asteraceae a mais representativa em termos de uso. As categorias de uso mais representativas foram medicinal (46 espécies) e alimentar (24 espécies). As maiores frequências de citação de uso foram para *Sorocea bonplandii* e *Jacaranda puberula* (69,2%), *Costus spiralis* (46,2%), *Attalea humilis* e *Lygodium volubile* (38,5%). Considerando o conhecimento que possuem sobre o uso dos recursos vegetais, esses especialistas locais deveriam ser encarados como estratégicos para as iniciativas que objetivem a conservação dos recursos genéticos, salvaguardados nesta Unidade de Conservação.

Palavras-chave: etnobotânica, conhecimento local, flora, história, Magé, mata atlântica, mata de baixada, Unidade de Conservação.

ABSTRACT

The Private Reserve of Natural Wealth (RPPN) Campo Escoteiro Geraldo Hugo Nunes is a 20.3 hectare reserve nestled at the foot of the National Park of the Serra dos Órgãos, in the Magé municipality and it could be framed as a lowland forest. An analysis of the history of the area was carried out since the Empire period until be turned into RPPN by the União dos Escoteiros do Brasil (UEB). A survey of biodiversity research was conducted in the area, as well as a new adapted floristic list of vascular plants from previous studies assessed for their conservation status. We found 283 species, with families Myrtaceae, Rubiaceae, Fabaceae, Asteraceae and Melastomataceae, as the most abundant respectively and 17 species framed in threat categories. This study expanded the knowledge of the species richness in this area, whose data can help determine the best management strategies for attaining the desired conservation of those species. This study also focused on the ethnobotany in the Sertão Rural Community, from the local knowledge of plant resources of the former residents surrounding the Private Reserve of Natural Wealth (RPPN) Campo Escoteiro Geraldo Hugo Nunes, an area nestled at the foot of the National Park of the Serra dos Órgãos, in the Magé, municipality, Rio de Janeiro. This study aimed to qualitatively analyze the local knowledge about use of plants in the RPPN area and surroundings, searching into the plants richness and diversity, and compare these data to other ethnobotanical studies in the Atlantic rainforest in Rio de Janeiro. To this end, data were obtained from semi-structured interviews for 24 informants, these 13 were considered local experts in the Sertão Rural Community. The informants signed the terms of consent and held the techniques for collecting ethnobotanical data (semi-structured and individual interviews, guided tour, direct observation and free listings). We used six categories to classify useful species (medicinal, food, construction, ornamental, religious and technology) and recorded 308 uses reported for 76 species (34 native to the Atlantic forest), distributed in 34 botanical families, with the Asteraceae family the most representative in terms of use. The most representative use categories were medical (46 species) and food (24 species). The most frequent species and higher frequency of citations were related to *Sorocea bonplandii* and *Jacaranda puberula* (69,2%), *Costus spiralis* (46,2%), *Attalea humilis* and *Lygodium volubile* (38,5%). Considering their knowledge about the use of plant resources, these local experts should be seen as strategic for initiatives aimed at the conservation of genetic resources, preserved in this protected area.

Keywords: ethnobotany, local knowledge, flora, history, Magé, Atlantic forest, lowland forest, protected area.

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| INTRODUÇÃO GERAL..... | 1 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 5 |
| CAPÍTULO 1: Reserva Particular do Patrimônio Natural Campo Escoteiro Geraldo Hugo Nunes, Rio de Janeiro: uma análise sobre a história, uso pela União dos Escoteiros do Brasil (UEB) e uma avaliação da flora local ameaçada de extinção. | 8 |
| RESUMO | 8 |
| INTRODUÇÃO | 9 |
| MATERIAIS E MÉTODOS..... | 10 |
| . Área de estudo | 10 |
| . Levantamento e análise de dados | 11 |
| RESULTADOS E DISCUSSÃO..... | 12 |
| - História..... | 12 |
| - A criação da RPPN..... | 17 |
| - Pesquisas na área | 20 |
| CONCLUSÕES..... | 35 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 38 |
| | |
| CAPÍTULO II: Conhecimento local e uso dos recursos vegetais na Comunidade Rural Sertão, Rio de Janeiro. | 42 |
| RESUMO | 42 |
| INTRODUÇÃO | 44 |
| MATERIAIS E MÉTODOS..... | 46 |
| - Área de estudo..... | 46 |
| - Seleção dos informantes..... | 48 |
| - Coleta e processamento dos dados..... | 49 |
| - Análise dos dados | 50 |
| RESULTADOS | 52 |
| DISCUSSÃO | 57 |
| CONCLUSÕES..... | 64 |
| REFÊRENCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 65 |
| ANEXOS..... | 98 |

ÍNDICE DE TABELAS E FIGURAS - CAPÍTULO I:

- Tabela 1 - Listagem atualizada das espécies ocorrentes na RPPN e entorno com indicações das fontes e informações sobre categorias de ameaça: (VU) Vulnerável, (EN) Em perigo, (CR) Criticamente em perigo, (NT) Quase ameaçada e (LC) Menos preocupante. Espécie nativa do Brasil (*); Espécie nativa e endêmica do Brasil (**).
- Figura 1 - Localização da Reserva Particular do Patrimônio Natural Campo Escoteiro Geraldo Hugo Nunes, Magé, RJ.
- Figura 2 - Livro de registro de atividades do Campo Escoteiro Geraldo Hugo Nunes, Magé, RJ.
- Figura 3 - Caminho do Inhomirim. Fonte: A História de Petrópolis (Haack, 2013)
- Figura 4 - Região da Estrada de Ferro Mauá. Fonte: Coleção de Alfredo Ferreira Rodrigues, de Pelotas-RS. (ANPF, 2004).
- Figura 5 - Variação na quantidade de usos ao longo de 45 anos de ocupação da área do Campo Escoteiro Geraldo Hugo Nunes, Magé, RJ.
- Figura 6 - Distribuição de espécies por família na Reserva Particular do Patrimônio Natural Campo Escoteiro Geraldo Hugo Nunes e entorno, Magé, RJ.
- Figura 7 - Espécies em risco na Reserva Particular do Patrimônio Natural Campo Escoteiro Geraldo Hugo Nunes e entorno. Magé, RJ.

LISTA DE TABELAS E FIGURAS - CAPÍTULO II:

- Tabela 1- Espécies ordenadas por frequência de citação pelos 13 especialistas locais, na técnica de listagem livre na Comunidade Sertão. Magé, RJ. Espécies nativas (*).
- Tabela 2 - Espécies da Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN) Campo Escoteiro Geraldo Hugo Nunes e entorno, conhecidas e utilizadas por 24 informantes da Comunidade Sertão, Magé/RJ, suas denominações locais, respectivas famílias, espécies e principais usos. Siglas: folhas (Fo); frutos (Fr); toda planta (Tp), haste (Has), casca (Cs), lenho (Ln), colmo (Col), broto (Br), ramo (Rm), raiz (Rz), meristema apical (Mt), exsudado (Exs), flor (Flr), estipe (Est), rizoma (Rzma), Espécies nativas (*).
- Tabela 3 - Espécies citadas por especialistas nas comunidades adjacentes às Unidades de Conservação REBIOS Poço das Antas (Casimiro de Abreu) e Tinguá (Nova Iguaçu) (Guedes-Bruni *et al.*, 2011); Comunidades Gleba Aldeia Velha (Silva Jardim) (Christo *et al.*, 2006) e Visconde de Mauá (Resende, Itatiaia e Bocaina de Minas) (Quinteiro *et al.*, 2015); RPPN Campo Escoteiro Geraldo Hugo Nunes Magé, (RJ) (presente estudo).
- Figura 1- Localização da RPPN Campo Escoteiro Geraldo Hugo Nunes, Magé, Rio de Janeiro.
- Figura 2 - Famílias mais representativas nas entrevistas semiestruturadas (n = 24) na Comunidade Sertão. Magé, RJ.
- Figura 3 - Localização das Zonas de Recursos Vegetais da RPPN Campo Escoteiro Geraldo Hugo Nunes e entorno reconhecidas por informantes (n = 13) da Comunidade Sertão. Magé, RJ: 1 – parte plana, “mata de baixo”, “baixada”, “parte baixa”. 2 – “Mata de cima”, “parte do morro”. 3 – “Mato, beira do mato, beirada do mato, beirada da mata, mata da beira da estrada”.
- Figura 4 - Distribuição de zonas de recursos vegetais indicados na Listagem Livre por 13 entrevistados da comunidade Sertão. Magé, RJ.

- Figura 5 - Curva de rarefação para as 68 espécies indicadas como úteis pelos especialistas locais Comunidade Sertão. Magé, RJ (n=13).
- Figura 6 - Distribuição das formas de vida das espécies indicadas como úteis, no entorno e na Reserva particular do Patrimônio Natural (RPPN) Geraldo Hugo Nunes, pelos informantes da comunidade Sertão. Magé, RJ.
- Figura 7 - Partes dos vegetais mais relevantes e indicados como úteis por especialistas da Comunidade Sertão. Magé, RJ.
- Figura 8 - Similaridade entre 378 espécies indicadas como úteis por especialistas em cinco áreas, tendo quatro delas dados publicados para a mata atlântica do Rio de Janeiro: Poço das Antas (Casimiro de Abreu) e Tinguá (Nova Iguaçu); Magé; Gleba Aldeia Velha (Silva Jardim); Visconde de Mauá (Resende, Itatiaia e Bocaina de Minas).

Introdução Geral

O Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC) foi instituído pela Lei Federal 9.985 de 18 de Julho de 2000. O artigo segundo desta Lei definiu unidade de conservação como *o espaço territorial e seus recursos ambientais, incluindo as águas jurisdicionais, com características naturais relevantes, legalmente instituído pelo poder público, com objetivos de conservação e limites definidos, sob regime especial de administração, ao qual se aplicam garantias adequadas de proteção*. Esta Lei vai de encontro aos objetivos definidos na Convenção da Biodiversidade Biológica (CDB, 1992), como a conservação da biodiversidade, o uso sustentável dos recursos naturais, a participação da sociedade e distribuição equitativa dos benefícios auferidos por intermédio da criação, implementação e gestão das Unidades de Conservação (UCs) (Drummond *et al.*, 2011), reafirmando a posição brasileira de adesão a esse acordo internacional. Em seu Guia Explicativo, a CDB deixa claro que, “além das áreas de proteção governamental, constitui também uma grande contribuição à conservação da biodiversidade assegurar proteção e manejo no plano particular” (Wiedmann, 2001). Posteriormente, incluindo as Reservas Particulares do Patrimônio Natural (RPPN) no Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC), a Lei 9.985/2000, atende aos anseios dos proprietários nos esforços de conservação, respeitando o “engajamento constitucional da coletividade no processo de conservação, assim como os modernos conceitos de corredores ecológicos e mosaicos ambientais, previstos na própria Lei do SNUC, que demonstram que esta obrigação não compete somente ao Poder Público, mas, a toda a coletividade. Essa participação popular tem sido iniciativa dos próprios cidadãos, manifestamente interessados em proteger o ambiente natural” (Wiedmann, 2001).

A Lei 9.985/2000 define em seu art. 21: “A Reserva Particular do Patrimônio Natural é uma área privada, gravada com perpetuidade, com o objetivo de conservar a diversidade biológica”. Estas reservas são reconhecidas como RPPNs e são fundamentais para conservação em larga escala ou em escala regional, e para implementação de corredores de biodiversidade. Contribuem para o aumento de áreas protegidas aumentando a conectividade biológica na paisagem, sobretudo em regiões bastante fragmentadas, como a Mata Atlântica. As RPPNs exercem importante papel na conservação de recursos naturais, como nascentes, córregos, lagoas, cachoeiras, microbacias hidrográficas, grutas e aspectos geomorfológicos (Pinto *et al.*, 2004), além de complementarem as zonas de amortecimento de outras Unidades de Conservação (UC) públicas, e protegerem locais e habitats singulares. Desta forma, funcionam como

“trampolins ecológicos” (ou *steppingstones*), abrigando espécies animais que transitam em áreas antropizadas, facilitando o intercâmbio de sementes e esporos entre habitats, possibilitando um fluxo de informações genéticas entre indivíduos e populações (Mesquita, 2004; Pinto *et al.*, 2004).

Os corredores ecológicos representam uma das estratégias mais promissoras para o planejamento regional eficaz de conservação e preservação de flora e fauna (MMA, 2014). O corredor de Mata Atlântica da Serra do Mar, no interior do qual se insere a proposta de Mosaico de UCs do Corredor da Mata Atlântica Central Fluminense, foi criado pela Portaria nº 350 de 2006, como incentivo ao estabelecimento de corredores ecológicos. O Mosaico abrange área de 13 municípios: Duque de Caxias, Guapimirim, Itaboraí, Japeri, Magé, Nova Iguaçu, São Gonçalo, Nova Friburgo, Petrópolis, Teresópolis, Miguel Pereira, São José do Vale do Rio Preto e Cachoeiras de Macacu (Freitas, 2006 (?)). Tem como objetivo integrar a gestão das Unidades de Conservação, potencializando a capacidade de gestão dos diversos órgãos. A soma de esforços das equipes das diversas unidades integrantes e a utilização compartilhada da estrutura existente amplia o alcance das ações de gestão ambiental. Atualmente, inclui 35 Unidades de Conservação da região, em suas diversas categorias, sendo cinco Unidades de Conservação federais, sete estaduais, 16 municipais e sete reservas particulares (ICMBio, 2014). As UCs das três esferas administrativas compõem uma área total de 233.710,52 hectares (Freitas, 2006(?)), importante conjunto inter-relacionado onde todos os componentes são complementares e essenciais para a preservação ambiental em termos biológicos, geográficos, sociais e administrativos.

O Parque Estadual dos Três Picos exemplifica a estreita relação existente com o Parque Nacional da Serra dos Órgãos ou com a Área de Proteção Ambiental de Guapimirim. Não existem pontos exatos onde termina a mata de altitude e inicia a região de planalto, posteriormente se transformando em baixada. Quanto aos objetivos de conservação no município de Magé, no Rio de Janeiro, há uma Unidade de Conservação de categoria de proteção integral: Parque Nacional da Serra dos Órgãos, e seis UCs de categoria de uso sustentável: Área de Proteção Ambiental de Petrópolis, Área de Proteção Ambiental Guapimirim, Área de Proteção Ambiental de Suruí, RPPN El Nagual, RPPN Querência, e a RPPN Campo Escoteiro Geraldo Hugo Nunes (MMA, 2002). Esta última representando importante remanescente de Mata Atlântica de baixada da região, pertence à União dos Escoteiros do Brasil (UEB) que, em 2009, transformou 20,3 ha da propriedade em Reserva Particular do Patrimônio Natural, atendendo ao disposto na Lei do Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC, 2000). Por se localizar próxima a um centro urbano, no caso a cidade do Rio de Janeiro, a compatibilidade entre conservação de diversidade biológica e presença humana é um mito fundamentalmente decorrente

de deficiências de conhecimento sobre evolução, ecologia e biologia da conservação. Apesar de ser uma ideia filosoficamente atraente é difícil acreditarmos em utilizar os recursos naturais sem incorrer na perda da biodiversidade.

No que tange às pesquisas já realizadas na área, Guedes (1988) elaborou uma primeira listagem de espécies de plantas vasculares, encontrando 238 espécies. Dentre essas, *Miconia elaeodendron*, considerada rara (Baumgratz, com. pess.) e uma descrita ainda na década de 80, como *Siparuna guianensis* sendo, neste momento, oportuno o conhecimento das espécies presentes e avaliadas quanto ao risco de extinção. Em relação à fauna, os anfíbios anuros da região foram inventariados e estudados desde a década de 80 e, ao todo, 40 espécies da ordem Anura distribuídas em 10 famílias, foram encontradas na RPPN, representando aproximadamente 10% das espécies da Mata Atlântica, com uma delas *Chiasmocleis carvalhoi*, incluída na categoria “Em Perigo” de extinção, de acordo com a Lista Vermelha da IUCN (Silva-Soares *et al.*, 2010); Foi realizado o censo de avifauna em toda a área da RPPN e entorno em Gonzaga (1984), encontrando registro de *Amaurolimnas concolor* (Gosse, 1847), espécie esparsamente distribuída na região neotropical, além de estudos de liminologia relacionados à pântanos (Tanizaki *et al.*, 1991) e estudos de ictiologia (Costa & Lacerda, 1988), contribuindo com informações importantes para a preservação da área.

Segundo Drummond *et al.*, (2011), consultar as Listas Vermelhas regularmente é uma importante medida a ser incorporada pelos países e estados pois permite a análise de dados atualizados sobre as espécies, avaliando se os investimentos em conservação estão sendo corretamente direcionados. Além disso, de acordo com Reed (2004), “a identificação de espécies carismáticas, endêmicas e raras, pode atrair recursos financeiros para estas áreas, facilitar parcerias com instituições de pesquisa e ainda atrair público para atividades de Ecoturismo e Educação Ambiental”. A diversidade biológica protegida por essas espécies virá a colaborar com dados que orientarão na adequada gestão da área.

Esse estudo é de extrema relevância por ser realizado em um remanescente de Mata Atlântica, que sofre uso constante, tornando a área vulnerável aos possíveis impactos antrópicos sobre as espécies de fauna e flora encontradas. No entorno da RPPN Campo Escoteiro Geraldo Hugo Nunes há núcleos familiares que constituem a Comunidade Rural Sertão. Esta comunidade conta com alguns antigos residentes e que ainda detêm conhecimento sobre os recursos vegetais desta região.

Nesse sentido, o presente estudo visa subsidiar as futuras ações para conservação

da biodiversidade desta RPPN, com informações etnobotânicas sobre o uso ou o potencial de uso das espécies locais. Desta forma, pode vir a auxiliar na promoção de processos sociais que possibilitem a comunidade local a valorizar a biodiversidade como parte de seu modo de vida. Portanto, acredita-se que a partir do envolvimento desta comunidade local em ações de conservação, aumentaria, possivelmente, a proteção destas espécies no habitat natural (Schwartzman *et al.*, 2000).

Neste sentido a etnobotânica, é uma disciplina que visa o estudo das inter-relações diretas entre seres humanos e as plantas (Alcorn, 1995), compreende o estudo das sociedades humanas, passadas e presentes, e suas interações ecológicas, genéticas, evolutivas, simbólicas e culturais com as plantas. (Alexiades,1996). Nas pesquisas etnobotânicas, o conhecimento local e/ou tradicional sobre o uso de plantas é o foco destes estudos. Este conhecimento vem sendo acumulado de geração a geração, através de experiências empíricas dos diversos grupos humanos ao longo do tempo, e nem sempre estes conhecimentos locais vêm sendo devidamente registrados e valorizados (Berkes, 2000).

O presente estudo tem como objetivos gerais: elaborar uma lista atualizada com as espécies vegetais que ocorrem na área da RPPN Campo Escoteiro Geraldo Hugo Nunes e seu entorno, bem como elaborar um breve histórico da área desde a aquisição do sítio até a conversão de fração deste em RPPN, propriedade da União dos Escoteiros do Brasil. Visa ainda descrever o conhecimento etnobotânico na Comunidade Sertão que reside no entorno da RPPN Campo Escoteiro Geraldo Hugo Nunes, buscando sistematizar esse conhecimento e valorizar o que ainda existe sobre os recursos vegetais úteis, retornando os resultados desta pesquisa à comunidade estudada.

Objetivos Específicos

- Realizar um levantamento sobre a documentação referente desde a aquisição do terreno até a criação da RPPN Campo Escoteiro Geraldo Hugo Nunes;
- Avaliar o status de conservação das espécies encontradas em outros estudos na área da RPPN e entorno.
- Analisar o uso da UEB desde a aquisição da área.
- Localizar os antigos moradores do entorno desta RPPN e detentores do conhecimento sobre uso de plantas;
- Investigar quais são os recursos vegetais locais de uso atual ou pretérito na Comunidade

Rural Sertão que reside no entorno da RPPN;

- Analisar as categorias de uso citadas para a área de estudo, bem como avaliar o *status* de conservação das espécies úteis citadas;
- Comparar os resultados sobre o conhecimento etnobotânico na Comunidade Rural Sertão, com outros estudos etnobotânicos realizados na mata atlântica fluminense.

Referências bibliográficas

Alcorn, J. 1995. The scope and aims of ethnobotany in a Developing World. Pp. 23-39. In: Schultes, R.E. e Von Reis, S. (eds.). **Ethnobotany: evolution of a discipline**. Portland: Oregon. Dioscorides Press. 416 p.

Alexiades, M.N. 1996. Protocol for conducting ethnobotanical research in the tropics. Pp. 13-26. In: Alexiades, M.N. & Sheldon, J.W. (eds.). **Selected guidelines for Ethnobotanical research: a field manual**. New York. New York Botanical Garden, 306 p.

Berkes, F.; Colding, J. & Folke, C. 2000. Rediscovery of traditional ecological knowledge as adaptive management. **Ecological Applications** 10: 1251-1262.

Convenção sobre Diversidade Biológica. 1992. Ministério do Meio Ambiente, série Biodiversidade 1. Brasília-DF. 32 p.

Costa, W.J.E.M. & Lacerda, M.T. 1988. Identité et redescription de *Cynolebias sandrii* et de *Cynolebias fluminensis* (Cyprinodontiformes, Rivulidae). **Revue Aquariol.** 14(4): 127-132.

Drummond A. J., Franco A. L. J., Oliveira, D. 2011. Uma análise sobre a história e a situação das unidades de conservação no Brasil. Pp. 109-143. In: R.S.Ganem (Org.). **Conservação da Biodiversidade-Legislação e políticas públicas**. Câmara dos Deputados, Brasília. 437 p.

Freitas, L. 2006(?). **Projeto Mosaicos no corredor da Serra do Mar** (IA-

- RBMA/CEPF). Dossiê. 27 p.
- Guedes, R.R. 1988. Composição florística de um trecho de mata perturbada de baixada no Município de Magé, Rio de Janeiro. **Arq. Jard. Bot. Rio de Janeiro** **29**: 155-200.
- Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. Disponível em <http://www.icmbio.gov.br/parnaserradosorgaos/o-que-fazemos/areas-rotegidas.html>. Acesso em 11 dez. 2014.
- Mesquita, C.A.B. 2014. Pp. 23-28. In: Mesquita, C.A.B. & Vieira M.C.W. (Orgs.). **RPPN - Reservas Particulares do Patrimônio Natural da Mata Atlântica**. Caderno da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica: Série Conservação e Áreas Protegidas, 28. São Paulo, Conselho Nacional da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica, 56p.
- Ministério do Meio Ambiente. Cadastro Nacional de Unidades de Conservação. Disponível em <http://www.mma.gov.br/areas-protegidas/cadastro-nacional-de-ucs/consulta-por-uc>>. Acesso em: 07 out 2014.
- Ministério do Meio Ambiente. 2002. **Projeto Corredores Ecológicos**. Brasília, Ministério do Meio Ambiente, 147 p.
- Pinto, P.; Paglia, A.P.; Paese, A. & Fonseca, M. 2004. O papel das reservas privadas na conservação da biodiversidade. In: Castro, R. & Borges, M.E. (Orgs.). **RPPN Conservação em terras privadas desafios para a sustentabilidade**. Planaltina do Paraná, Edições CNRPPN, 210 p.
- Reed, P. 2004. Pesquisa como incentivo a sustentabilidade: a experiência da RPPN- Reserva Natural Serra das Almas na Caatinga do Ceará. Pp. 18-26. In: Castro, R. & Borges, M.E. (Orgs.). **RPPN Conservação em terras privadas desafios para a sustentabilidade**. Planaltina do Paraná, Edições CNRPPN, 210p.
- Schwartzman S.; Nepstad, D. & Moreira, A. 2000. Arguing tropical forest conservation: people versus parks. **Conservation Biology** **14** (5): 1370–1374.
- Silva-Soares, T.; Hepp, F.; Costa, P.N.; Luna-Dias, C.; Gomes, M. R.; Carvalho e Silva, A.M.P.T. & Carvalho e Silva. 2010. Anfíbios anuros da RPPN Campo Escoteiro Geraldo Hugo Nunes, município de Guapimirim, Rio de Janeiro, sudeste do Brasil. **Biota Neotropica** **10** (2): 225-233.

SNUC – Sistema Nacional de Unidades de Conservação. 2000.

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19985.htm> Acesso em 15 set 2014.

Tanizaki, K.; Torres, J.P.M. & Barros, A.A.M. 1991. Limnology of a temporary swamp in a Tropical Forest in Brazil. Pp. 13-18. *In*: I Simposium International de Estudos Ambientais de Florestas Tropicais Úmidas. Amazonas, Manaus.

Wiedmann, S.M.P. 2001, A reserva Particular do Patrimônio natural - RPPN - Unidade de Conservação de Uso Sustentável. Pp. 1 - 10 *In*: Benjamin, A.H. (Org.). **Direito Ambiental das Áreas Protegidas**. Ed. Forense Universitária, RJ. 560p.

Capítulo 1

Reserva Particular do Patrimônio Natural Ckllampo Escoteiro Geraldo Hugo Nunes (RPPN CEGHN): uma análise sobre a história e uso pela União dos Escoteiros do Brasil (UEB) e uma avaliação da flora local ameaçada de extinção.

Resumo

Localizada no município de Magé, a RPPN Campo Escoteiro Geraldo Hugo Nunes, possui 20,3 ha e está inserida na base do Parque Nacional da Serra dos Órgãos, podendo ser enquadrada como Mata de Baixada. Foi realizada uma análise da história da área desde a época do Império até a transformação em RPPN pela União dos Escoteiros do Brasil (UEB), e um levantamento das pesquisas em biodiversidade realizadas na área, bem como uma nova listagem florística adaptada de plantas vasculares de estudos anteriores e avaliadas quanto ao seu estado de conservação. Foram encontradas 283 espécies, sendo as famílias Myrtaceae, Rubiaceae, Fabaceae, Asteraceae e Melastomataceae as mais abundantes respectivamente e 17 espécies enquadradas em alguma categoria de ameaça. Este estudo ampliou o conhecimento sobre a riqueza da flora na área, cujos dados podem auxiliar na definição de estratégias de manejo e conservação dessas espécies.

Palavras-chave:, flora, história, Magé, mata atlântica, mata de baixada, Unidades de Conservação

Abstract

The Private Reserve of Natural Wealth (RPPN) Campo Escoteiro Geraldo Hugo Nunes is a 20.3 hectare reserve nestled at the foot of the National Park of the Serra dos Órgãos, in the Magé municipality and it could be framed as a lowland forest. An analysis of the history of the area was carried out since the Empire period until be turned into RPPN by the União dos Escoteiros do Brasil (UEB). A survey of biodiversity research was conducted in the area, as well as a new adapted floristic list of vascular plants from previous studies assessed for their conservation status. We found 283 species, with families Myrtaceae, Rubiaceae, Fabaceae, Asteraceae and Melastomataceae, as the most abundant respectively and 17 species framed in some threat category. This study expanded the knowledge of the species richness in this area, whose data can help determine the best management strategies for attaining the desired conservation of those species.

Keywords: flora, history, Magé, Atlantic forest, lowland forest, protected area.

Introdução

O bioma Mata Atlântica com apenas 8% de sua cobertura original, encontra-se extremamente devastado e ainda pouco se conhece sobre sua diversidade vegetal. Aproximadamente 95% da Floresta Atlântica se encontram em território brasileiro e o restante na Argentina e no Paraguai (Conservation International *et al.*, 2000). Das cerca de 20.000 espécies conhecidas, 40% delas são endêmicas. Em pequenos remanescentes, com frequência, são encontradas espécies ainda não descritas cientificamente e que podem ser extintas antes de se tornarem conhecidas. Informações sobre a composição da flora de uma determinada área podem ser obtidas diretamente em levantamentos de campo ou através de dados secundários coletados de estudos anteriores. Estas informações disponibilizam conhecimentos que servirão de base para o desenvolvimento de outros estudos, como a taxonomia, ecologia, distribuição geográfica e recuperação de áreas degradadas (Souza, 2009). Fornecem também informações importantes para a verificação de possíveis endemismos e para acrescentar conhecimentos que podem subsidiar a determinação de áreas prioritárias para a conservação (Borges & Azevedo *et al.*, 2011).

Os critérios de avaliação do risco de extinção levam em conta escalas temporais, espaciais, número de indivíduos, assim como a incidência de ameaças sobre a espécie, por isso também exigem a reunião de dados históricos sobre as mesmas. Assim, a revisão regular das Listas Vermelhas é uma importante medida a ser incorporada pelos países e estados, pois permite a análise de dados atualizados (Biodiversitas 2009 *apud* Martinelli & Moraes 2013).

Neste contexto, a União dos Escoteiros do Brasil (UEB), detentora de uma área de Mata de Baixada na região de Magé, Rio de Janeiro, em 2009, transformou a área em Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN), atendendo ao disposto na Lei do Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza, nº 9.985 de 18 de Julho de 2000. A elaboração do “Plano de Manejo da RPPN Campo Escoteiro Geraldo Hugo Nunes”, será mais um passo rumo à plena legalidade da ação de conservação do seu proprietário, definindo as atividades e normas de funcionamento e a identificação de setores ou zonas, com objetivos e normas de manejo específico, visando proporcionar meios para que todos os objetivos da unidade sejam alcançados de forma eficaz, levando em conta principalmente, a proteção da biodiversidade, finalidade de sua criação. Com isso, o objetivo geral é elaborar uma listagem das espécies ocorrentes na área, avaliando a categoria de ameaça de extinção em que se encontram em um fragmento de vegetação natural, em uma propriedade rural localizada na Cidade do Rio de Janeiro, além de uma análise da história da área.

Materiais e Métodos

- **Área de estudo**

A Reserva Particular do Patrimônio Natural Campo Escoteiro Geraldo Hugo Nunes está localizada no sopé da Serra dos Órgãos ($22^{\circ} 34' 42''$ S e $43^{\circ} 1' 46''$ W) no município de Magé – RJ. A área possui 20,3 ha e pertence à União dos Escoteiros do Brasil (UEB). Encontra-se situada em terreno plano, com pequenas elevações que não ultrapassam a cota de 40 m de altitude (Guedes, 1988). A floresta desta RPPN está inserida no bioma Mata Atlântica do Rio de Janeiro e apresenta-se como uma mata densa onde há grande variedade de samambaias, orquídeas e bromélias epífitas (Guedes, 1988). Estas características associadas ao tipo de solo permitem a caracterização da mata, como Mata Pluvial Tropical de Planícies Costeiras ou simplesmente como Mata de Baixada (Eiten, 1983) (Fig. 1).



Figura. 1 - Localização da RPPN Campo Escoteiro Geraldo Hugo Nunes. Magé, RJ. (Fonte Google Maps)

- **Levantamento e análise de dados**

As informações contidas no Livro de Registros de Atividades realizadas no CEGHN, no período de 1969 a 2014 (fig. 2), foram organizadas em planilha eletrônica (*Microsoft Office Excel 2007*). Os dados foram sistematizados por anos e meses em que área foi ocupada com atividades relacionadas a acampamentos escoteiros, cursos de formação de adultos, além dos alugueis feitos a terceiros para filmagens ou encontros de grupos

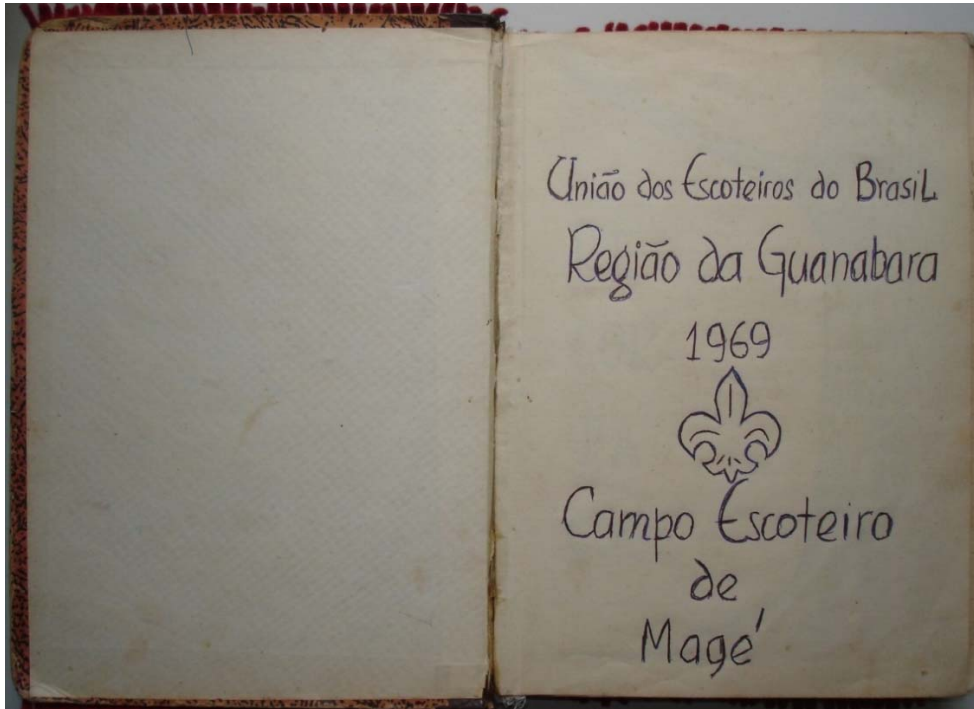


Figura 2 - Livro de registro de atividades do Campo Escoteiro Geraldo Hugo Nunes. Magé, RJ.

Foram compilados os dados referentes aos estudos de Guedes (1988), Tanizaki *et al* (1991) e o estudo etnobotânico na Comunidade Sertão para coleta de informações sobre as espécies úteis ou potencialmente úteis do entorno e da área da RPPN Campo Escoteiro Geraldo Nunes. Com isso foi elaborada uma listagem atualizada com estas informações sobre a vegetação da RPPN, sendo atualizados os nomes botânicos encontrados, seguindo a Lista de Espécies da Flora do Brasil (2012), com as espécies nativas e endêmicas assinaladas.

Quanto ao status de conservação, foi utilizada a busca de informações nas bases de dados de três listagens, a saber: Livro Vermelho da Flora do Brasil (Martinelli & Moraes, 2013); Lista Oficial das Espécies da Flora Brasileira Ameaçadas de Extinção (MMA, 2008); Espécies Ameaçadas de Extinção no Município do Rio de Janeiro Flora e Fauna (Secretaria

Municipal de Meio Ambiente, 2000).

Para a pesquisa relacionada à busca de arquivos e mapas, foi solicitado o acesso ao acervo documental da UEB da região do Rio de Janeiro, diretamente à coordenação local responsável pela identificação e organização dos conjuntos documentais da instituição. Os documentos foram organizados por ordem cronológica, de forma a que evidenciassem a ordem dos acontecimentos. Desde o relatório de análise da Viabilidade de Aquisição da área rural pela UEB regional em 1968, Cartas enviadas à UEB por pesquisadores em 1981 e 1988, Escritura Pública de Permuta no Terceiro Ofício de Notas em 1999, Requerimento para averbação da RPPN no Registro de imóveis do Segundo Distrito de Magé em junho de 2009, até o Certificado de Reconhecimento como Reserva Particular do Patrimônio Natural com Portaria e Decreto Estadual, em julho do mesmo ano (anexos 1- 6, respectivamente).

Resultados e Discussão

- História

A Baixada Fluminense é caracterizada por uma paisagem composta por maciços, colinas e planícies costeiras, tendo ao fundo, a Serra do Mar, que lhe proporciona uma rica rede hidrográfica, com rios que deságuam na Baía de Guanabara. As terras férteis e a localização estratégica atendiam às necessidades de logística facilitando o acesso e a saída de mercadorias nos primeiros séculos da colonização. O território, a princípio ocupado por indígenas, foi posteriormente ocupado por fazendas, onde se praticava a agricultura para o plantio de mandioca, milho, arroz, feijão, extrativismo de madeira e, de forma mais intensiva, o plantio de cana visando à produção de açúcar e aguardente em engenhos, próximos aos rios. Além da ocupação, galgada no modelo de atividade econômica vigente, a igreja também se estabelecia através da construção de capelas adjacentes às fazendas, que eram ligadas às igrejas matrizes, constituindo assim freguesias, vilas ou cidades.

O primeiro navio negreiro a aportar em portos fluminenses em meados do século XVI trouxe africanos para servir como mão de obra escrava em atividades de produção de bens e serviços nas fazendas, completando o grupo de ocupantes, ainda disperso (Figuerêdo, 2004).

...O progresso alcançado pela cana-de-açúcar e a construção de capelas e igrejas, por volta de 1650, deram início aos primeiros assentamentos humanos. Eram construções feitas sempre no alto dos morros e próximas da Baía de Guanabara. Do período inicial da colonização temos as localidades de Nossa Senhora de Pacobaíba, S. Nicolau do Suruí, Nossa Senhora da Piedade de Magepé, Nossa Senhora da Ajuda de Aguapé-mirim e Nossa Senhora da Piedade de Anhumirim. “Essas freguesias (...) cobriam um vasto território cultivado com cana e mandioca, onde funcionavam engenhos e uma rede de igrejas e matrizes com suas respectivas filiais”. (Figueiredo, 2008).

Com a descoberta das minas de ouro em Minas Gerais, a economia se diversificou voltando-se para a exploração do metal precioso que guarnecia a coroa portuguesa. Partindo de Parati percorria-se por três meses o Caminho dos Guaianás, sendo este o único acesso para alcançar o alto do Paraíba, através da Serra do Cunha, chegando à Província de Minas Gerais. Nos séculos XVII e XVIII foram abertos três caminhos oficiais que ligavam as províncias do Rio de Janeiro e de Minas Gerais, facilitando a passagem do ouro e das pedras preciosas como o Caminho novo do Pilar, na época pertencente à Magé, reduzindo os dias de viagem de três meses para aproximadamente, 15 dias. Posteriormente o Caminho do Pilar foi substituído pelo Caminho do Inhomirim, reduzindo a viagem até Minas Gerais para quatro dias (Fig. 3).

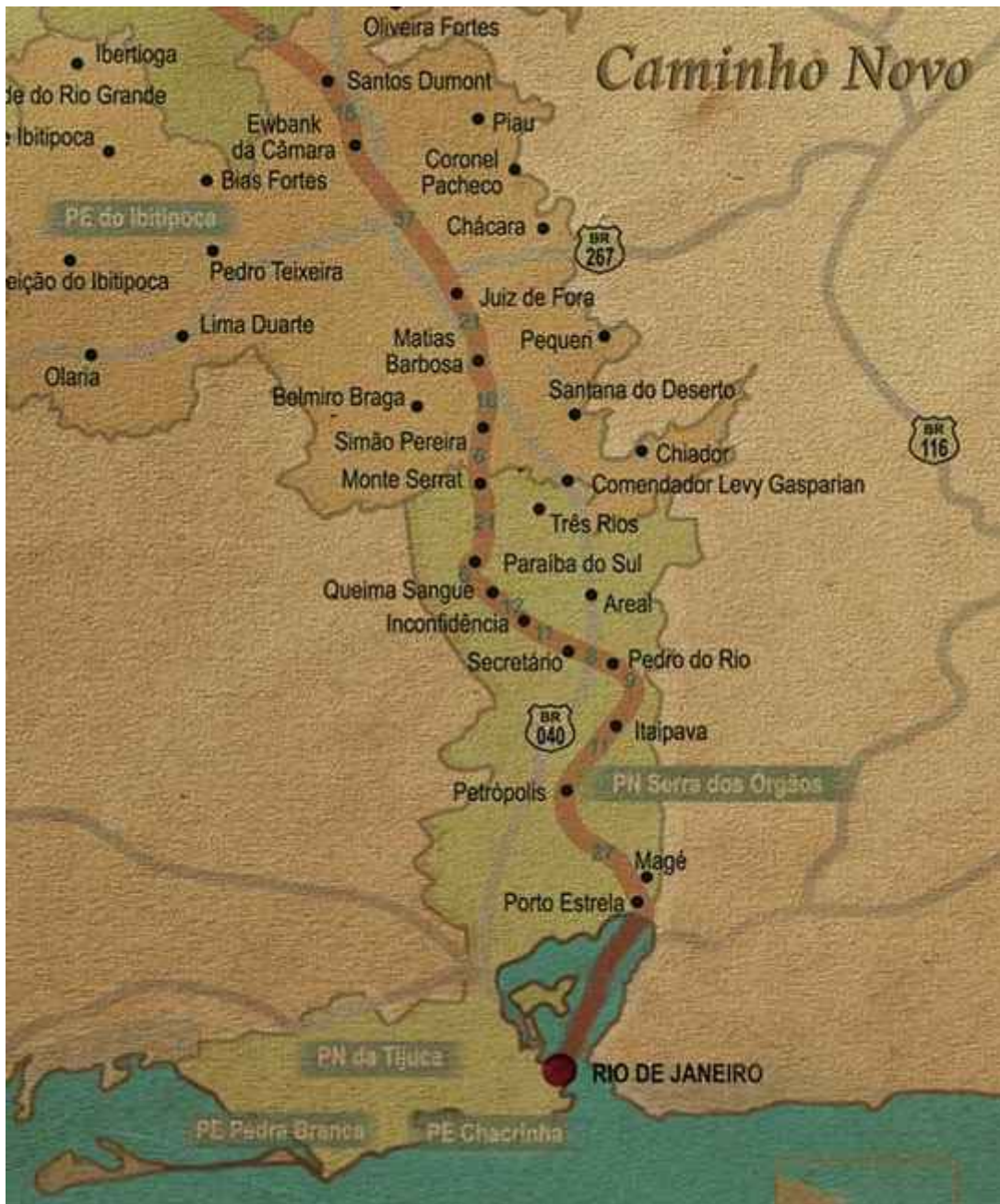


Figura 3 – Caminho do Inhomirim. Fonte: A História de Petrópolis (Haack, 2013)

No século XVIII, com o declínio do ciclo do ouro, a economia passou a girar em torno da produção cafeeira do Vale do Paraíba e do sul de Minas. Magé permanecia uma região de passagem com pequenos vilarejos que serviam de parada para os viajantes, com seus caminhos adaptados para dar passagem ao transporte de café vindo da mesma região. As estradas foram recuperadas e os portos de Iguçu e Estrela (Inhomirim) passaram a servir ao embarque da produção cafeeira do sul de Minas. Nessa época, o Porto de Estrela, onde hoje se localiza Vila Inhomirim, era o mais movimentado de todo o território brasileiro, somente superado pelo Porto do Rio de Janeiro. Em 1799, após

sucessivos pedidos de melhoria da estrada variante do Caminho Novo, o príncipe regente D. João aprovou a obra de calçamento da parte mais íngreme. Os caminhos variantes do Caminho Novo foram percorridos por tropeiros, exploradores e cientistas, a exemplo de Auguste de Saint Hilaire, já no século XIX, quando de sua viagem ao Rio de Janeiro e Minas Gerais. Saint Hilaire, em 1816, observou: *Deixando Aguassú [Iguaçu] não se tem que andar mais de meia légua para chegar ao sopé da serra. É em Aguassú [Iguaçu] que começa a ser navegável o pequeno rio ao qual o lugar deve sua origem e nome. O rio de Aguassú [Iguaçu] nasce a pequena distância da grande Cordilheira, e, lançando-se como o de Miriti na baía do Rio de Janeiro, fornece aos cultivadores da vizinhança um meio cômodo de transporte de seus produtos para a cidade. Deixando Aguassú [Iguaçu], entramos nessa estrada que chamam o caminho de terra* (Saint-Hilaire, 1938).

A importância do município de Magé durante o Segundo Império pôde ser comprovada com a inauguração, em 1854, da primeira ferrovia da América do Sul, a Estrada de ferro Mauá. Com nome oficial de Imperial Companhia de Navegação a Vapor e Estrada de Ferro Petrópolis, foi construída por iniciativa de Irineu Evangelista de Sousa, o Barão de Mauá (Fig. 4). Com uma extensão de 14,5 Km, seu trecho inicial era compreendido entre a estação de Guia de Pacobaíba, no atual município de Magé, até Frágoso, na localidade de Inhomirim. A extensão até Raiz da Serra deu-se em 1856, onde se iniciaria a subida por cremalheira para Petrópolis e Areal (AENFER, 2014).



Figura 4 - Região da Estrada de Ferro Mauá. Fonte: Coleção de Alfredo Ferreira Rodrigues, de Pelotas-RS. (ANPF, 2004).

No final do século XIX, com a abolição da escravatura, a produção cafeeira entrou em declínio levando a uma grave crise econômica que, aliada às condições insalubres da região, ocasionou a extinção das grandes plantações. O abandono das terras já degradadas, com rios assoreados, ocasionou enchentes e alagamentos no território municipal, propiciando surtos de malária e paralisando por décadas o desenvolvimento econômico da região (Figuerêdo, 2004). Em 1946, já havia sido iniciado o trabalho de drenagem dos rios da região, com benefícios diretos para as atividades urbana e agropecuária (Agenda 21/COMPERJ, 2011).

O desenvolvimento industrial impulsionou a abertura de novas estradas de ferro em direção ao interior do município, que começou a assistir a uma ocupação mais acentuada a partir da segunda metade do século XX. Em meados dos anos 1960, o serviço ferroviário de passageiros no trecho Piabetá-Guia de Pacobaíba foi extinto e a estação e a linha foram tombadas pelo Patrimônio Histórico. Entretanto, ainda resta um pequeno trecho da primeira ferrovia do Brasil com tráfego de trens entre Piabetá e Vila Inhomirim (AENFER, 2014).

A integração da Baixada Fluminense ao Rio de Janeiro teve como espinha dorsal a linha férrea, ramal Central do Brasil-Japeri, ocorrendo uma ocupação concentrada. A Rodovia Presidente Dutra, entregue ao tráfego somente em 1951, foi primeiramente destinada ao transporte de cargas aproveitando o Vale do Paraíba e a proximidade com São Paulo (Carneiro, 2001). Com acesso facilitado, tanto por rodovia quanto por ferrovia, é nesse cenário que a União dos Escoteiros do Brasil adquire o imóvel denominado Sertão, localizado em Citrolândia, no segundo distrito de Magé.

- A Criação da RPPN

No ano de 1969 a União dos Escoteiros do Brasil, após realizar análise de viabilidade, considera vantajoso o acesso ao distrito de Citrolândia por rodovia assim como por ferrovia, partindo da Estrada de Ferro Leopoldina no centro do Rio de Janeiro. A proximidade com o Parque Nacional da Serra dos Órgãos, facilitando a visitação e o envolvimento da instituição com o Parque, influenciou o parecer favorável à compra do sítio do Dr. José Mariano de Moraes, denominado Sertão Pequeno (obs. pess.):

... A proximidade do P.N.S.O. Teresópolis, as localidades próximas, a distância não muito grande da Guanabara quer por rodovia, quer seja por ferrovia, favorecem bastante.

Embora não seja o terreno ideal para um Campo Escola ou Parque de Escotismo, cremos que haja possibilidade de se reunir as condições e transformá-lo em um excelente CE. Se não considerarmos por este aspecto, cremos que a inversão de capital é benéfica (sic), para a Região, pois só a casa vale a metade do preço pedido.

É de parecer, portanto, que se deva (sic) comprar as referidas terras (anexo 1).

Como proprietário do sítio denominado Sertão, para ali estabelecer seu Campo Escola Escoteiro, a União dos Escoteiros do Brasil (UEB) inicia as atividades propostas para a área, como cursos de formação e acampamentos, a partir de junho de 1969.

Em documento direcionado à UEB em 1981, elaborado por pesquisadores de diversas instituições, foi solicitado que fossem concretizadas urgentes e enérgicas providências relacionadas ao “processo de destruição” que ora ocorria “por ação de terceiros, no Campo Escoteiro Geraldo Hugo Nunes”, manifestado de forma crônica ao longo dos anos através do corte de árvores isoladamente e, posteriormente, em forma de aguda ameaça, através de

desmatamento generalizado” (anexo 2). Esse alerta da comunidade científica pôde ser constatado pela informação contida em relatório de visita ao Campo Escola de Magé feito pelo apoio técnico da instituição, onde relata o resultado da inspeção no campo em 1981: *...Durante o percurso foram encontradas três picadas. A primeira terminava num terreno alagado, o que na opinião do caseiro, foi feita para extração de madeira (que serve para fabricação de tamancos), a segunda, não tinha nada que pudesse informar que tipo de atividade realizada (sic) e a terceira, parece ter sido feita há não mais de dois dias, pois a vegetação cortada ainda estava verde e com os ‘cavacos’ ainda próximos dos arbustos cortados e terminava num valão. Passando uma pequena ponte destruída encontramos uma clareira aberta com cerca de umas 12 árvores abatidas (local assinalado no croquis)”* cujos troncos não estavam lá, na opinião do Sr. José, a madeira retirada é a vulgarmente chamada de ‘CARRAPETA’. Além desse relatório observa-se, a partir dos dados contidos no Livro de Registros de Atividades Realizadas no CEGHN, que o ano de 1981 foi o que apresentou maior número de atividades realizadas na área, em 45 anos de uso (Fig. 5).

Posteriormente, em 1988, somou-se a essa, outra solicitação relacionada à preocupação da comunidade científica com a preservação da espécie *Leptolebias splendens* da Ordem Cyprinodontiformes, peixe anual que vive em poças temporárias no interior da mata. O documento alerta ser a mata do CEGHN o último recanto da espécie denominada, à época *Cynolebias sandrii*, sendo ali seu último recanto e dependendo dela para sobreviver em face à destruição dos habitats nas matas da base da serra de Petrópolis, seu local de ocorrência (anexo 3). Esta espécie encontra-se atualmente incluída na lista vermelha da União Internacional para Conservação da Natureza, na categoria VU (IUCN 2001).

Em 1999 a UEB adquire, através da Escritura Pública de permuta, a área confrontante com o Sítio Sertão, denominada Sítio Mindó, aumentando a área para acampamentos. Importante ressaltar que, neste mesmo documento de 1999, assinala-se ter sido dito em ato jurídico, por ambos contratantes que, sobre as áreas objeto de permuta, não exerciam nenhuma atividade rural ou agrícola (anexo 4).

Em 2009, após encaminhar requerimento para averbação de reserva particular do patrimônio natural (RPPN) na matrícula do imóvel no Registro Público de Magé e apresentando o Termo de Compromisso (anexo 5), a UEB transformou 20,3 ha da propriedade de aproximadamente 46 ha, em Reserva Particular do Patrimônio Natural, atendendo ao disposto na Lei do Sistema Nacional de Unidades de Conservação da

Natureza (SNUC, 2000), incluída na categoria de proteção integral. Foi reconhecida através da Portaria INEA/ RJ/ PRES nº 50 de julho de 2009 e de acordo com o Decreto Estadual nº 40909/2007 (anexo 6).

Verificou-se que as pesquisas realizadas na área do CEGHN, não foram registradas no livro de registros de atividades. A figura 5, que demonstra os usos relacionados às atividades escoteiras e alugueis nos 45 anos de ocupação da área, evidencia a intensificação no uso durante a década de 80 ao compará-la com a década anterior. Dados coletados, com fins comparativos, permitem evidenciar um considerável crescimento de 81,2% no número de eventos quando foram registradas 45 ocorrências ao longo de uma década.

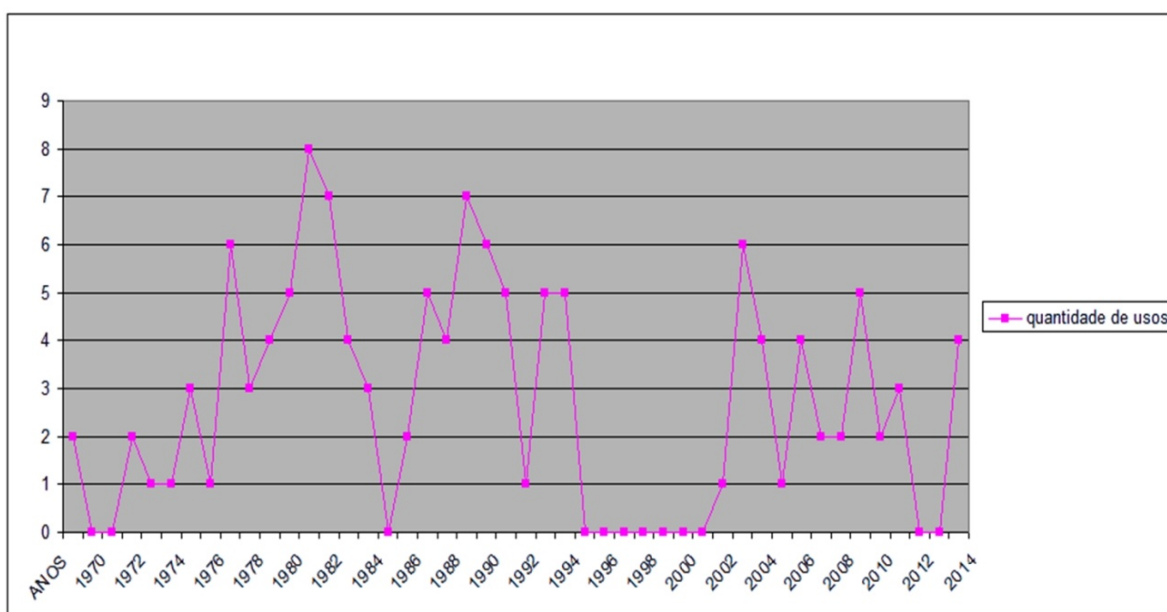


Fig. 5 - Variação na quantidade de usos pela UEB ao longo de 45 anos de ocupação da área do CEGHN, Magé, RJ, pela União dos Escoteiros do Brasil (UEB/RJ).

Além de evidenciar o crescimento exponencial do uso na década de 80, a tabela 1 mostra que não houve coleta de dados referentes ao uso no período de 1995 até 2001. As consultas feitas às fontes de informações, para a elaboração deste trabalho, não nos possibilitaram esclarecer os motivos da ausência dos dados: 1) área não utilizada, nesse período; *No período, por memória, houve decréscimo em associados. Quanto a obras, também por memória, o Campo de Magé sofreu adequações na parte interna da casa e almoxarifado e acredito que a compra do trator também foi nesta época. Assim sendo, nenhuma grande obra foi realizada nem grandes reposições de material para curso*

(Vasques, com. pess.) ou 2) problemas ocorridos na coleta/arquivamento dos dados.

- Pesquisas na área

A partir dos anos 1980, alguns estudos relacionados à flora, fauna e corpos d'água foram realizados na área em questão, dentre esses: o estudo da Composição Florística e Estrutura de um Trecho de Mata Perturbada de Baixada no Município de Magé, Rio de Janeiro por Guedes (1988), que elaborou uma primeira listagem de espécies de plantas vasculares encontrando 238 espécies, como *Miconia elaeodendron*, considerada rara (Baumgratz, com. pess.); Identidade e Redescritção de *Cynolebias sandrii* e *Cynolebias fluminensis* (Cyprinodontiformes, Rivulidae) (Costa & Lacerda, 1988), estudo em que é assinalado o reencontro de *Cynolebias sandrii*, na área do Campo Escola, região próxima à localidade típica, após mais de 41 anos do último registro de coleta; Descrição da Larva de *Neuraeschna costalis* (Burmeister), com Notas Sobre Sua Biologia e uma Chave para os Gêneros de Larvas *Aeshnidae* Brasileira (Anisoptera) (Carvalho, 1989) sendo a primeira larva da espécie *N. costalis*, encontrada no Rio de Janeiro, na área do Campo Escoteiro; Limnologia de um Pântano Temporário em uma Floresta Tropical (Tanizaki *et al.*, 1991), onde se demonstra a grande importância do estudo do ciclo hidrológico anual de sistemas palustres temporários pois revelam espécies desconhecidas e processos, a exemplo do peixe anual *Cynolebias Sandrii* que deposita seus ovos na poça, quando o sistema seca os pais morrem e somente os ovos permanecem. A ocorrência de tais peixes indica que ali ocorre um regime temporal de cheias, uma vez que essa espécie está adaptada somente a sistemas temporários com propriedades ambientais particulares. Quando ocorrem alterações na concentração de oxigênio-dióxido de carbono, o desenvolvimento embrionário é concluído (Remeur 1981 *apud* Tanizaki *et al.*, 1991).

Durante a amostragem no estudo de limnologia, foi realizada a identificação botânica de espécimes e elaborada uma lista de plantas ocorrentes no pântano, incluindo Samambaias e Licófitas. Foram encontradas 19 famílias e 39 espécies, sendo Bromeliaceae, a mais comum. No estrato herbáceo foi observada a presença de *Asplenium squamosum*, *Blechnum serrulatum*, *Lindsaea quadrangularis*, *Campyloneurum decurrens*, *Coccocypselum capitatum*, *Fuirena umbellata*, dentre outras. Tais espécies são relacionadas às áreas sombreadas e alagadas. No estrato arbustivo foi encontrada *Miconia serrulata*, *Schefflera angustissima*, *Alchornea iricurana* e *Cyathea praecincta*. As Epífitas

foram representadas pelas famílias Bromeliaceae e Piperaceae. Tanizaki *et al.*, (1991), ainda comparam a diversidade encontrada por Guedes (1988), ao explorar a mesma região estudada, a área do pântano, resultando em 38 famílias e 140 espécies.

Em relação à avifauna, Gonzaga (1984) realizou o estudo denominado Censo de uma população de *Amaurolimnas concolor* (Gosse, 1847) no Sudeste do Brasil, no qual fora encontrado, no lote de mata secundária que constitui a área do CEGHN, registro de *A. concolor*, espécie esparsamente distribuída na região neotropical.

As pesquisas na área prosseguiram com o mais recente estudo ali implementado e intitulado “Anfíbios anuros da RPPN Campo Escoteiro Geraldo Hugo Nunes, Município de Guapimirim (*sic*), Rio de Janeiro, Sudeste do Brasil” de Silva-Soares *et al.*, (2010). Os anfíbios anuros da região foram inventariados e estudados desde a década de 80 e, ao todo, 40 espécies da ordem Anura distribuídas em 10 famílias, foram encontradas na RPPN, representando aproximadamente 10% das espécies da Mata Atlântica, com uma delas *Chiasmocleis carvalhoi*, incluída na categoria “Em Perigo” de extinção, de acordo com a Lista Vermelha da IUCN segundo Silva - Soares *et al.*, (2010).

Em relação ao inventário florístico, a listagem de Guedes (1988), contava originalmente com 238 taxons. Após ter seus nomes atualizados e verificados seus sinônimos, apresentou 209 taxons, sendo adicionados 74 taxons, 27 provenientes do estudo de Tanizaki (1991) além de 47 do estudo etnobotânico realizado na comunidade do entorno da RPPN Campo Escoteiro Geraldo Hugo Nunes, resultando em 283 espécies pertencentes a 74 famílias. As famílias com mais espécies foram Myrtaceae (27), Rubiaceae (21), Fabaceae (19), Asteraceae (17) e Melastomataceae (14). (Tab.2 e Fig. 6).

Se considerarmos a ocorrência de espécies exóticas invasoras registradas aqui e que podemos caracterizar a área como um remanescente florestal de fácil acesso, pode ser atribuído que, em tempos pretéritos, antes da criação da RPPN, a ação predatória do homem, principalmente em busca de lenha, contribuiu com a diminuição da diversidade. Mesmo assim, há que se ressaltar que a reserva possui espécies de grande importância conservacionista para a flora. A RPPN guarda espécies pouco representadas nos herbários como *Doliocarpus grandiflorus* (Dilleniaceae), espécie nativa e endêmica que apresenta distribuição geográfica restrita à Mata Atlântica do sudeste do Brasil, nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro e ainda não avaliada quanto à ameaça, uma espécie considerada rara como *Miconia elaeodendron* (Melastomataceae), endêmica do Brasil com distribuição

restrita ao Estado do Rio de Janeiro, ainda não avaliada quanto à ameaça (Lista das espécies da Flora do Brasil, 2014). Esta reserva também retém uma importância em relação à alimentação de aves, com frutos das famílias Melastomataceae e Nyctaginaceae, em diversos estádios de maturação (verdes, vermelhos e anegrados), que servem como alimento para dezenas de aves, conforme afirmado por Guedes (1988).

Tabela 1: Listagem atualizada das espécies ocorrentes na RPPN e entorno com indicações das fontes e informações sobre categorias de ameaça: (VU) Vulnerável, (EN) Em perigo, (CR) Criticamente em perigo, (NT) Quase ameaçada e (LC) Menos preocupante. Espécie nativa do Brasil (*); Espécie nativa e endêmica do Brasil (**).

| Espécies | Informações Sobre Ameaças | Fontes | | |
|---|--|---------------|-----------------|-----------------|
| | | Guedes (1998) | Tanizaki (1991) | Presente Estudo |
| Acanthaceae | | | | |
| <i>Aphelandra squarrosa</i> Ness * | | ✓ | | |
| <i>Justicia</i> sp. | | ✓ | | |
| <i>Mendoncia velloziana</i> Mart.* | | ✓ | | |
| <i>Thunbergia grandiflora</i> (Roxb. ex Rottler) Roxb. | | | | ✓ |
| Alismataceae | | | | |
| <i>Echinodorus macrophyllus</i> (Kunth) Micheli ** | | | | ✓ |
| Amaranthaceae | | | | |
| <i>Pfaffia glabrata</i> Mart.* | LC (Livro vermelho da flora do Brasil (CNCFlora) - 2013) | ✓ | | |
| Anacardiaceae | | | | |
| <i>Anacardium occidentale</i> L.* | | | | ✓ |
| <i>Mangifera indica</i> L. | | | | ✓ |
| <i>Schinus terebinthifolius</i> Rad.* | | ✓ | | ✓ |
| <i>Spondias mombin</i> Linn.* | | ✓ | | |
| <i>Tapirira guianensis</i> Aubl.* | | ✓ | | |
| Annonaceae | | | | |
| <i>Cymbopetalum brasiliense</i> (Vell.) Benth.* | LC (Livro vermelho da flora do Brasil (CNCFlora) – 2013) | ✓ | | |
| <i>Guatteria australis</i> A. St.-Hil. ** | LC (Livro vermelho da flora do Brasil (CNCFlora) – 2013) | ✓ | | |
| <i>Guatteria latifolia</i> (Mart.) Fries** | | ✓ | | |
| <i>Xylopia lanceolata langsdorfiana</i> A.St.- Hil.& Tul.** | | ✓ | | |
| <i>Xylopia sericea</i> A.St.-Hil.* | | ✓ | | |
| Apocynaceae | | | | |
| <i>Geissospermum laeve</i> (Vell.) Miers* | | | | ✓ |
| <i>Himatanthus bracteatus</i> (A. DC.) Woodson** | | | | ✓ |
| <i>Odontadenia perrottetii</i> (A.DC) Woods* | | ✓ | | |
| <i>Tabernaemontana laeta</i> Mart.** | | ✓ | | |
| Apodanthaceae | | | | |
| <i>Pilostyles blanchetii</i> (Gardner) R. Br.* | | ✓ | | |
| Araceae | | | | |
| <i>Anthurium harrisii</i> (Grah.) G. Don.** | | ✓ | | |
| <i>Anthurium pentaphyllum</i> (Aubl.) G. Don.* | | ✓ | | |

| | | | | |
|--|--|---|---|---|
| <i>Anthurium pentaphyllum</i> (Aubl.) G. Don. var <i>pentaphyllum</i> * | | ✓ | | |
| <i>Caladium bicolor</i> (Aiton) Vent.* | | | | ✓ |
| <i>Colocasia esculenta</i> (L.) Schott. | | | | ✓ |
| <i>Monstera adansonii</i> Schott* | | ✓ | | |
| <i>Philodendron crassinervium</i> Lindt** | | ✓ | | |
| <i>Philodendron imbe</i> Schott** | | ✓ | | |
| <i>Philodendron oblongum</i> (Vell.) Kunth** | | ✓ | | |
| <i>Philodendron ornatum</i> Schott* | | | | ✓ |
| <i>Philodendron pedatum</i> (Hook) Kunth* | | ✓ | | ✓ |
| Araliaceae | | | | |
| <i>Schefflera angustissima</i> (Marchal) Frodin** | | | ✓ | |
| <i>Schefflera calva</i> (Cham.) Frodin & Fiaschi** | LC (Livro vermelho da flora do Brasil CNCFlora) – 2013) | ✓ | | |
| <i>Schefflera macrocarpa</i> (Cham. & Schltdl.) Frodin** | | ✓ | | |
| Areaceae | | | | |
| <i>Acrocomia aculeata</i> (Jacq.) Lodd. ex Mart.* | | | | ✓ |
| <i>Astrocaryum aculeatissimum</i> (Schott.) Burret** | LC (Livro vermelho da flora do Brasil CNCFlora) – 2013) | ✓ | | ✓ |
| <i>Attalea humilis</i> Mart.** | | | | ✓ |
| <i>Euterpe edulis</i> Mart.* | Anexo I (MMA2008) VU (Livro vermelho da flora do Brasil CNCFlora) – 2013) EN (Espécies em extinção (Mun. RJ - Flora) – 2000) | ✓ | | ✓ |
| <i>Syagrus romanzoffiana</i> (Cham) Glassman* | | | | ✓ |
| Aspleniaceae | | | | |
| <i>Asplenium squamosum</i> L.* | | | ✓ | |
| Asteraceae | | | | |
| <i>Albertinia brasiliensis</i> Spreng.** | | ✓ | | |
| <i>Chrysolaena platensis</i> (Spreng.) H. Rob.* | | | | ✓ |
| <i>Baccharis crispa</i> Spreng.* | | | | ✓ |
| <i>Eupatorium punctulatum</i> DC. | | ✓ | | |
| <i>Gochnatia polymorpha</i> (DC.) Cabr.* | | ✓ | | |
| <i>Heterocondylus alatus</i> (Vell.) R.M. King & H. Rob.** | | ✓ | | |
| <i>Lourteigia ballotifolia</i> (Kunth) R.M. King & H. Rob. | | ✓ | | |
| <i>Mikania argyreia</i> DC.** | VU (Livro vermelho da flora do Brasil CNCFlora) – 2013) | ✓ | | |
| <i>Mikania cynanchifolia</i> Hook. & Arn. ex B.L.Rob.* | | ✓ | | |
| <i>Mikania hirsutissima</i> DC.* | | | | ✓ |
| <i>Mikania nigricans</i> Gard.** | | ✓ | | |

| | | | | |
|--|---|---|---|---|
| <i>Mikania vitifolia</i> DC.* | | ✓ | | |
| <i>Piptocarpha leprosa</i> Baker* | | ✓ | | |
| <i>Piptocarpha macropoda</i> Baker** | | ✓ | | |
| <i>Sigesbeckia orientalis</i> L. | | | | ✓ |
| <i>Vernonanthura hilairiana</i> (Gardner) A.J. Veja & M.Dematteis | | | | ✓ |
| <i>Vernonanthura discolor</i> (Spreng.) H. Rob.* | | ✓ | | |
| Athyriaceae | | | | |
| <i>Diplazium plantaginifolium</i> (L.) Urb* | | | ✓ | |
| Bignoniaceae | | | | |
| <i>Adenocalymma comosum</i> (Cham.) DC.** | | ✓ | | |
| <i>Handroanthus chrysotrichus</i> (Mart. ex DC.) Mattos* | | | | ✓ |
| <i>Handroanthus heptaphyllus</i> (Vell.) Mattos* | LC (Livro vermelho da flora do Brasil CNCFlora) – 2013) | | | ✓ |
| <i>Jacaranda puberula</i> Cham.** | LC (Livro vermelho da flora do Brasil CNCFlora) – 2013) | | | ✓ |
| <i>Tabebuia cassinoides</i> DC.* * | Anexo II (MMA2008) EN (Livro vermelho da flora do Brasil CNCFlora) – 2013) EN (Espécies em extinção (Mun. RJ - Flora) – 2000) | ✓ | | |
| Bixaceae | | | | |
| <i>Bixa orellana</i> L. | | | | ✓ |
| Blechnaceae | | | | |
| <i>Blechnum serrulatum</i> Rich* | | | ✓ | |
| <i>Lomariopsis marginata</i> (Schrad) Kuhn** | | | ✓ | |
| <i>Salpichlaena volubilis</i> (Kaulf) J Sm.* | | | ✓ | |
| Boraginaceae | | | | |
| <i>Cordia sellowiana</i> Cham.** | | ✓ | | |
| <i>Cordia sericalyx</i> A. DC.* | | ✓ | | |
| <i>Cordia trichoclada</i> DC.** | LC (Livro vermelho da flora do Brasil CNCFlora) – 2013) | ✓ | | |
| Bromeliaceae | | | | |
| <i>Aechmea nudicaulis</i> (L.) Griseb var. <i>nudicaulis</i> ** | LC (Livro vermelho da flora do Brasil CNCFlora) – 2013) | ✓ | | |
| <i>Bilbergia pyramidalis</i> (Sims.) Lindt. var. <i>pyramidalis</i> * | | ✓ | | |
| <i>Neoregelia carolinae</i> (Beer.) Smith.** | | ✓ | | |
| <i>Nidularium</i> aff. <i>rutilans</i> E. Morr.** | | ✓ | | |
| <i>Quesnelia quesneliana</i> (Brong.) Smith.** | | ✓ | | |
| <i>Tillandsia gardneri</i> Lind.* | LC (Livro vermelho da flora do Brasil CNCFlora) – 2013) | ✓ | | |
| <i>Tillandsia stricta</i> Lind. var. <i>stricta</i> * | | ✓ | | |

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| <i>Tillandsia usneoides</i> (L.) L.* | | ✓ | | |
| <i>Vriesea erythroductylon</i> (E. Morr.) ex Mez.** | LC (Livro vermelho da flora do Brasil CNCFlora) – 2013) | ✓ | | |
| <i>Vriesea procera</i> (Mart. ex Sch. f.) W. Hm. var <i>procera</i> * | | ✓ | | |
| <i>Vriesea rodigasiana</i> E. Morr.** | LC (Livro vermelho da flora do Brasil CNCFlora) – 2013) | ✓ | | |
| Burseraceae | | | | |
| <i>Protium heptaphyllum</i> (Aubl.) Marchand* | | ✓ | | |
| Celastraceae | | | | |
| <i>Maytenus brasiliensis</i> Mart.** | LC (Livro vermelho da flora do Brasil CNCFlora) – 2013) | ✓ | | |
| <i>Maytenus communis</i> Reiss.** | | ✓ | | |
| Chrysobalanaceae | | | | |
| <i>Couepia venosa</i> Pran.** | | ✓ | | |
| <i>Hirtella hebeclada</i> Moric. ex DC.** | | ✓ | | ✓ |
| <i>Licania Kunthiana</i> Hook. f.** | | ✓ | | |
| Clusiaceae | | | | |
| <i>Garcinia gardneriana</i> (Planch.& Triana) Zappi* | | ✓ | | |
| <i>Tovomitopsis paniculata</i> (Sprez.) Engl.** | | ✓ | | |
| Costaceae | | | | |
| <i>Costus spiralis</i> (Jacq.) Roscoe | | | | ✓ |
| Crassulaceae | | | | |
| <i>Kalanchoe crenata</i> (Andrews) Haw. | | | | ✓ |
| Cyatheaceae | | | | |
| <i>Cyathea praecincta</i> (Kunze) Domin** | | | ✓ | |
| Cyperaceae | | | | |
| <i>Fuirena umbellata</i> Rottb.* | | | ✓ | |
| Dennstaedtiaceae | | | | |
| <i>Microlepia speluncae</i> (L.) T. Moore * | | | ✓ | |
| Dilleniaceae | | | | |
| <i>Davilla rugosa</i> Poir.* | | | | ✓ |
| <i>Doliocarpus grandiflorus</i> Eichl.* | | ✓ | | |
| Dryopteridaceae | | | | |
| <i>Polybotrya cylindrica</i> Kaulf.** | | | ✓ | |
| <i>Thelypteris longifolia</i> (Desr.) R.M. Tryon* | | | ✓ | |
| Erythroxylaceae | | | | |
| <i>Erythroxylum citrifolium</i> A.St. - Hil.* | | ✓ | | |
| <i>Erythroxylum coelophlebium</i> Mart.** | LC (Livro vermelho da flora do Brasil CNCFlora) – 2013) | ✓ | | |
| <i>Erythroxylum cuspidifolium</i> Mart.** | | ✓ | | |
| Euphorbiaceae | | | | |
| <i>Alchornea glandulosa</i> subsp. <i>iricurana</i> (Casar.) Secco | | | ✓ | |

| | | | | |
|--|--|---|---|---|
| <i>Alchornea triplinervia</i> Muell.* | | ✓ | | |
| <i>Aparisthium cordatum</i> (Juss.) Baill.* | | ✓ | | ✓ |
| <i>Croton piptocalyx</i> M. Arg.** | | ✓ | | |
| <i>Gymnanthes multiramea</i> Muell. Arg.** | | ✓ | | |
| <i>Mabea piriri</i> Aubl.* | | ✓ | | |
| <i>Pera glabrata</i> (Schott) Poepp. ex Baill.* | | ✓ | | |
| Fabaceae | | | | |
| <i>Albizia pedicellaris</i> (DC.) L. Rico* | | ✓ | | |
| <i>Andira anthelmia</i> (Vell.) Benth.** | | ✓ | | |
| <i>Bauhinia forficata</i> Link.* | | ✓ | | |
| <i>Bauhinia variegata</i> L. | | | | ✓ |
| <i>Chamaecrista ensiformis</i> (Vell.) H. S. Irwin & Barneby* | | ✓ | | |
| <i>Clitoria fairchildiana</i> R. A. Howard* | | ✓ | | |
| <i>Dalbergia frutescens</i> (Vell.) Britton* | | ✓ | | |
| <i>Inga barbata</i> Benth.** | | ✓ | | |
| <i>Inga bullata</i> Benth.** | | ✓ | | |
| <i>Inga striata</i> Benth.* | | ✓ | | |
| <i>Machaerium brasiliense</i> Vog.* | | ✓ | | |
| <i>Machaerium cf. hirtum</i> (Vell.) Stellfeld* | | ✓ | | |
| <i>Machaerium ternatum</i> Kuhl. & Hoehne** | | ✓ | | |
| <i>Phanera angulosa</i> (Vogel) Vaz** | EN (Espécies em extinção (Mun. RJ - Flora) – 2000) | ✓ | | |
| <i>Poecilanthe falcata</i> (Vell.) Heringer** | VU (Espécies em extinção (Mun. RJ - Flora) – 2000) | ✓ | | |
| <i>Pseudopiptadenia contorta</i> (DC.) G. P. Lewis & M. P. Lima** | | ✓ | | |
| <i>Pseudopiptadenia inaequalis</i> (Benth.) Raus.** | | ✓ | | |
| <i>Pterocarpus rohrii</i> Vahl* | | ✓ | | |
| <i>Swartzia simplex</i> (Sw.) Spreng var. <i>grandiflora</i> (Rad.) Cow.* | | ✓ | | |
| Heliconiaceae | | | | |
| <i>Heliconia angusta</i> Vell.** | Anexo I (MMA2008) VU (Espécies em extinção (Mun. RJ - Flora) – 2000) | ✓ | | ✓ |
| <i>Heliconia pendula</i> Wawra* | | | | ✓ |
| Humiriaceae | | | | |
| <i>Sacoglottis mattogrossensis</i> Malme var. <i>mattogrossensis</i> * | | ✓ | | |
| Hymenophyllaceae | | | | |
| <i>Trichomanes cristatum</i> Kulf.* | | | ✓ | |
| Lacistemataceae | | | | |
| <i>Lacistema pubescens</i> Mart.** | | ✓ | | |
| Lauraceae | | | | |
| <i>Aniba firmula</i> (Nees.) Mez.** | | ✓ | | ✓ |

| | | | | |
|--|--|---|---|---|
| <i>Ocotea aniboides</i> (Meisn.) Mez.** | | ✓ | | |
| <i>Ocotea cernua</i> (Nees.) Mez.* | | ✓ | | |
| <i>Ocotea</i> cf. <i>diospyrifolia</i> (Meiss) Mez.* | | ✓ | | |
| <i>Persea americana</i> Mill. | | | | ✓ |
| Lecythidaceae | | | | |
| <i>Lecythis lanceolata</i> Poir.** | LC (Livro vermelho da flora do Brasil CNCFlora) – 2013) | ✓ | | ✓ |
| Lindsaeaceae | | | | |
| <i>Lindsaea quadrangularis</i> Raddi.* | | | ✓ | |
| Lomariopsidaceae | | | | |
| <i>Lomariopsis marginata</i> (Schrad.) Kuhn** | | | ✓ | |
| Lygodiaceae | | | | |
| <i>Lygodium volubile</i> Sw* | | | | ✓ |
| Marantaceae | | | | |
| <i>Goepertia aemula</i> (Korn.) Borchs. & S. Suárez** | | ✓ | | |
| Marattiaceae | | | | |
| <i>Danaea nodosa</i> (L.) Sm.* | | | ✓ | |
| Melastomataceae | | | | |
| <i>Henriettea succosa</i> (Aubl.)DC.* | | ✓ | | |
| <i>Leandra Melastomoides</i> Raddi* | | ✓ | | |
| <i>Miconia albicans</i> (Sw.) Tria.* | | ✓ | | |
| <i>Miconia cinerea</i> Cogn.** | | ✓ | | |
| <i>Miconia elaeodendron</i> (DC.) Naud.** | | ✓ | | |
| <i>Miconia latecrenata</i> (DC.) Naud.** | | ✓ | | |
| <i>Miconia prasina</i> (Sw.) DC.* | | ✓ | | ✓ |
| <i>Miconia saldanhae</i> Cogn.** | | ✓ | | |
| <i>Miconia serrulata</i> (DC.) Naud.* | | ✓ | ✓ | |
| <i>Miconia wildenowii</i> Klot.** | LC (Livro vermelho da flora do Brasil CNCFlora) – 2013) | ✓ | | |
| <i>Ossaea confertiflora</i> (DC.) Tria.** | VU (Espécies em extinção (Mun. RJ - Flora) – 2000) | ✓ | | ✓ |
| <i>Pleiochiton blepharodes</i> (DC.) Reginato et al.** | LC (Livro vermelho da flora do Brasil CNCFlora) – 2013) | ✓ | | |
| <i>Tibouchina granulosa</i> (Desr.) Cogn.** | | | | ✓ |
| Meliaceae | | | | |
| <i>Cabralea canjerana</i> (Vell.) Mart. ssp. <i>Canjerana</i> * | | ✓ | | |
| <i>Guarea guidonia</i> (L.) Sleume* | | ✓ | | ✓ |
| <i>Guarea macrophylla</i> Vahl. ssp. <i>Tuberculata</i> (Vell.) Penn.** | | ✓ | | |
| <i>Trichilia catigua</i> A. Juss.** | | ✓ | | |
| <i>Trichilia martiana</i> C. DC.** | | ✓ | | |
| <i>Trichilia silvatica</i> C. DC.** | LC (Livro vermelho da flora do Brasil CNCFlora) – 2013) | ✓ | | |
| Menispermaceae | | | | |
| <i>Chondodendron platyphyllum</i> (St. Hil.) Miers.** | | ✓ | | |

| | | | | |
|---|---|---|--|---|
| <i>Cissampelos andromorpha</i> DC.* | | ✓ | | |
| Monimiaceae | | | | |
| <i>Mollinedia ovata</i> Ruiz & Pav.* | CR (Espécies em extinção (Mun. RJ - Flora) – 2000) | ✓ | | |
| Moraceae | | | | |
| <i>Artocarpus heterophyllus</i> Lam. | | | | ✓ |
| <i>Dorstenia cayapia</i> Vell.** | LC (Livro vermelho da flora do Brasil CNCFlora) – 2013) | ✓ | | |
| <i>Ficus clusifolia</i> Schott.** | | ✓ | | |
| <i>Ficus cf. organensis</i> (Miq.) Miq.** | | ✓ | | |
| <i>Helicostylis tomentosa</i> (P.E.) Rusby* | LC (Livro vermelho da flora do Brasil CNCFlora) – 2013) VU (Espécies em extinção (Mun. RJ - Flora) – 2000) | ✓ | | |
| <i>Pseudolmedia aff. hirtula</i> Kuhl.** | LC (Livro vermelho da flora do Brasil CNCFlora) – 2013) EN (Espécies em extinção (Mun. RJ - Flora) – 2000) | ✓ | | |
| <i>Sorocea bonplandii</i> (Baill.) W.C. Burger et al.* | | ✓ | | ✓ |
| Myrtaceae | | | | |
| <i>Eucalyptus cf robusta</i> Sm. | | | | ✓ |
| <i>Eugenia brasiliensis</i> Lam.** | LC (Livro vermelho da flora do Brasil CNCFlora – 2013) | ✓ | | ✓ |
| <i>Eugenia cerasiflora</i> Miq.** | LC (Livro vermelho da flora do Brasil CNCFlora – 2013) | ✓ | | |
| <i>Eugenia involucrata</i> DC.* | | ✓ | | |
| <i>Eugenia florida</i> DC.** | LC (Livro vermelho da flora do Brasil CNCFlora – 2013) | ✓ | | |
| <i>Eugenia mandioccensis</i> Berg.** | | ✓ | | |
| <i>Eugenia aff. magnifica</i> Spr. ex Mart.** | | ✓ | | |
| <i>Eugenia umbrosa</i> O. Berg.** | | ✓ | | |
| <i>Eugenia pisiformis</i> Cambess.** | LC (Livro vermelho da flora do Brasil CNCFlora – 2013) | ✓ | | |
| <i>Eugenia</i> sp. | | | | ✓ |
| <i>Myrcia grandifolia</i> Cambess.** | | ✓ | | |
| <i>Myrcia hebetata</i> D.C.** | | ✓ | | |
| <i>Myrcia innovans</i> Kiaersk.** | | ✓ | | |
| <i>Myrcia magnifolia</i> (O.Berg.) Kiaersk**. | CR (Livro vermelho da flora do Brasil CNCFlora – 2013) | ✓ | | |
| <i>Myrcia multiflora</i> (Lam.) DC.* | | ✓ | | |
| <i>Myrcia racemosa</i> (Berg.) Kiae.** | | ✓ | | |
| <i>Myrcia spectabilis</i> DC.** | | ✓ | | |
| <i>Myrciaria anonyma</i> Sobral** | | ✓ | | |
| <i>Myrciaria glaziouviana</i> (Kiaersk.) G.M. Barroso ex Sobral** | | ✓ | | |
| <i>Myrciaria glomerata</i> O. Berg** | | ✓ | | |
| <i>Plinia edulis</i> (Vell.) Sobral** | VU (Livro vermelho da flora do Brasil CNCFlora – 2013) | | | ✓ |
| <i>Psidium guajava</i> L. | | | | ✓ |
| <i>Syzygium cumini</i> (L.) Skeels | | | | ✓ |
| <i>Syzygium jambos</i> (L.) Auston | | | | ✓ |
| Indet.1 | | | | ✓ |

| | | | | |
|---|--|---|---|---|
| Indet.2 | | | | ✓ |
| Indet.3 | | | | ✓ |
| Nyctaginaceae | | | | |
| <i>Guapira nítida</i> (Mart. ex J. A. Schmidt) Lundell** | LC (Livro vermelho da flora do Brasil CNCFlora – 2013) | ✓ | | |
| <i>Guapira</i> aff. <i>opposita</i> (Vell.) Reitz* | | ✓ | | |
| Ochnaceae | | | | |
| <i>Ouratea cuspidata</i> (St. Hil.) Engl.** | LC (Livro vermelho da flora do Brasil CNCFlora – 2013) | ✓ | | |
| <i>Ouratea parviflora</i> (DC.) Baill.** | | ✓ | | |
| <i>Ouratea stipulata</i> (Vell.) Engl.** | | ✓ | | |
| <i>Ouratea verticillata</i> (Vell.) Engl.** | | ✓ | | |
| Orchidaceae | | | | |
| Indet. | | | | ✓ |
| Passifloraceae | | | | |
| <i>Passiflora</i> sp. | | | | ✓ |
| Phyllanthaceae | | | | |
| <i>Richeria</i> aff. <i>Grandis</i> Vahl.* | | ✓ | | |
| Picramniaceae | | | | |
| <i>Picramnia glazioviana</i> Engl.** | | ✓ | | |
| Piperaceae | | | | |
| <i>Peperomia corcovadensis</i> Gard.* | | ✓ | | |
| <i>Peperomia obtusifolia</i> (L.) A. Dietr.* | | ✓ | | |
| <i>Piper amplum</i> Kunth.* | | ✓ | | |
| <i>Piper anisum</i> (Spreng.) Angely** | | ✓ | | |
| <i>Piper arboreum</i> Aubl.* | | ✓ | | ✓ |
| <i>Piper cernuum</i> Vell.* | | ✓ | | |
| <i>Piper gaudichaudianum</i> Kunth.* | | ✓ | | |
| <i>Piper mollicomum</i> Kunth.* | | ✓ | | ✓ |
| <i>Piper truncatum</i> Vell.** | LC (Livro vermelho da flora do Brasil CNCFlora – 2013) | ✓ | | |
| Poaceae | | | | |
| <i>Bambusa multiplex</i> (Lour.) Raeusch. | | | | ✓ |
| <i>Bambusa</i> sp. | | | | ✓ |
| Polygalaceae | | | | |
| <i>Caamembeca laureola</i> (A. St. Hil. & Moq.) J.F.B. Pastore** | | ✓ | | |
| Polypodiaceae | | | | |
| <i>Campyloneurum decurrens</i> (Raddi) C. Presl** | LC (Livro vermelho da flora do Brasil CNCFlora – 2013) | | ✓ | |
| <i>Campyloneurum phyllitidis</i> (L.) C. Presl* | | | ✓ | |
| <i>Microgramma vacciniifolia</i> (Langsd. & Fisch.) Copel.* | | | ✓ | |
| <i>Pleopeltis hirsutissima</i> (Raddi) de la Sota* | | | ✓ | |
| <i>Polypodium angustum</i> (Humb.& Bonpl.ex Willd.) Liebm. | | | ✓ | |
| Primulaceae | | | | |
| <i>Cybianthus brasiliensis</i> (Mez.) Agos.** | | ✓ | | |

| | | | | |
|--|--|---|---|---|
| Pteridaceae | | | | |
| <i>Doryopteris rediviva</i> Fée** | VU (Livro vermelho da flora do Brasil CNCFlora – 2013) | | ✓ | |
| <i>Lindsaea Lancea</i> (L.) Bedd. var. <i>lancea</i> * | | | ✓ | |
| <i>Lindsaea quadrangularis</i> Raddi* | | | ✓ | |
| <i>Pityrogramma calomelanos</i> (L.) Link.* | | | ✓ | |
| Rosaceae | | | | |
| <i>Rubus rosifolius</i> Sm.* | | | | ✓ |
| Rubiaceae | | | | |
| <i>Schizocalix cuspidatus</i> (A. St.-Hil.) Kainul. & B. Bremer** | LC (Livro vermelho da flora do Brasil CNCFlora – 2013) | ✓ | | |
| <i>Coccocypselum capitatum</i> (Graham) C. B. Costa & Mamede** | | ✓ | | |
| <i>Coussarea graciliflora</i> Mull. Arg.** | | ✓ | | |
| <i>Faramea martiana</i> M. Arg.** | | ✓ | | |
| <i>Faramea multiflora</i> Rich. ex DC.* | | ✓ | | |
| <i>Geophila repens</i> (L.) John.* | | ✓ | | |
| <i>Margaritopsis astrellantha</i> (Wernham) L. Andersson* | | ✓ | | |
| <i>Margaritopsis cephalantha</i> (M.Arg.) C.M. Taylor* | | ✓ | | |
| <i>Psychotria cf. appendiculata</i> M. Arg. ex. Charm.** | | ✓ | | |
| <i>Psychotria carthagenensis</i> Jacq. Smith.** | | ✓ | | |
| <i>Psychotria deflexa</i> DC.* | | ✓ | | |
| <i>Psychotria gracilentia</i> M. Arg.* | | ✓ | | |
| <i>Psychotria hoffmannseggiana</i> (Wild. Ex Schult.) Müll. Arg.** | | ✓ | | |
| <i>Psychotria aff. melaneoides</i> M. Arg. | | ✓ | | |
| <i>Psychotria nuda</i> (Cham. & Sch.) Wawra** | | ✓ | | |
| <i>Psychotria platypoda</i> A. DC.* | | ✓ | | |
| <i>Psychotria racemosa</i> Rich.* | LC (Livro vermelho da flora do Brasil CNCFlora – 2013) | ✓ | | |
| <i>Psychotria tenerior</i> (Cham.) M. Arg.* | | ✓ | | |
| <i>Psychotria trichophora</i> M. Arg.* | | ✓ | | |
| <i>Psychotria vellosiana</i> Benth.* | | ✓ | | |
| <i>Rudgea recurva</i> M. Arg.** | | ✓ | | |
| Rutaceae | | | | |
| <i>Conchocarpus macrocarpus</i> (Engl.) Kallunki e Pirani* | | ✓ | | |
| <i>Hortia brasiliana</i> Vand. ex DC.* | NT (Livro vermelho da flora do Brasil CNCFlora – 2013) | | | ✓ |
| Salicaceae | | | | |
| <i>Casearia sylvestris</i> Sw.* | | ✓ | | |
| Sapindaceae | | | | |
| <i>Matayba guianensis</i> Aubl.* | | ✓ | | |

| | | | | |
|--|--|---|---|---|
| <i>Paulinia carpopoda</i> Camb.** | | ✓ | | |
| <i>Paulinia coriacea</i> Casar.** | | ✓ | | |
| <i>Paulinia weinmanniifolia</i> Mart.** | | ✓ | | |
| Sapotaceae | | | | |
| <i>Chrysophyllum imperiale</i> (Lindl.) Benth.** | EN (Livro vermelho da flora do Brasil CNCFlora – 2013) | ✓ | | |
| <i>Pouteria aff. caimito</i> (R & P.) Rad* | | ✓ | | |
| Simaroubaceae | | | | |
| <i>Simaba insignis</i> St. Hil. & Tul.** | EN (Livro vermelho da flora do Brasil CNCFlora – 2013) | ✓ | | |
| Siparunaceae | | | | |
| <i>Siparuna guianensis</i> Aubl* | | ✓ | | ✓ |
| Smilacaceae | | | | |
| <i>Smilax quinquenervia</i> Vell.* | | ✓ | | |
| <i>Smilax spicata</i> Vell.** | EN (Livro vermelho da flora do Brasil CNCFlora – 2013) | ✓ | | |
| <i>Smilax staminea</i> Griseb.* | | ✓ | | |
| Solanaceae | | | | |
| <i>Aureliana fasciculata</i> (Vell.) Sendtn.* | LC (Livro vermelho da flora do Brasil CNCFlora – 2013) | ✓ | | |
| <i>Brunfelsia bonodora</i> (Vell.) Macbr.** | | ✓ | | |
| <i>Cestrum schlechtendalii</i> G. Don* | | ✓ | | |
| <i>Solanum asterophorum</i> Mart.** | | ✓ | | |
| <i>Solanum chacoense</i> Bitter* | | ✓ | | |
| <i>Solanum leucodendron</i> Sendt.** | LC (Livro vermelho da flora do Brasil CNCFlora – 2013) | ✓ | | |
| <i>Solanum stramonifolium</i> Jacq.* | | ✓ | | |
| <i>Solanum swartzianum</i> Roem. & Schult.* | | ✓ | | |
| <i>Solanum vellozianum</i> Dunal** | | ✓ | | |
| Thymelaeaceae | | | | |
| <i>Daphnopsis schwackeana</i> Taub.** | | | ✓ | |
| Urticaceae | | | | |
| <i>Cecropia glaziovii</i> Sneth.** | | ✓ | | ✓ |
| <i>Cecropia hololeuca</i> Miq.** | | | | ✓ |
| Violaceae | | | | |
| <i>Anchietea pyrifolia</i> (Mart.) Don var. <i>pyrifolia</i> * | | ✓ | | |
| <i>Paypayrola blanchetiana</i> Tul.** | | ✓ | | |
| Zingiberaceae | | | | |
| <i>Renealmia petasites</i> Gagnep.** | LC (Livro vermelho da flora do Brasil CNCFlora – 2013) | | | ✓ |

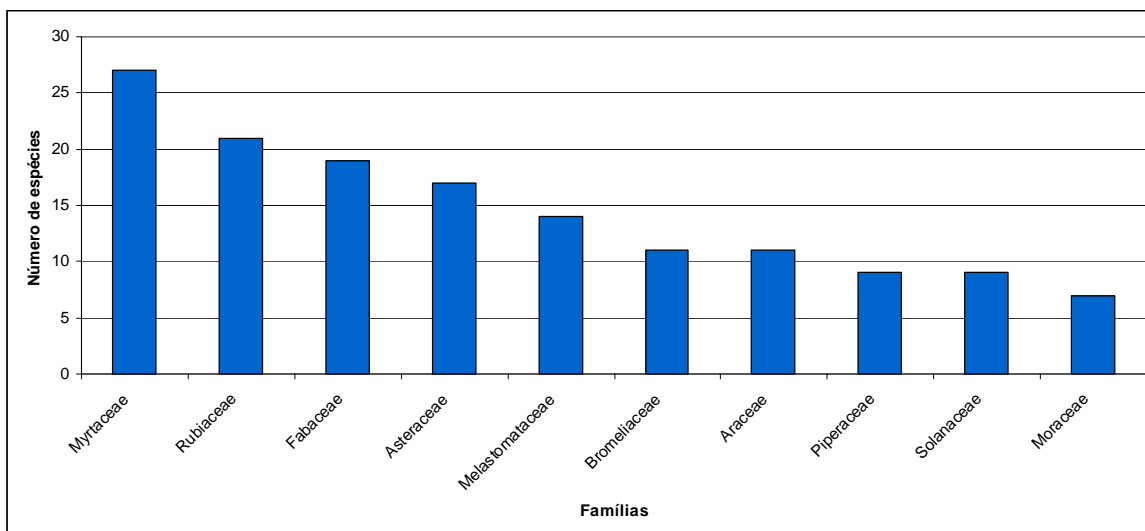


Figura 6: Famílias botânicas mais representativas em numero de espécies na RPPN Campo Escoteiro Geraldo Hugo Nunes e entorno. Magé, RJ.

Após a avaliação exposta acima, percebe-se que, dentre as 284 espécies, 17 estão enquadradas em algum tipo de ameaça (Tab. 2). Sem dúvida que o maior número de espécies se enquadra nas categorias de Em Perigo (EN), e Vulnerável (VU), tanto em Secretaria Municipal de Meio Ambiente (2000) como em (Martinelli & Moraes, 2013), evidenciado também na figura 7. As categorias VU e EN surgem como os principais status provavelmente em decorrência do extrativismo madeireiro e comestível, como no caso de *Euterpe edulis* (palmito). Vale ressaltar que a espécie *Euterpe edulis* foi a única indicada como ameaçada nas três fontes utilizadas neste trabalho. *Euterpe edulis* é uma espécie não cespitosa, de crescimento lento, sem capacidade de rebrota e dependente de florestas bem preservadas; além disso, vem sendo sistematicamente submetida a uma intensa exploração para a extração do palmito em praticamente toda a sua área de distribuição. A extração ocorre por meio da derrubada dos indivíduos adultos, preferencialmente aqueles de maior porte, e a subsequente retirada do meristema apical, levando à morte das plantas. Em muitos casos, todos os indivíduos adultos de uma área são explorados, levando à extinção da subpopulação, sendo assim, é possível suspeitar que a drástica redução na extensão da Mata Atlântica e o elevado grau de degradação de grande parte dos remanescentes de floresta tenham contribuído para uma redução no tamanho populacional e na AOO (área de ocupação) da espécie. Vários estudos demográficos apontam para uma baixa taxa de crescimento dos indivíduos, que podem levar vários anos (>10) para atingir a maturidade;

assim, a idade média dos indivíduos adultos em uma subpopulação é estimada em 20 anos. Devido a isso, é possível suspeitar que *E. edulis* tenha sofrido um declínio populacional de pelo menos 30% ao longo de três gerações, que correspondem a um período de tempo de 60 anos (Prieto 2012 *apud* CNCFlora, 2013). Na RPPN CEGHN a espécie *Euterpe edulis* vem sendo submetida à exploração para a extração do palmito de forma aparentemente pouco frequente.

A espécie *Tabebuia cassinoides* foi indicada como ameaçada em duas fontes. *T. cassinoides* é muito utilizada pelo seu potencial madeireiro, principalmente na confecção de lápis, instrumentos musicais e brinquedos, sendo considerada uma madeira leve, resistente e excelente para se trabalhar (Martinelli & Moraes, 2013). *Chrysophyllum imperiale*, com endemismo extremo para o sudeste do Brasil ocupa uma área de apenas 36 km², cresce em fragmentos de Florestas, em um tipo de habitat bastante específico. A perda e a degradação do habitat são citadas como ameaças em estudos, que também avaliaram a espécie como esparsa, tendo sido encontrado somente um indivíduo em 1000 m² de parcelas. Foi considerado que a espécie esteja sujeita a duas situações de ameaça de acordo com a presença ou ausência em unidades de conservação, justificando sua avaliação como "Em Perigo" (EN) de acordo com Martinelli & Moraes (2013).

Das 254 espécies nativas, 84% ainda não foram avaliadas pelo CNCFlora quanto ao risco de extinção no território nacional, entretanto nove foram já mencionadas na lista do Rio de Janeiro como vulneráveis, em perigo e, até mesmo, criticamente em perigo .

Dentre as 153 espécies nativas e endêmicas do Brasil, 25,5% encontram-se avaliadas quanto ao risco de extinção salientando-se *Ossaea confertiflora*, *Tabebuia cassinoides*, *Chrysophyllum imperiale*, *Plinia edulis*, *Mikania argyreia*, *Phanera angulosa*, *Poecilanthe falcata*, *Doryopteris rediviva*, *Simaba insigni*, *Smilax spicata*, *Myrcia magnifolia* e *Heliconia angusta*.

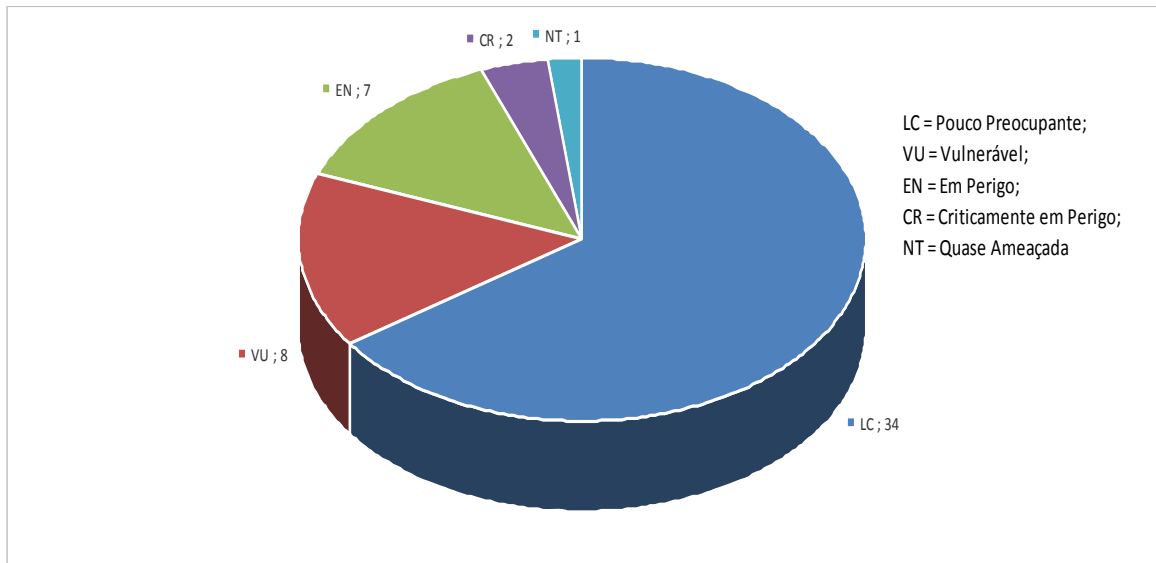


Fig. 7: Espécies em risco na RPPN Campo Escoteiro Geraldo Hugo Nunes e entorno. Magé, RJ.

Conclusões

A formação florestal em Magé encontra-se extremamente reduzida com a presença de fragmentos relativamente pequenos distribuídos de forma dispersa ao longo do seu território, assim como a RPPN Campo Escoteiro Geraldo Hugo Nunes, localizada em uma área de 20,3 ha, frente às áreas de assentamentos rurais. Embora categorizada de proteção integral, estas condições a colocam em situação de ameaças constantes que vão desde incêndios ocasionais devido ao manejo de capim em sua borda, o pastoreio não autorizado de gado bovino, sobretudo de vizinhos imediatos, somados à caça e ao extrativismo ilegal. Este último decorre principalmente de atividades relacionadas à coleta de recursos não madeireiros para suprir as necessidades da comunidade do entorno. A RPPN contém espécies nativas, endêmicas e raras, de potencial valor econômico, com algumas, incluídas em categorias de risco de extinção e outras que ainda não foram avaliadas no território nacional. Foram detectadas 17 espécies vegetais vasculares ameaçadas na RPPN, sendo duas, *Mollinedia ovata* da família Monimiaceae e *Myrcia magnifolia* da família Myrtaceae, como criticamente em perigo (CR), no estado do Rio de Janeiro e no território nacional, respectivamente.

As 34 espécies categorizadas como menos preocupantes (LC), bem como uma categorizada como quase ameaçada (NT), também são merecedoras de atenção principalmente por estarem localizadas em um remanescente de pequena dimensão como a RPPN CEGHN. Este fato é de suma importância, ao se considerar que, a área da RPPN

constitui um fragmento em situação parcial de isolamento, podendo influenciar o fluxo gênico das espécies de fauna e flora e encontra-se inserido em uma região como a Mata Atlântica, onde há interdependência entre as espécies com interações biológicas complexas (polinização, dispersão, predação, doenças). Se ocorrerem perdas em uma comunidade biótica ou o desaparecimento de uma planta ou animal as condições de existência de várias outras espécies ficarão comprometidas, sendo que, perdas de diversidade, assim como entre as árvores podem ser constatadas após longos períodos. A restauração e restabelecimento de florestas são possíveis, embora envolvam altos custos, além de condições prévias adequadas, tal como fonte de sementes e diversidade na paisagem circundante.

Espécies exóticas como *Artocarpus heterophyllus* e *Persea americana* trazem evidências de que os níveis de perturbação antrópica resultantes das medidas inadequadas de manejo aplicadas no passado têm afetado diretamente o processo de regeneração natural na área de estudo. A espécie nativa *Astrocaryum aculeatissimum* parece dominar a área e formar superpopulação prejudicando as demais espécies. Portanto estudos que a contemplem consistem em importante subsídio para o diagnóstico de dominância.

Nesse contexto, ações de mitigação para conservação das espécies nativas devem considerar as ameaças que foram observadas à reserva, quanto à extinção local de espécies e, portanto, à sua biodiversidade. Assim procuramos enumerar algumas dessas mitigações: trânsito de gatos e cães domésticos, trânsito de equinos, pastoreio de gado bovino no seu interior, acesso indevido de terceiros, pessoas estranhas ou não autorizadas pelo proprietário ou responsável, caça ou captura de fauna, retirada de vegetação sem o consentimento do proprietário ou responsável, balão em meio à vegetação, fogo no entorno imediato provocado pelo homem ou por causas naturais.

As seguintes ações são recomendadas frente às ameaças identificadas para a RPPN:

- Fortalecer o contato com o Mosaico Central Fluminense de áreas protegidas na região, descrevendo se existe a possibilidade da formação de corredores ecológicos com a RPPN;
- Elaborar projeto para implantar um Corredor Ecológico, acompanhando a mata do entorno da propriedade. Manejo florestal e sistemas agroflorestais no interior, entre áreas protegidas e em zonas críticas desencorajam o desmatamento em larga escala. São usos de baixo impacto, incentivados pela estratégia de corredores, cuja

implementação requer elevado grau de envolvimento e cooperação em todos os níveis;

- Estabelecer um rodízio de retirada de espécies, não ameaçadas, da mata do entorno da sede da RPPN para serem usadas como lenha para acampamentos e outros usos da UEB;
- Negociar o repasse do ICMS Ecológico com a Prefeitura Municipal, para auxiliar na manutenção da RPPN;
- O gado e demais animais domésticos que circulam na propriedade devem ter acesso impedido à área da RPPN;
- Avaliação geral da borda e do interior, com a identificação e caracterização das espécies de jaqueira ocorrentes na área, para subsidiar o manejo para a conservação da reserva;
- Fiscalizar as trilhas e o entorno da RPPN, de forma a estabelecer rotina, com vigilância própria ou em parceria com a Polícia Militar Ambiental, evitando a caça e coleta de material biológico ou outros na área da UC, conforme legislação vigente. Registrar o relatório dessas rondas no livro de registro contendo informações sobre a necessidade de manutenção de trilhas e cercas, as invasões de espécies exóticas e/ou animais domésticos, o acesso não autorizado de pessoas, ou qualquer outra ocorrência que interfira nos objetivos da RPPN;
- A manutenção das cercas, que circundam a RPPN, deve ser realizada de acordo com a necessidade indicada pelo relatório da ronda de fiscalização;
- Incêndios ou invasões à RPPN constituem transgressões ou ameaças, assim como extração de materiais e devem ser comunicadas imediatamente aos órgãos públicos competentes;
- Adquirir e manter bem conservado e em local de fácil acesso os equipamentos de combate a incêndio, de acordo com as necessidades locais e as recomendações do IBAMA (PrevFogo);
- Tentar uma aproximação com os moradores da redondeza, no sentido de serem reconhecidos como os vigilantes da Unidade. Para isto podem ser oferecidos cursos, palestras de temas relacionados à UC;

- Capacitar funcionários da UEB e também vizinhos para a formação de brigadas de incêndio para proteção da RPPN e áreas vizinhas;
- Instituir um conselho consultivo com a presença de membros da academia, moradores locais, educadores, trabalhadores e setor privado atuantes na região, defesa municipal, secretarias de cultura, turismo e arquitetura, órgãos ambientais dos três níveis da Federação (União, Estados e municípios);
- Estabelecer Câmara Técnica permanente criada pelo conselho e composta por representantes do colegiado como: Instituto Estadual do Ambiente (INEA), comunidade científica, agência de desenvolvimento turístico da região, secretaria de educação e cultura;
- Retomar contato e incentivar as instituições de pesquisas objetivando a disponibilização dos resultados das pesquisas feitas na RPPN;
- Incentivar pesquisadores a estudar a área no sentido de identificar os problemas que possam ser elucidados através da investigação científica, desenvolver projetos ou buscar parcerias com universidades e instituições que possam responder às questões discutidas no conselho; partilhar e tomar decisões;

Referências Bibliográficas

Agenda 21/COMPERJ. 2011. Disponível em

http://www.agenda21comperj.com.br/sites/localhost/files/Mage_0/. Acesso em 18 abr. 2014.

AENFER, 2014 – Associação de Engenheiros Ferroviários. Comemoração dos 160 Anos de Ferrovia no Brasil. Disponível em <<http://ferrovias.com.br/portal/comemoracao-dos-160-anos-de-ferrovia-no-brasil/>>. Acesso em 23 fev. 2015.

ANPF, 2004 – Associação Nacional de Preservação Ferroviária. O Sesquicentenário da Ferrovia no Brasil. V. A Primeira Ferrovia Inaugurada no Brasil. Disponível em <http://archive.is/BKqZ#selection-41.0-49.40> Acesso em 23 fev. 2015.

Borges, K.F. & Azevedo. M, A.M. 2011. **Inventário Florístico do Parque Estadual da Cachoeira da Fumaça**, ALEGRE/IBITIRAMA, ES.

- Carneiro, S.A.T. 2001. **Os (des) caminhos do migrante nordestino em Nova Iguaçu (RJ): de uma periferia a outra**. Niterói. Monografia de conclusão de graduação em Geografia. Departamento de Geografia. Universidade Federal Fluminense. 60 p.
- Carvalho, A.L. 1989. Description of the larva of *Neuraeschna costalis* (Burmeister), with notes on its biology, and a key to the genera of Brazilian *Aeshnidae* larvae (Anisoptera). **Odonatologica** **18**(4): 325-332.
- CNCFlora.2013. Disponível em: <http://cncflora.jbrj.gov.br/portal/pt-br/profile/Tabebuia%20cassinoides>. Acesso em 13 de maio de 2014.
- Conservation International, Fundação SOS Mata Atlântica, Fundação Biodiversitas, Instituto de Pesquisas Ecológicas, Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo & Instituto de Florestas-MG. 2000. **Avaliação e ações prioritárias para a conservação da biodiversidade da Floresta Atlântica e Campos Sulinos**. MMA/SBF, Brasília, 41p.
- Costa, W.J.E.M. & Lacerda, M.T. 1988. Identité et redescription de *Cynolebias sandrii* et de *Cynolebias fluminensis* (Cyprinodontiformes, Rivulidae). **Revue Aquariol.** **14**(4): 127-132.
- Costa, W.J.E.M. 2002. *Leptolebias marmoratus* (Cyprinodontiformes: Rivulidae: Cynolebiatinae): rediscovery and redescription of a rare, miniaturized forest dwelling seasonal fish from southeastern Brazil. **Ichthyology Explor. Freshwaters** **13**(4): 379-384.
- Eiten, G. 1983. **Classificação da vegetação do Brasil**. CNPq, Brasília. 305 p.
- Figueiredo J. L. 2008. **Fábrica Santo Aleixo: Magé, arte e patrimônio da industrialização (1847-1979)**. Niterói. Dissertação de Mestrado. Departamento de Ciência da Arte. Universidade Federal Fluminense. 163 p.
- Figuerêdo, M.A. 2004. Gênese e (re) Produção do espaço da Baixada Fluminense. **Revista geo-paisagem** **5**, ano 3, Janeiro/Junho. Disponível em: <http://www.feth.ggf.br/baixada.htm>>. Acesso em 23 fev 2014.
- Freitas, L. 2006(?). **Projeto Mosaicos no corredor da Serra do Mar (IA-RBMA/CEPF)**. Dossiê. 27 p.

- Fundação Biodiversitas. 2009. Lista da Flora Ameaçada de extinção. Disponível em <http://www.biodiversitas.org.br/floraBr/>.
- Gonzaga, L.P. 1984. Censo de uma população de *Amaurolimnas concolor* (Gosse, 1847) no sudeste do Brasil. **Resumos dos Anais do XI Congr. Bras. de Zoologia**. Curitiba, PR.
- Gradwohl, J. & Greenberg, R. 1991. Small forest reserves: making the best of a bad situation. **Climatic change**19: 235-256.
- Guedes, R.R. 1988. Composição florística de um trecho de mata perturbada de baixada no Município de Magé, Rio de Janeiro. **Arq. Jard. Bot. Rio de Janeiro** 29: 155-200.
- Haack, F. 2013. A História de Petrópolis. Disponível em: <http://ahistoriadepetropolis.blogspot.com.br/2013/03/o-blog-historia-de-petropolis.html>.
- INEA – Instituto Estadual do Ambiente. 2009. Disponível em: <http://www.inea.rj.gov.br/Portal/Agendas/BIODIVERSIDADEEAREASPROTEGIDAS/UnidadesdeConservacao/>.
- IUCN 2001 - International Union for Conservation of Nature. Disponível em <<http://www.iucn.org/>>. Acesso em 10 Mar. 2014.
- Laurence, W.F. & R.O. Bierregaard, Jr. (eds.) 1997. *Tropical Forest Remnants: Ecology, Management, and Conservation of Fragmented Communities*. University of Chicago Press, Chicago, Illinois, U.S.A. 616 p.
- Lista de Espécies da Flora do Brasil. 2012. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/>>. Acesso em 23 Fev. 2014.
- Martinelli, G. & Moraes, M. 2013. **Livro Vermelho da Flora do Brasil**. Ed. Andrea Jakobsson. 1ª edição. Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 1100 p.
- MMA – Ministério do Meio Ambiente. 2008. Instrução normativa nº6, 23 de setembro de 2008.

- Saint-Hilaire, A. 1938. **Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais**. Coleção Reconquista do Brasil. V.126, 1ª ed. Tradução: Clado Ribeiro de Lessa, 1977. Ed. Itatiaia & Universidade de São Paulo. 378 p.
- Schellas, J.& Greenberg, R. 1997. **Forest patches in tropical landscapes**. Washington; Island Press. 426p
- Secretaria Municipal de Meio Ambiente. 2000. **Espécies Ameaçadas de Extinção no Município do Rio de Janeiro: Flora e Fauna**.65 p.
- Shafer, C.L. 1990. **Nature reserves: island theory and conservation practice**. Washington: Smithsonian Institution Press. 185p.
- Silva-Soares, T., Hepp, F., Costa, P.N., Luna-Dias, C., Gomes, M. R., Carvalho e Silva, A.M.P.T. & Carvalho e Silva. 2010. Anfíbios anuros da RPPN Campo Escoteiro Geraldo Hugo Nunes, município de Guapimirim, Rio de Janeiro, sudeste do Brasil. **Biota Neotropica** **10** (2): 225-233.
- SNUC – Sistema Nacional de Unidades de Conservação. 2000.
<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19985.htm> Acesso em 15 de setembro de 2014.
- Souza, M.C., Kawakita, K, Slusarski, S.R. & Pereira, G.F. 2009. Vascular flora of the Upper Paraná River floodplain. **Brazilian Journal of Biology** **69** (2): 735-745.
- Tanizaki, K.; Torres, J.P.M. & Barros, A.A.M. 1991. **Limnology of a temporary swamp in a Tropical Forest in Brazil**.Pp. 13-18. *In*: I Simposium International de Estudos Ambientais de Florestas Tropicais Úmidas. Amazonas, Manaus.

Capítulo 2

Conhecimento local e uso dos recursos vegetais na Comunidade Rural Sertão, Rio de Janeiro

Resumo

O presente estudo enfocou a etnobotânica na Comunidade Rural Sertão, a partir do conhecimento local sobre os recursos vegetais dos antigos residentes no entorno da Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN) Campo Escoteiro Geraldo Hugo Nunes, área inserida na base do Parque Nacional da Serra dos Órgãos em Magé, Rio de Janeiro. Este estudo visou analisar qualitativamente o conhecimento local sobre o uso de plantas na área da RPPN e entorno, investigando a riqueza e diversidade de plantas, e comparar os dados obtidos com outros estudos etnobotânicos realizados na mata atlântica fluminense. Para tal, foram obtidos dados de entrevistas semiestruturadas para 24 informantes, que foram considerados como os principais detentores de conhecimento sobre o uso de plantas na Comunidade Rural Sertão e indicados através da técnica da Bola de Neve. Foram firmados os termos de consentimento prévio junto aos informantes para serem realizadas as técnicas para coleta de dados etnobotânicos (entrevistas semiestruturadas e individuais, turnê guiada, observação direta e listagem livre). Apenas 13 especialistas participaram do processo de técnica de listagem livre, quando foram registradas 140 citações de espécies úteis sendo as 67 espécies encontradas, distribuídas nas seguintes categorias de uso: medicinal, alimentar, construção, ornamental, religioso e tecnologia, cujas mais representativas foram: medicinal (46 espécies) alimentar (24 espécies). As maiores frequências de citação de uso foram para *Sorocea bonplandii* e *Jacaranda puberula* (69,2%), *Costus spiralis* (46,2%), *Lygodium volubile* e *Attalea humilis* (38,5%), *Geissospermum laeve* e *Eshinodorus macrophyllus* (30,8%). Considerando o conhecimento que possuem sobre o uso dos recursos vegetais, esses especialistas locais deveriam ser encarados como estratégicos para as iniciativas que objetivem a conservação dos recursos genéticos, salvaguardados nesta Unidade de Conservação.

palavras-chave: etnobotânica, mata atlântica, conhecimento local, unidade de conservação.

Abstract

This study focuses on the ethnobotany in the Sertão Rural Community, from the local knowledge of plant resources of the former residents surrounding the Private Reserve of Natural Wealth (RPPN) Campo Escoteiro Geraldo Hugo Nunes, an area nestled at the foot of the National Park of the Serra dos Órgãos, in the Magé, municipality, Rio de Janeiro. This study aimed to qualitatively analyze the local knowledge about use of plants in the RPPN area and surroundings, searching into the plants richness and diversity, and compare these data to other ethnobotanical studies in the Atlantic rainforest in Rio de Janeiro. For that, we obtained data from semi-structured interviews to 24 informants, who were considered as the main keepers of plant knowledge in the Sertão Rural Community and indicated through Snowball technique. The terms of consent were signed with the informants to be performed techniques to collect ethnobotanical data (semi-structured individual interviews, guided tour, direct observation and free listings). Only 13 experts attended the free listing technique process, when were recorded 140 citations of useful species, being the 67 species found distributed in the following categories of use: medicinal, food, construction, ornamental, religious and technology, whose most significant were medicinal (46 species) and food (24 species). The most frequent species and higher frequency of citations were related to *Sorocea bonplandii* and *Jacaranda puberula* (69, 2%), *Costus spiralis* (46, 2%), *Lygodium volubile* and *Attalea humilis* (38,5%), *Geissospermum laeve* and *Eshinodorus macrophyllus* (30,8%). Considering their knowledge about the use of plant resources, these local experts should be seen as strategic for initiatives aimed at the conservation of genetic resources, preserved in this protected area.

Keywords: ethnobotany, local knowledge, Atlantic Forest, Protected Area.

Introdução

A mata atlântica abrangia uma área de aproximadamente 1.300.000 Km², cobrindo, total ou parcialmente, 17 estados brasileiros até a chegada dos primeiros europeus em 1500. Embora reduzida a aproximadamente 27% de sua área original e distribuída em milhares de fragmentos remanescentes de vegetação nativa, ainda guarda altos índices de biodiversidade de fauna e flora (Teixeira, 2010). A riqueza da floresta atlântica foi estimada por Myers *et al.* (2000) em 20 mil espécies de plantas vasculares, sendo oito mil (40%) endêmicas. Das 472 espécies da flora brasileira que constam da Lista Oficial de Espécies Ameaçadas de Extinção, 276 espécies (mais de 50%) são da mata atlântica. Por ser uma área de elevado endemismo e ameaçada pela devastação, é considerada um dos *hotspots* tropicais para conservação. Aproximadamente 123 milhões de pessoas vivem na área da mata atlântica em 3410 municípios. Destes, 2.928 têm suas sedes municipais dentro da área da mata atlântica. A qualidade de vida desses quase 67% da população brasileira depende da preservação dos remanescentes, os quais mantêm nascentes e fontes, regulando o fluxo dos mananciais de água que abastecem as cidades e comunidades do interior, ajudam a regular o clima, a temperatura do solo e protegem escarpas e encostas de morros (Teixeira, 2010).

O principal mecanismo para a conservação da biodiversidade *in situ*, adotado por diversos países, é o estabelecimento de áreas protegidas ou unidades de conservação (Hanazaki, 2003). No interior ou no entorno de áreas protegidas, é notório que ainda residem populações humanas tradicionais e rurais, e algumas destas mantêm uma relação de dependência com o ambiente e com os recursos naturais (Marques 2013). Os modos de vida dessas populações, nem sempre são vistos como parte integrante da diversidade de espécies nos ambientes naturais, portanto, não são incluídos nos planos de conservação de uma forma geral (Fisher *et al.*, 2008; Colchester, 2000). No entanto, alguns estudos relacionados ao conhecimento etnobotânico em comunidades rurais reforçam a importância deste para a conservação da mata atlântica devido ao conhecimento acumulado sobre os recursos naturais ao longo de gerações (Fonseca-Kruel & Peixoto, 2004; Christo *et al.* 2006; Hanazaki *et al.*, 2006; Gandolfo, 2010; Quinteiro *et al.*, 2015). No Brasil as Unidades de Conservação vêm sendo regulamentadas pela Lei N^o 9.985 de 18/07/2000 que criou o Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC) que “*estabelece critérios e normas para a criação, implantação e gestão das unidades de conservação*”, cujos

critérios para sua criação têm evoluído bastante. O SNUC prevê a participação comunitária, inclusive a gestão compartilhada (co-gestão) da UC por Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP).

As primeiras unidades de conservação (UCs) criadas no Brasil foram os Parques Nacionais (Barros 1952). Entretanto, atualmente o SNUC (2000) reconhece 12 categorias de UCs, sendo cinco delas de Proteção Integral (Parque Nacional, Reserva Biológica, Estação Ecológica, Monumento Natural e Refúgio de Vida Silvestre) e sete de Uso Sustentável (Floresta Nacional, Área de Proteção Ambiental, Área de Relevante Interesse Ecológico, Reserva Extrativista, Reserva de Fauna, Reserva de Desenvolvimento Sustentável, Reserva Particular do Patrimônio Natural).

No estado do Rio de Janeiro, atualmente há 192 UCs de Uso Sustentável (MMA, 2014), sendo 70 reservas na categoria de Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN), gerenciadas no âmbito estadual pelo Instituto Estadual do Ambiente (Inea) e 64 RPPNs de âmbito federal, sob a responsabilidade do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) (MMA 2014). As RPPNs constituem uma categoria interessante de UC para desenvolvimento de estudos que envolvam a comunidade humana local, conhecimento etnobotânico e ações de conservação, pois nesta está prevista a visitação com objetivos turísticos, recreativos e educacionais (SNUC 2000). Com isso, estas comunidades que residem no entorno das RPPNs podem vir a gerar oportunidades de desenvolvimento local, para a complementação da geração de renda e emprego, resultando no aumento da qualidade de vida sem prejuízo à conservação ambiental (ex. turismo de base comunitária). Uma destas RPPNs no estado do Rio de Janeiro tem destaque, como a RPPN Campo Escoteiro Geraldo Hugo Nunes, UC de âmbito estadual e localizada em uma área de relevância em termos de diversidade florística. Nesta RPPN foram registradas 284 espécies vegetais, incluindo importantes ocorrências como a espécie considerada rara - *Miconia elaeodendron* (Baumgratz, com. pess.), pois a literatura se refere como sendo uma espécie endêmica do Brasil, encontrada nas regiões localizadas no sopé da Serra dos Orgãos, entretanto ainda não foi avaliada quanto ao *status* de conservação e grau de ameaça (Lista de Espécies da Flora do Brasil, 2014). Há também espécies vegetais incluídas na categoria “Criticamente em Perigo”, como *Molinedia cyathantha*, “Em Perigo” como *Euterpe edulis* e *Tabebuia cassinoides* e, ainda, *Plinia edulis*, na categoria “Vulnerável” (IUCN, 2001). No entorno desta RPPN existe uma comunidade rural, denominada Comunidade Rural Sertão, onde ainda existem antigos residentes com conhecimento acumulado sobre o ambiente natural local e seus recursos vegetais.

O estudo sobre a utilização ou potencial de uso das plantas por comunidades rurais circunvizinhas é importante pelo fato de identificar e registrar informações complementares às lacunas existentes, quanto à utilização das espécies vegetais do bioma mata atlântica, cujo potencial de uso em termos de alimentação, medicina, bem como a possibilidade de extração de resinas e corantes são pouco conhecidos. Nesta perspectiva, estudos realizados em comunidades estabelecidas nas cercanias de remanescentes de mata atlântica do Rio de Janeiro, comprovam que ainda há recursos vegetais com potencial de uso provenientes de áreas remanescentes dessas florestas (Christo *et al.*, 2006; Guedes-Bruni *et al.*, 2011). De acordo com Alcorn (1995) *apud* Zuchiwschi (2008) e Hanazaki (2003), as estratégias de conservação dos recursos naturais devem considerar uma maior integração entre os sistemas sociais e ambientais, assim como inclusão dos atores sociais envolvidos com os recursos, tanto nos planejamentos quanto nas tomadas de decisão. Desta maneira estes autores defendem, como outros, que há maior efetividade na conservação de recursos naturais quando há aproximação e envolvimento de comunidades humanas rurais/locais que manejam esses recursos. Nesse sentido os estudos etnobotânicos podem auxiliar em ações que relacionem e valorizem o saber local com as ações para conservação dos recursos.

O presente estudo visa investigar o conhecimento etnobotânico sobre as espécies vegetais úteis na Comunidade Rural Sertão que reside nas adjacências à RPPN Campo Escoteiro Geraldo Hugo Nunes, identificando as espécies com maior importância de uso atual e/ou potencial, registrando os tipos de usos. Visa também analisar o *status* de conservação destas espécies e comparar estes dados com outros estudos realizados no bioma mata atlântica.

Materiais e Métodos

- **Área de estudo**

O estudo foi realizado na zona rural do município de Magé (22° 35' 21'' S e 43° 01' 11'' W), estado do Rio de Janeiro. Segundo dados do IBGE (2010), este município possui 228.150 habitantes, dos quais 215.941 residem na zona urbana e 12.209 na zona rural. Parte da zona rural constitui a Comunidade Rural Sertão, localizada no entorno da Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN) Campo Escoteiro Geraldo Hugo Nunes, situada às margens da Rodovia BR-116/RJ, no km 111, em Citrolândia, entre os municípios de Magé e Guapimirim, RJ. O acesso se dá por todas as direções devido à existência de entroncamentos rodoviários próximos entre as várias rodovias BR e as ligações estaduais RJ existentes na região, além

da Estação de Citrolândia, no ramal ferroviário de acesso a Guapimirim. Nesta comunidade residem, em sua maioria, migrantes de outras regiões do país e do Estado do Rio de Janeiro. Conta com uma escola rural municipal de ensino fundamental. Devido à ausência de rede de tratamento de esgoto, a comunidade conta com fossa séptica e sanitária e sumidouro (Rocha, com. pess.). A energia elétrica é fornecida por concessionária de distribuição de energia elétrica e o gás é disponibilizado através da aquisição de Gás Liquefeito de Petróleo em vasilhames (GLP). Postos de saúde inexistem e o mais próximo está localizado em Citrolândia, distante da comunidade. O serviço de limpeza das vias públicas é fornecido regularmente pela Prefeitura de Magé (Secretaria Municipal de Serviços Públicos, 2014).

A RPPN Campo Escoteiro Geraldo Hugo Nunes possui 20,3 ha e foi criada em 2009 pela União dos Escoteiros do Brasil (UEB). Encontra-se situada em terreno plano, com pequenas elevações que não ultrapassam a cota de 40 m de altitude (Guedes, 1988), no sopé da Serra dos Órgãos (22° 34' 42" S e 43° 1' 46" W) em Magé. A área estudada está inserida no bioma mata atlântica do Rio de Janeiro e apresenta-se como uma floresta densa onde há diversidade de samambaias, orquídeas e bromélias epífitas (Guedes, 1988). Estas características associadas ao tipo de solo permitem sua caracterização como: Floresta Pluvial Tropical de Planícies Costeiras ou simplesmente como Floresta de Baixada (Eiten, 1983) (Fig. 1).

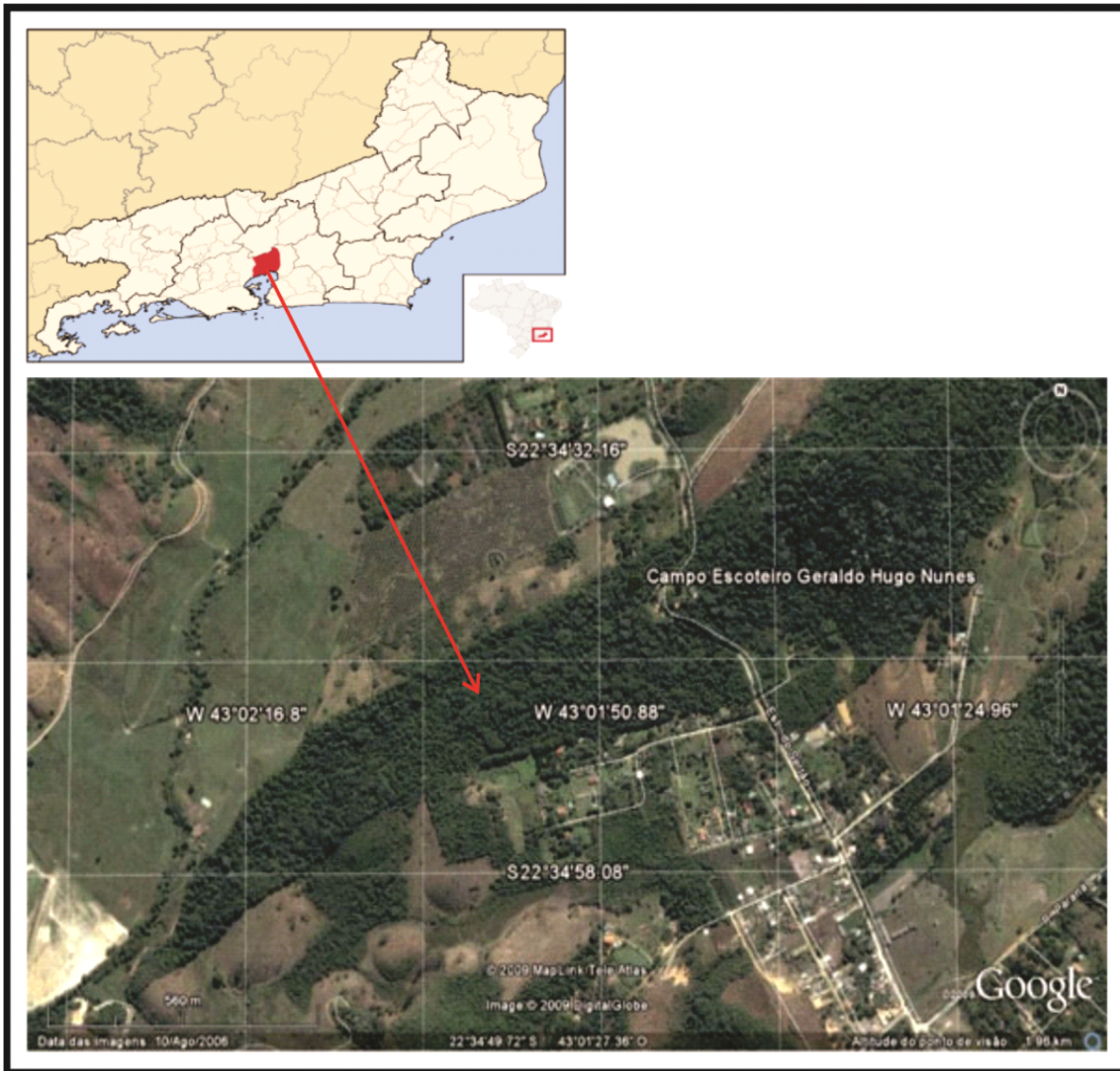


Figura 1 - Localização da RPPN Campo Escoteiro Geraldo Hugo Nunes, Magé, Rio de Janeiro. (Fonte Google Maps)

- **Seleção dos informantes**

O presente estudo obteve licença para acessar o conhecimento local através do pedido de autorização (nº 01450.004448/2015-51-DPI/IPHAN) ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), de acordo com a Medida Provisória nº. 2.186-16, de 23/08/2001 e o Decreto nº. 3.945, de 28/09/2001; e, para coleta de material botânico, foi solicitada a autorização ao Instituto Estadual do Ambiente (INEA), Portaria IEF/RJ/PR nº 227 de 18/12/2007.

Este estudo foi realizado a partir de amostragem intencional, método não probabilístico de escolha de informantes (Tongco, 2007). Foram realizados os primeiros contatos com alguns informantes e com o funcionário da União dos Escoteiros que residem na área, com intuito de obter informações necessárias à composição das entrevistas e planejamento da coleta de dados.

Para coleta de dados etnobotânicos e socioeconômicos foram utilizados os seguintes métodos: *técnica da bola de neve* (Bernard, 2006), *entrevistas semiestruturadas* (anexo 7) (Kottak, 1994; Albuquerque & Lucena 2004), *listagem livre* (anexo 8) (Bernard, 2006), *turnê guiada* (Alexiades & Sheldon, 1996; Albuquerque *et al.* 2008), *coletas de material botânico e análise documental* (Bernard, 2006). As *entrevistas informais e observações diretas* também foram utilizadas nas etapas preliminares desta pesquisa.

Para buscar os informantes com conhecimento sobre as plantas úteis, utilizou-se a técnica de bola de neve (Bernard, 2006), onde cada entrevistado indicou o nome de outro possível informante, de acordo com os critérios pré-estabelecidos, como: ser morador do entorno da RPPN, ou seja, na Comunidade Rural Sertão; possuir mais de 20 anos de vida nesta comunidade e ter mais de 40 anos de idade. Os informantes foram encontrados por meio destas indicações, e a base inicial de contato foi a Escola Municipal Nova Sertão, onde se realizou uma reunião geral para explicar os objetivos do estudo e assinar o “Termo de Consentimento Livre e Assistido” (anexo 9). A partir da assinatura do referido termo e seleção dos informantes, foram realizadas visitas técnicas para coleta de dados etnobotânicos às residências das pessoas indicadas. Estes informantes foram aqui tratados como especialistas locais (Albuquerque, 2008).

Visitas a campo foram realizadas com a periodicidade de dois dias, a cada quinze dias, durante seis meses consecutivos, no período de março a agosto de 2014. Salienta-se que, em cada visita, foi reforçada a importância do consentimento do especialista em participar das entrevistas e dos procedimentos de coleta de dados. Após este procedimento foram realizadas entrevistas a estes especialistas, selecionados a partir da pergunta principal: o Sr.(a) conhece e/ou utiliza plantas desta região? (Alexiades & Sheldon, 1996; Albuquerque *et al.*, 2008).

- Coleta e processamento dos dados

Para buscar o conhecimento etnobotânico sobre o uso local e/ou pretérito das espécies, foram aplicadas entrevistas semiestruturadas, seguidas por técnica complementar, a turnê-guiada (Alexiades & Sheldon, 1996; Albuquerque *et al.*, 2008) para coleta e identificação de plantas. Nas entrevistas semiestruturadas foram solicitadas informações referentes aos aspectos socioculturais dos entrevistados e uma relação das plantas úteis reconhecidas na área da RPPN e/ou comumente encontradas nas cercanias da comunidade incluindo espécies nativas e exóticas, com uso atual ou pretérito (anexo 7). Coletaram-se informações sobre uso atual e pretérito dos recursos vegetais, a partir da técnica de Listagem Livre (Bernard, 2006) (anexo 8), onde cada especialista local indicou

as dez principais espécies mais utilizadas (ou utilizadas no passado), na “Mata do Escoteiro” e seu entorno, pois a área da RPPN, em estudo, é reconhecida pelos residentes da Comunidade Sertão como a “Mata do Escoteiro”.

Durante as visitas técnicas à área e aplicação da técnica de listagem livre, foram feitas as seguintes perguntas: “Quais são as dez plantas mais importantes em termos de uso na área e entorno da “Mata do Escoteiro”? Quais são os seus respectivos usos? Onde podem ser encontradas?”. Estas informações foram organizadas após a coleta dos dados e distribuídas em seis categorias de uso: medicinal, alimentar, construção, ornamental, religioso, e tecnologia. Esta técnica foi utilizada para identificar o conhecimento local dos especialistas e seus domínios culturais e avaliar a variação intracultural no mesmo domínio (Bernard, 2006). Técnicas complementares foram realizadas após a listagem livre, como a técnica de triangulação, ou seja, nova leitura, após o especialista declarar não recordar de mais elementos, e também a técnica de sugestão semântica, para investigar que outros elementos do domínio são similares aos já citados, enriquecendo a listagem (Alexiades & Sheldon, 1996; Bernard, 2006).

Este estudo visou coletar o material botânico testemunho das plantas citadas para uso na listagem livre e na turnê guiada e identificação das espécies citadas. No momento da coleta deste material, foram identificados os nomes vernaculares e realizaram-se registros fotográficos das referidas espécies. A partir do material botânico testemunho coletado, foi elaborado um catálogo com o exemplar botânico e fotografias. Este catálogo foi levado aos cinco especialistas que não puderam participar no campo, durante a turnê guiada, pois alguns destes apresentaram limitações físicas ou preferiram não participar (Alcorn 1995 *apud* Alexiades & Sheldon, 1996; Boom, 1990), Este material coletado foi identificado por botânicos, literatura especializada e/ou comparado com exsiccatas do Herbário do Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro (RB) e logo em seguida, este testemunho, depositado no mesmo herbário.

Para verificar a origem das espécies, utilizou-se a base de dados da Lista de Espécies da Flora do Brasil (2012) e as indeterminadas não foram incluídas nos dados de origem das espécies.

- Análise de Dados

O presente estudo teve como enfoque a análise qualitativa (Bernard, 2006) para registrar o

conhecimento etnobotânico que os especialistas locais possuem sobre as espécies indicadas como úteis na Comunidade Rural Sertão. Após o processo de entrevistas (semiestruturadas, listagem livre e turnê guiada) foi gerada uma coleção de informações etnobotânicas, referentes aos domínios culturais de cada especialista local, e estes foram organizados em planilhas eletrônicas (*Microsoft Office Excel* 2007). Estes dados foram sistematizados por: nome científico e vernacular das espécies úteis, famílias botânicas, localização (onde cada espécie ocorre), a(s) categoria(s) de uso das espécies, parte(s) usada(s), nome do especialista local e data e local da entrevista.

Para avaliar o esforço amostral, foi utilizado o método da rarefação - Curvas de rarefação (Colwell 2009) para estimar o número esperado de espécies úteis para a área estudada, a partir do número de citações (de cada espécie indicada como útil e por cada especialista). Para gerar a curva de rarefação utilizou-se o programa *EstimateS* (Colwell 2009), onde os especialistas locais foram considerados unidades amostrais e as espécies úteis as variáveis.

A partir do conhecimento etnobotânico dos especialistas locais foi realizada uma análise das espécies indicadas como úteis, utilizando o cálculo da frequência de citação, saliência e ranking de preferências, com o auxílio do programa *ANTHROPAC 4.0* (Borgatti 1996 a, b). Foi utilizado o índice de Smith (Borgatti, 1996 a, b) que consiste em uma medida da saliência de cada item obtido na listagem livre (com valores de 0 a 1) que se baseia na frequência absoluta e maior coincidência de posição de citação destes itens da listagem livre entre os especialistas locais, promovendo assim um ordenamento dos itens da listagem.

Para comparação das espécies úteis indicadas na listagem livre com outros estudos, foi elaborado um extenso levantamento bibliográfico para buscar outras referências sobre informações etnobotânicas em outras áreas de mata atlântica fluminense. A partir deste levantamento foi possível realizar uma análise de similaridade através do agrupamento, ou método de *clusters* (Valentim 1995; Höft *et al.*, 1999; 2002; Peroni 2002), usando UPGMA (*Unweighted Pair-Group Method Using Arithmetic Averages*), com o software MVSP (*Multivariate Statistical Package*) versão 3.12d (Kovach, 2001). O MVSP foi utilizado para reconhecer as espécies citadas como úteis em diversas áreas de mata atlântica do Rio de Janeiro e com o maior grau de similaridade em relação às espécies úteis indicadas (Valentim, 1995). Nesta análise foi usado o coeficiente de similaridade Sorensen devido à natureza binária dos dados, e a não consideração das duplas ausências (Valentim, 2002). Para a Comunidade Rural Sertão (Magé), os especialistas locais foram considerados, como unidades amostrais e as espécies úteis as variáveis. Logo foi elaborada uma matriz de presença e ausência de citação para cada

espécie indicada por cada especialista local estudado. Desta maneira foi realizada uma matriz para cada informação obtida nos estudos etnobotânicos levantados em bibliografia e aqui comparados. Estas matrizes foram reunidas em uma única matriz de presença/ausência de citação para as cinco áreas analisadas.

- Resultados

Modo de Vida na Comunidade Rural Sertão – Existe cerca de 700 pessoas e 485 residências, de acordo com informações obtidas junto à associação de moradores local (Batista *com. pess*). Os residentes desta área são representados, principalmente por descendentes de colonizadores europeus e africanos. Estes habitantes nativos não são considerados estritamente tradicionais, ainda que tenham vivido na região por gerações e compartilhem características gerais dos habitantes rurais brasileiros.

Das 485 residências da Comunidade Sertão, 24 pessoas consentiram em participar da pesquisa, sendo 11 homens (com idades entre 42 e 75 anos) e 13 mulheres (com idades entre 45 e 80 anos). Desta amostra, 33% exerciam atividades ligadas ao trabalho rural, como lavrador e encarregado rural, 80 % não eram nativos da área de estudo, mas vivem nesta região há mais de 30 anos. Apenas um entrevistado completou o ensino fundamental, cinco destes não possuem o ensino regular e mais da metade seguiram seus estudos até a quarta série do ensino fundamental. Em relação ao percentual de conhecimento sobre a RPPN, 70,8% disseram conhece-la e para 45,8%, a reserva tem significado positivo relacionado à oferta de oportunidades de trabalho para a comunidade, para o provimento de água, lazer e bem estar, manutenção da temperatura, proteção do meio ambiente.

Etnobotânica na Comunidade Rural Sertão – A partir da técnica de entrevistas semiestruturadas (n= 24) foram obtidas 308 citações de uso para 76 espécies vegetais úteis da área da RPPN e/ou comumente encontradas nas cercanias da comunidade sendo 34 espécies nativas. Foram encontradas 34 famílias botânicas, sendo as mais representativas: Asteraceae (10), seguida de Lamiaceae (9), Euphorbiaceae (5), Fabaceae, Solanaceae e Amaranthaceae (4). (Fig. 2)

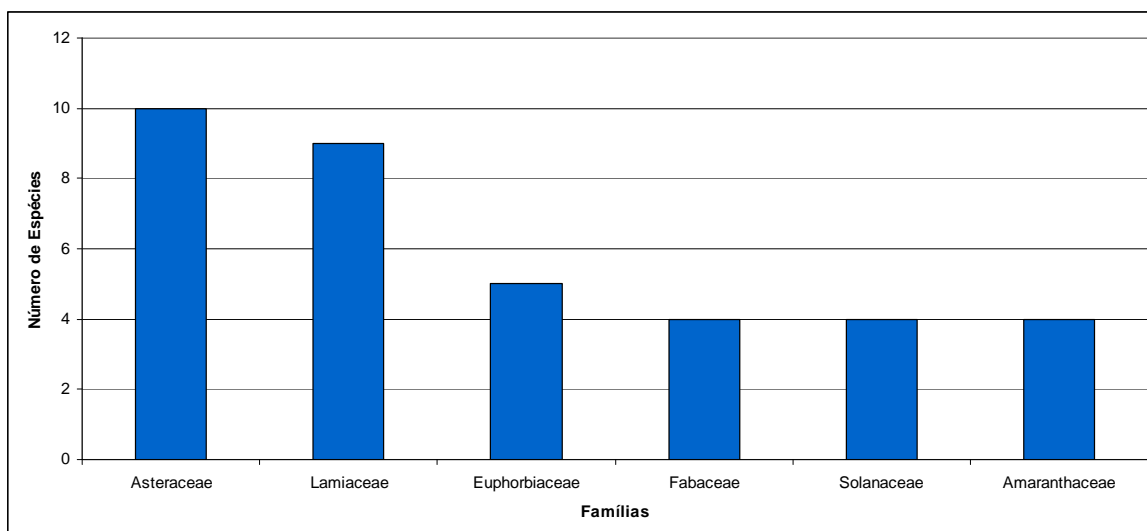


Figura 2 - Famílias mais representativas nas entrevistas semiestruturadas (n = 24) na Comunidade Sertão. Magé, RJ

As formas de vida encontradas nas entrevistas semiestruturadas foram herbácea (41), arbórea e arbustiva (13), trepadeira (6) e subarbustiva (3).

Dentre os 24 entrevistados locais, 70,8 % disseram conhecer a vegetação que abrange a RPPN Campo Escoteiro Geraldo Hugo Nunes e, nas entrevistas, identificou-se que eles reconhecem a área da RPPN Campo Escoteiro Geraldo Hugo Nunes como a “Mata do Escoteiro”, tanto a parte plana quanto a de relevo e pertencente à RPPN. Entretanto reconhecem na “Mata do Escoteiro” diferentes áreas como zonas de recursos vegetais (nas cercanias da RPPN): “Mata de Cima” ou “Parte do Morro”; “Mata de Baixo” ou “Baixada” ou “Parte Baixa”; e na área de delimitação da RPPN, “Mato”, “Beira ou Beirada da Mata” “Beira ou Beirada do Mato” e “Mato da Beira da Estrada” (Fig. 3).



Figura 3 - Localização das Zonas de Recursos Vegetais da RPPN Campo Escoteiro Geraldo Hugo Nunes e entorno reconhecidas por informantes (n = 13) da Comunidade Sertão. Magé, RJ: 1 – parte plana, “mata de baixo”, “baixada”, “parte baixa”. 2 – “Mata de cima”, “parte do morro”. 3 – “Mato, beira do mato, beirada do mato, beirada da mata, mata da beira da estrada”.

Dos 24 entrevistados ao longo da pesquisa etnobotânica e indicados na técnica da Bola de Neve por possuírem maior conhecimento sobre a flora útil do entorno da comunidade e da mata da RPPN, apenas 13 foram selecionados como especialistas e participaram do processo da técnica de Listagem Livre. Nesta técnica foram obtidas 140 citações de uso para plantas, das quais 73 foram citadas como provenientes da área da reserva e seu entorno imediato (mata de baixo), com 25 citações exclusivas para esta zona; 32 como provenientes do remanescente não protegido que faz parte da propriedade (mata de cima) e 17 crescendo espontaneamente no entorno (beirada da estrada) (Fig. 4), sendo que, das espécies citadas para uso, 33% são nativas (Tab. 2).

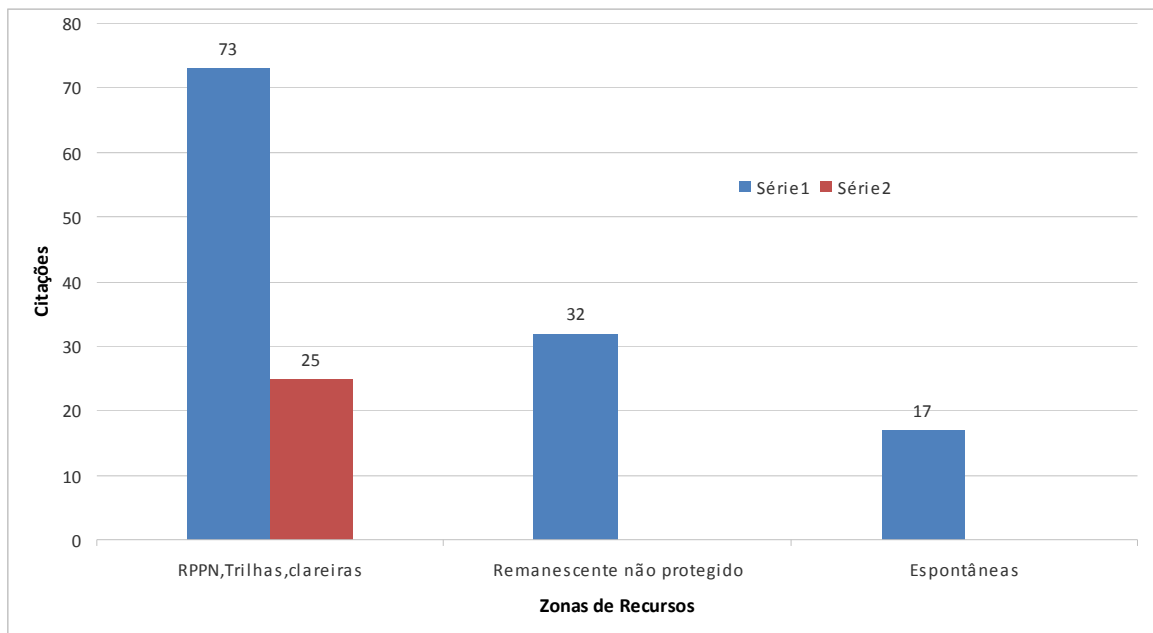


Figura 4 - Distribuição das espécies por zonas de recursos vegetais indicados na Listagem Livre por 13 especialistas da comunidade Sertão. Magé, RJ.

As espécies encontradas foram distribuídas nas seguintes categorias de uso: Medicinal (46 espécies), Alimentar (24 espécies), Construção (12 espécies), Religioso (9 espécies), Tecnologia (7 espécies) e Ornamental (4 espécies). (Tab.2).

Dez espécies vegetais nativas do interior da floresta da RPPN foram salientadas como sendo as mais importantes plantas em termos de uso (Tab. 1).

As espécies com maiores frequências de citação foram relacionadas aos usos medicinais e alimentares (Tab. 1). Dentre as medicinais, *Jacaranda puberula* (69,2%), é usada para fazer “chá para banho para infecção na pele, coceira, machucados, inflamação, limpar o sangue, sarna”; *Sorocea bonplandii* (69,2%) é usada para “fazer chá para gastrite, dor - de - estômago, rins, pressão, ácido úrico”; *Costus spiralis* (46,2%) para “chá e banho para os rins e coceiras”; *Echinodorus macrophyllus* (30,8%) para “chá para pressão, diabetes, rins”, *Geissospermum laeve* (30,8%) para “dor-de-estômago, febre, ressaca”. Dentre as alimentares *Attalea humilis* (38,5 %), *Myrciaria glazioviana* e *Astrocaryum aculeatissimum* (30,8%) também se encontram com os maiores valores de frequência de citação, sendo que a primeira também foi citada para construção, além de *Bambusa* sp.

(30,8%). *Lygodium volubile* (38,5%) foi citada para uso religioso como “descarrego e defumador”.

Os valores de saliência das espécies utilizadas pelos 13 especialistas variaram entre 0,005 e 0,375 (Tab. 1). Dentre as 10 espécies com maiores índices de saliência destacaram-se: *Lygodium volubile* (0,375), *Sorocea bonplandii* (0,337), *Costus spiralis* (0,298), *Bambusa* sp (0,283), *Myrciaria glazioviana*(0,281), *Plinia edulis* (0,199), *Echinodorus macrophyllus* (0,177), *Piper mollicomum* (0,153), *Chrysolaena platensis* (0,147), *Astrocaryum aculeatissimum* (0,135).

A técnica de turnê guiada foi complementar às técnicas de entrevistas, para coletar o material testemunho relacionado às plantas citadas na listagem livre. A curva de rarefação obtida a partir de 140 citações de uso para as 67 espécies úteis e indicadas pelos 13 especialistas locais, não apontou uma tendência para a estabilidade (Fig. 5). Tal resultado demonstrou que para tender a estabilidade, provavelmente, seria necessário aumentar o esforço amostral, assim como intensificação de coletas na área e por mais tempo de trabalho de campo.

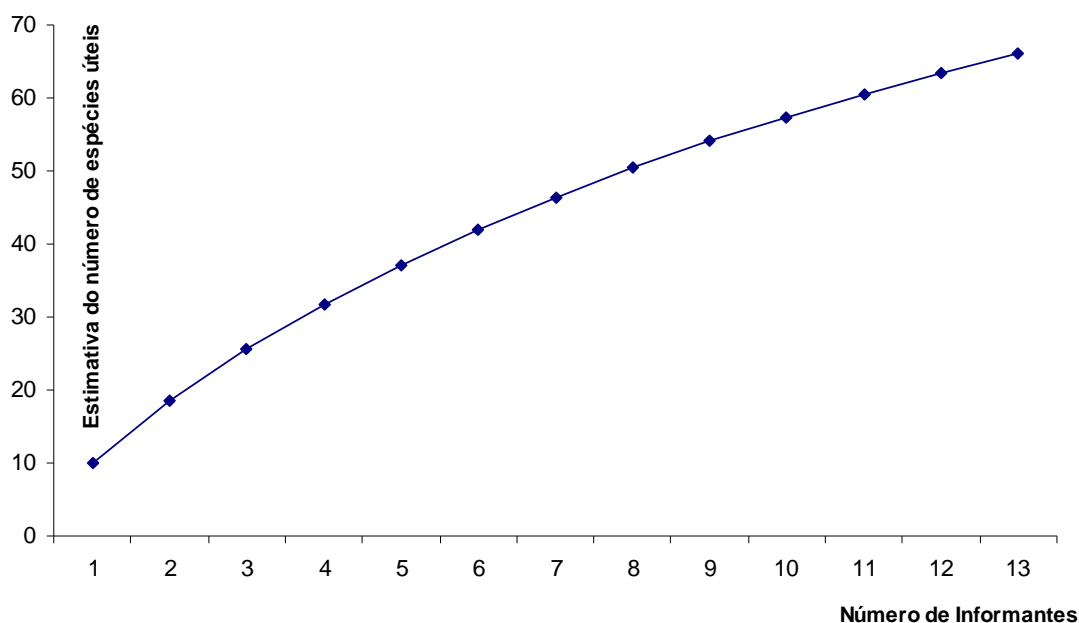


Figura 5 - Curva de rarefação para as 67 espécies indicadas como úteis pelos especialistas locais Comunidade Sertão, Magé, RJ (n=13).

As partes das plantas mais utilizadas nas entrevistas semiestruturadas e listagem livre foram: folha (41,2%), seguida por fruto (20,9%), lenho (11,04%), toda planta (8,13%), casca (4,069%), meristema apical (3,48%), raiz e ramo (4,6%). Os 6% restantes correspondem a colmo, estipe, broto, rizoma, exsudado e flor. (Fig. 6)

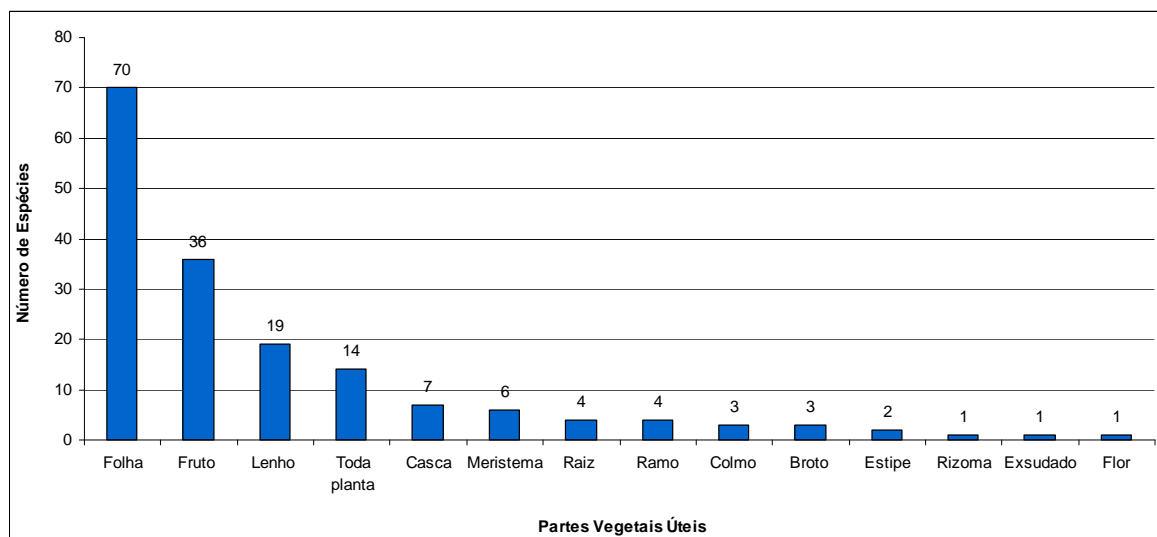


Figura 6- Partes dos vegetais mais relevantes e indicados como úteis por especialistas da comunidade Sertão. Magé, RJ.

Discussão

A Comunidade Rural Sertão exemplifica bem o caso de comunidades rurais em que características para comunidades tradicionais como compartilhar peculiaridades tais como a autodeterminação, a produção para subsistência, instituições locais e consolidação de traços culturais (Diegues & Arruda 2001), estão quase ausentes. Essa comunidade rural melhor se enquadra na definição de comunidade não tradicional, conforme Hanazaki *et al*, 2006, por abranger habitantes de diferentes regiões do país, bem como nativos de áreas urbanas e perurbanas.

Do total das espécies citadas pelas famílias entrevistadas (76), 13,2% pertencem à família Asteraceae, a qual é também destacada como uma das mais representativas em número de espécies em outros estudos etnobotânicos na mata atlântica fluminense, como Christo *et al.*, (2006) com 9,5% e Quinteiro *et al.*, (2015) com, aproximadamente, 18% das espécies citadas.

Entre as 10 espécies com maior valor de frequência de citação, seis apresentaram maior saliência (entre 0,177 a 0,375), como: *Sorocea bonplandii* e *Lygodium volubile* (Tab.1). Estudos relacionados às plantas medicinais e ritualísticas comercializadas em

mercados populares e feiras livres do Rio de Janeiro citam essas espécies como bem comercializadas embora a segurança em relação à toxicidade de *S. Bonplandii* ainda não tenha sido totalmente determinada (Leitão *et al.*, 2014). Esta última foi citada em outros trabalhos em etnobotânica na mata atlântica do Rio de Janeiro (Sobrinho *et al.*, 2011; Quinteiro *et al.*, 2015), além de *Schinus terebinthifolius* (Christo *et al.*, 2006; Sobrinho *et al.*, 2011; Quinteiro *et al.*, 2015). As espécies *Jacaranda puberula*, *Piper mollicomum*, *Costus spiralis*, *Siparuna guianensis* e *Cecropia glaziovii* também foram indicadas para fins medicinais e comercializadas em mercados e feiras livres (Christo *et al.*, 2006; Sobrinho *et al.*, 2011; Leitão *et al.*, 2014), enquanto *Attalea humilis* foi citada para construção e *Siparuna guianensis* para combustível (Christo *et al.*, 2006).

Nas entrevistas aplicadas a 54 erveiros em feiras-livres no estado do Rio de Janeiro, Maioli-Azevedo & Fonseca-Kruel (2007), puderam observar, que 66% dos erveiros compram as plantas indicadas para uso medicinal e ritualístico em grandes mercados da cidade, 14% cultivam e 20% extraem da mata de diversos pontos da cidade. A prática de compra nos grandes mercados para posterior venda nessas feiras dificultou a análise do volume de plantas extraídas de áreas naturais, pois apenas 20% dos erveiros totais entrevistados informaram que extraem plantas da Floresta da Tijuca, Mata do Grajaú, Tinguá, Magé, entre outros.

Guedes (1988) relacionou as espécies locais segundo o índice de valor de importância e seus parâmetros fitossociológicos, demonstrando os altos índices de frequência em que as espécies ocorrem na área como *Euterpe edulis* (1.785%) ou *Aniba firmula* (1.785%). *E. edulis* e *A. firmula* são espécies amplamente utilizadas por comunidades de outras áreas da Mata Atlântica, no entanto, *A. firmula* foi citada na Listagem Livre, incluída na categoria medicinal e *Euterpe edulis* na categoria alimentar, por apenas um especialista. Dentre os Produtos Florestais não Madeireiros (PFNM's), na mata atlântica, destaca-se *Euterpe edulis* - palmito juçara, espécie pertencente à família *Arecaceae* e amplamente distribuída desde o sul da Bahia até o norte do Rio Grande do Sul (Macedo *et al.*, 1975). *E. edulis* tem participação expressiva no funcionamento do ecossistema florestal como interceptação de radiação, trocas de energia e massa com a atmosfera, produtividade e ciclagem de nutrientes (Veloso & Klein, 1957). A destruição acelerada da Floresta Atlântica e a crescente demanda do palmito estão entre os fatores que quase levaram à extinção a juçara (Schoeninger, 2003). Borges & Peixoto (2009), encontraram *E. edulis* dentre as espécies mais citadas na categoria alimentar (9,5%) em uma comunidade caiçara do litoral sul do Estado do Rio de Janeiro. Na comunidade do

entorno do Parque Estadual da Serra do Mar em Ubatuba, São Paulo, destacou-se o uso da mesma na categoria alimentar tanto pelo palmito (meristema apical) quanto pelos frutos consumidos no cotidiano *in natura*, em receitas culinárias ou na forma de bebidas. Os estipes são usados como esteios e ripas em construções e para confecção de camas rústicas, além do uso ritualístico das folhas em manifestações religiosas cristãs ocorridas no período conhecido como Semana Santa (Silva & Fisch 2012). As fibras de *Euterpe edulis* também são citadas para uso na obtenção de tecidos e linhas para rede e pesca em Medina (1959).

Durante as entrevistas e as turnês guiadas, os especialistas da Comunidade Sertão demonstraram, através de determinados comportamentos (vieses), fazer uso atual dessa espécie ou tê-lo feito no passado, antes do proprietário declará-la de proteção integral, mas evitaram citá-la nessas entrevistas.

Os nomes vernaculares com que são chamadas as espécies mais citadas referem-se, ora ao recurso usado como alimento, como é o caso de *Astrocarium aculeatissimum*, para o qual são designados os nomes coco-de-iri, coqueiro-de-iri, referindo-se à sua semente e palmito-amargoso referindo-se ao uso alimentar do meristema apical dessa espécie, ora a poderes religiosos atribuídos às mesmas como *Piper arboreum*, chamado de abranda-fogo ou por jaborandi e à corruptela João-Borandi. Além dessas, *Lecythis lanceolata* foi denominada brauna e sapucaia, refletindo a variação regional dos nomes vernaculares atribuídos às espécies. Nesta comunidade residem há mais de 20 anos, especialistas oriundos de outros estados do sudeste brasileiro (MG) e de outras localidades do Rio de Janeiro, onde exerciam profissões ligadas à extração de recursos medicinais e/ou madeireiros como carpinteiro e, até mesmo, como coletores - extratores de espécies. Esse pequeno grupo de três especialistas contribuiu com o maior número e diversidade de espécies do interior da mata e alguns ainda continuam exercendo as mesmas profissões. Sampaio (1946) na intenção de reunir os nomes vernaculares para facilitação no contato entre o mundo acadêmico e a população em geral, reuniu à época, quase seis mil nomes, muitos deles designando entidades taxonômicas distintas sob um mesmo vernáculo, o que expressa a riqueza de como as comunidades locais percebem e se relacionam com o mundo natural circundante. Guedes-Bruni *et al.*, (2011), verificaram que os especialistas locais moradores adjacentes à unidades de conservação de Floresta Densa Atlântica, no estado do Rio de Janeiro, com os quais haviam estabelecido contato em trabalhos anteriores, ou eram egressos da indústria madeireira ou, quando não, eram trabalhadores rurais ou antigos caçadores, tinham algum contato anterior com alguém da família que trabalhara ligado às madeiras, de certa forma os capacitando, até mesmo, a diferenciar espécies

taxonômicamente próximas. Os especialistas da comunidade Sertão reunidos neste trabalho e, que no passado coletavam para a indústria madeireira e laboratórios, eram trabalhadores rurais e antigos caçadores. Estes foram capazes de apontar zonas de recursos onde ocorrem espécies não citadas por outros especialistas e coletadas no presente estudo, a exemplo de *Geissospermum laeve* (pau-pereira), *Himatanthus bracteatus* (agoniada) e *Hortia brasiliana* (casca-de-anta).

Embora outros estudos realizados em diferentes regiões do Brasil (Castellucci *et al.*, 2000; Hanazaki *et al.*, 2000; Almeida & Albuquerque 2002) apontem a família Asteraceae contribuindo com o maior número de espécies em áreas de mata atlântica, os resultados obtidos a partir das entrevistas e com a turnê guiada com especialistas da Comunidade Sertão, apontam Asteraceae com 15 espécies úteis sendo logo seguida de Myrtaceae com 14 sendo que três se encontram indeterminadas. Em Fonseca-Kruel & Peixoto (2004); Miranda & Hanazaki, (2008); Borges & Peixoto, (2009) também são relatados elevados valores de citações de uso para as espécies de Myrtaceae. Ao se comparar a diversidade de uso dessas famílias botânicas, percebe-se, contudo que, no presente estudo, Myrtaceae foi citada em cinco categorias de uso, mas apresentou maior concentração na categoria alimentar, apresentando sete espécies usadas para esse fim. Foram citadas seis espécies exclusivas para essa categoria, enquanto que as cinco espécies de Asteraceae foram citadas para uso na categoria medicinal, sendo todas usadas exclusivamente para esse fim. A família Arecaceae, com 13 citações, foi citada em quatro categorias e apresentou maior concentração na categoria alimentar com seis espécies úteis e três exclusivas para essa categoria.

Para Oliveira & Silva (2011), espécies introduzidas ou manejadas com as mais diversas finalidades (medicinais, rituais, alimentares) por populações passadas nas florestas que se regeneram, alteram consideravelmente a composição, a estrutura e a funcionalidade originais da Mata Atlântica. Podem desempenhar uma importante resultante ecológica, seja na dinâmica das populações de outras espécies nativas, seja na ciclagem de nutrientes, ou ainda na oferta de recursos para a fauna. A grande maioria dessas espécies permanece nas florestas secundárias como remanescentes com baixa ou nula capacidade de expansão de suas populações, com a possível exceção de *Artocarpus heterophyllus* (jaqueira), *Dracaena fragrans* (pau-d'água), e *Coffea arabica* (cafeeiro). Tais espécies podem passar à condição de invasoras florestais em formações secundárias devido à sua alta capacidade de recrutamento. As espécies frutíferas nativas encontradas em florestas secundárias de

mata atlântica, em muitos casos, são resultado de manejo intencional através de plantio no interior das florestas como *Myrciaria glazioviana* (cabeluda), *Plinia edulis* (cambucá), *Plinia cauliflora* (jabuticabeira) e *Spondias mombin* (cajá-mirim). A densidade encontrada para essas espécies possivelmente é resultante de manejo direto por parte de populações. Segundo Michon *et al.*, (2007) ao introduzirem produtos cultivados na dinâmica dos processos naturais das florestas, os agricultores praticam um tipo de cultura, que, ao contrário das monoculturas, torna-se parte da estrutura e funcionamento do ecossistema florestal. Dentre as espécies nativas (45) citadas pelos informantes do presente estudo, na Listagem Livre, *Myrciaria glazioviana* (cabeluda, cabeludinha), *Euterpe edulis* (palmito-doce) e *Plinia edulis* (cambucá) também foram citadas na categoria alimentar sendo que esta última, uma espécie da família Myrtaceae nativa e endêmica do Brasil, encontra-se na categoria vulnerável (VU) no Livro Vermelho da Flora do Brasil (Martinelli & Moraes, 2013), enquanto *Euterpe edulis* (palmito-doce), espécie da família Arecaceae, encontra-se incluída no Anexo I da Lista Oficial das Espécies Brasileiras Ameaçadas de Extinção (MMA 2008), na categoria VU do Livro Vermelho da Flora do Brasil (CNCFlora – 2013) e na categoria EN na Lista de Espécies Ameaçadas de Extinção do Município do Rio de Janeiro (Secretaria Municipal de Meio Ambiente RJ – 2000).

De acordo com Silva & Andrade (2006) *apud* Quinteiro *et al.*,(2015), uma proporção quase igual de espécies arbóreas e herbáceas deve indicar a existência de muitas fazendas de frutas na comunidade; Contrariamente, as citações dos especialistas da Comunidade Sertão, mostraram predomínio de espécies arbóreas para a categoria alimentar e construção, e o hábito de se alimentarem das espécies citadas está, provavelmente, relacionado ao longo tempo de permanência no interior da floresta durante as coletas de outros recursos e, até mesmo, durante as caçadas .

A folha foi a parte vegetal mais citada como útil, provavelmente por estar disponível durante todo o ano, enquanto outras estruturas como as raízes são utilizadas somente como medicinais e os frutos para alimentação. Segundo Martin (1995) o uso de folhas apresenta um caráter de conservação do recurso vegetal, pois não impede o desenvolvimento e a reprodução da planta, se a retirada da parte aérea não for excessiva.

A espécie que apresentou maior número de partes utilizadas foi *Attalea humilis*, sendo a folha e estipe para construção e ornamentação e o broto somente para construção. O fruto é usado para alimentação, além do meristema apical. A retirada deste último indica potencial impacto sobre a vegetação, já que essa parte, ao ser retirada, provoca a morte

do indivíduo. O exsudado somente foi indicado para *Artocarpus heterophyllus*, sendo este usado para caça de passeriformes.

Embora os distúrbios naturais e antrópicos como a exploração seletiva de recursos florestais (Chazdon, 2003), com durações, intensidades e frequências distintas sejam considerados como parte da história de florestas tropicais (Chazdon, 2003; Balée & Erickson, 2006), a coleta de produtos florestais madeireiros e não madeireiros pode alterar processos biológicos em vários níveis podendo, por exemplo, afetar a fisiologia e as taxas vitais de indivíduos, alterar padrões genéticos e demográficos de populações e alterar processos no âmbito de comunidades e de ecossistemas (Ticktin, 2004).

Foi realizada uma análise de similaridade por 378 espécies citadas neste estudo e em mais quatro áreas com dados publicados para a mata atlântica do Rio de Janeiro (Fig. 8 e tab. 4). O resultado desta análise demonstrou a formação de quatro grupos. O primeiro grupo foi formado, provavelmente por conter maior número de citações de espécies úteis em comum entre as áreas de Poço das Antas (Casimiro de Abreu) e Tinguá (Nova Iguaçu) (Guedes-Bruni *et al.*, 2011). O segundo grupo foi formado por citações das áreas de Gleba Aldeia Velha (Silva Jardim) (Christo *et al.*, 2006) e Visconde Mauá (Resende, Itatiaia e Bocaina de Minas) (Quinteiro *et al.*, 2015). A área do presente estudo ficou agrupada ao primeiro grupo, formando um terceiro grupo. Os dados etnobotânicos obtidos em Gleba Aldeia Velha e os de Visconde de Mauá ficaram ligados ao grupo três, nível 0,88 de distância, formando o quarto grupo.

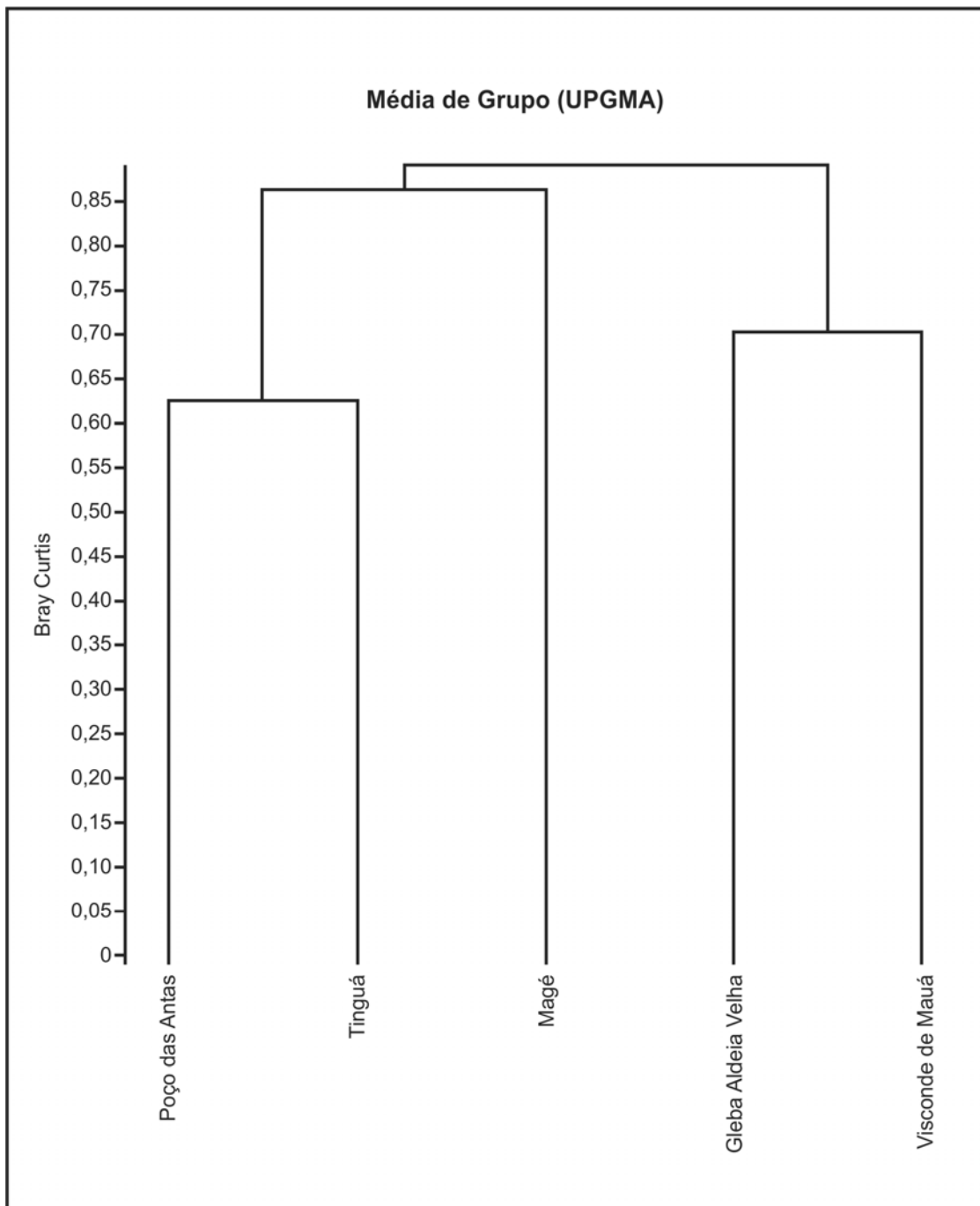


Figura 8 - Similaridade entre 378 espécies indicadas como úteis por especialistas em cinco áreas, tendo quatro delas dados publicados para a mata atlântica do Rio de Janeiro: Poço das Antas (Casimiro de Abreu) e Tinguá (Nova Iguaçu) (Guedes-Bruni *et al.*, 2011); Magé (RJ) (Presente estudo); Gleba Aldeia Velha (Silva Jardim) (Christo *et al.*, 2006); Visconde de Mauá (Resende, Itatiaia e Bocaina de Minas) (Quinteiro *et al.*, 2015).

A maior similaridade quanto ao conjunto das plantas úteis encontrada no presente estudo com o primeiro grupo, formado pelas espécies citadas em Poço das Antas e Tinguá, pode ter sido devida à difusão do conhecimento entre os informantes que estão inseridos em comunidades mais

próximas geograficamente e, à possível existência de maior troca de conhecimento sobre a utilidade das plantas. Este fato ficou evidenciado nas citações de dois especialistas, que citaram espécies mais singulares e que, embora residam na comunidade Sertão em Magé há mais de 20 anos, são oriundos de áreas próximas a essas UCs. Há uma maior similaridade na composição de espécies conhecidas e usadas entre estas comunidades, em relação à *Euterpe edulis* (palmito-doce), *Schinus terebinthifolius* (aroeira, aroeirinha) e *Siparuna guianensis* (fedegoso, nega-mina, negamina). Além do fator “proximidade geográfica”, os estudos realizados nessas comunidades, assim como o estudo realizado na comunidade Sertão, estão focados nos usos dos recursos vegetais encontrados no interior das respectivas UCs que constituem remanescentes florestais ainda preservados e seu entorno imediato, resultando em um maior número de espécies de hábito arbóreo. Segundo Oliveira-Filho & Fontes (2000), Visconde de Mauá possui vegetação classificada como em transição entre floresta ombrófila mista alto-montana e floresta ombrófila mista Montana. No estudo realizado em Visconde de Mauá, o grupo-chave de informantes foi quase que igualmente composto por homens e mulheres, enquanto as mulheres formaram o grupo predominantemente generalista (81,5%) sendo que a maioria das mulheres no grupo de informante-chave (89%) cultivava plantas em seus quintais. Essas particularidades, além das espécies características das florestas da região, podem, portanto, ter influenciado as citações de espécies herbáceas.

Conclusões

O conhecimento etnobotânico dos especialistas entrevistados da comunidade Sertão é resultado da formação de um grupo de pessoas de diversas origens que migraram para a região. Embora as categorias medicinal e alimentar incluam o maior número de espécies úteis, sendo as folhas e frutos as partes mais usadas, não se pode considerar que isso represente uma ameaça à conservação. As categorias construção, menos representativa em termos numéricos, e alimentar, via uso da planta inteira, totalizam 23,9%, de citações de retirada de espécies da UC, uma vez que as partes citadas, ao serem retiradas geralmente provocam a morte da planta (lenho, planta inteira e meristema apical), sendo incompatível com a conservação da biodiversidade local, especialmente em se tratando de uma Reserva Particular do Patrimônio Natural, categorizada de Proteção integral, como é o caso da RPPN Geraldo Hugo Nunes e, com a maioria das espécies citadas sendo provenientes dessa área e seu entorno imediato, com 25 citações de espécies exclusivas para esta zona. Os resultados do presente estudo demonstraram a retirada de espécies

nativas e a prática de extração seletiva sobre a espécie *Sorocea bonplandii* e *Attalea humilis* através da retirada de suas folhas e de outras partes como o meristema apical. Não obstante, às espécies categorizadas em risco de extinção assim como outras com elevadas citações de uso, como *Jacaranda puberula*, estas também devem ser consideradas como prioritárias para propósitos conservacionistas.

Para que o conhecimento etnobotânico das plantas nativas de florestas sobre baixada na mata atlântica seja preservado na região, é necessário que existam áreas onde essas espécies sejam preservadas, e que a possibilidade de contato entre estas e a comunidade seja efetiva. O remanescente não protegido que faz parte da propriedade poderia contribuir com a conservação, servindo concomitantemente como área de lazer da comunidade e área de preservação de espécies nativas do local.

Maior contribuição de informantes masculinos e femininos em relação à disponibilidade de tempo para incursões à área estudada poderá ampliar o número de citações de espécies nativas e também aumentar o total de categorias de uso. Considerando o conhecimento que possuem sobre o uso dos recursos vegetais, esses especialistas locais deveriam ser encarados como estratégicos para as iniciativas que objetivem a conservação dos recursos genéticos, salvaguardados nesta Unidade de Conservação, oriundas de órgãos de governo e organizações não governamentais como a União dos Escoteiros do Brasil.

Referências Bibliográficas

- Albuquerque, U.P. & Lucena, R.F.P. 2004. Métodos e técnicas para coleta de dados. Pp. 37-55. In: U.P. Albuquerque (org.). **Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica**. Recife, Editora NUPEEA.
- Albuquerque, U.P.; Lucena, R.F.P. & Neto, E.M.F.L. 2008. **Seleção e escolha dos participantes da pesquisa**. Pp. 21-40. In: Albuquerque, U. P.; Lucena, R. P. & Cunha, L.V.F.C.(orgs.). Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica. 2ª edição. Recife: NUPEEA.
- Alexiades, M.N. & Sheldon, J. W. (eds.) 1996. **Selected guidelines for ethnobotanical research: A field manual**. The New York Botanical Garden Press. New York. 306 p.
- Almeida, C. F. C. B. R. & Albuquerque, U. P. 2002. Uso e conservação de plantas e animais medicinais no estado de Pernambuco (Nordeste do Brasil): um estudo de caso.

Interciência 27(6): 276-285.

Balée, W. & Erickson, C.L. 2006 **Time and Complexity in Historical Ecology: Studies in the Neotropical Lowlands**. New York: Columbia University Press. 292 p.

Barros, W.D. 1952. **Parques Nacionais do Brasil**. Série Documentária 1, Ministério da Agricultura, Serviço de Informação Agrícola. Rio de Janeiro. 88p.

Begossi, A. 1996. Use of ecological methods in ethnobotany: diversity indices. **Economic Botany**. 50 (3), St. Louis, p. 280-289.

Bernard, H.R. 2006. **Research methods in cultural anthropology**. 4^a ed. USA. SAGE Publication. 520 p.

Boom, B. 1990. **Ethics in Ethnopharmacology**. Pp: 147-153. In: *Proceedings of the First Congress of Ethnobiology* v.2; Elizabetsky, E., (ed). Museu Paraense Emilio Goeldi: Belem, Brazil.

Borgatti, S.P. 1996a. **Anthropac 4.0**. Analytic Technologies, Natick.

Borgatti, S.P. 1996b. **Anthropac 4.0 methods guide**. Analytic Technologies, Natick.

Borges, R. & Peixoto, A. L. 2009. Conhecimento e uso das plantas em uma comunidade caiçara no litoral sul do Estado do Rio de Janeiro, Brasil. **Acta Botanica Brasilica** 23(3): 769-779.

Castellucci, S.; Lima M.I.S.; Nordi N. & Marques J.G.W. 2000. Plantas medicinais relatadas pela comunidade residente na Estação Ecológica de Jataí, município de Luís Antonio/SP: uma abordagem etnobotânica. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais** 3 (1): 51-60.

Chazdon, R. L. 2003. Tropical Forest recovery: legacies of human impact and natural disturbances. **Perspectives in Plant Ecology, Evolution and Systematics** 6: 51 – 71.

Christo A. G, Guedes-Bruni R.R. & Fonseca-Kruel V.S. 2006. Uso de Recursos Vegetais em Comunidades Rurais Limítrofes à Reserva Biológica de Poço das Antas, Silva Jardim, Rio de Janeiro: Estudo de Caso na Gleba Aldeia Velha. **Rodriguésia** 57(3): 519-542.

Colchester, M. 2000. Self-determination or environmental determinism for indigenous people in tropical forests conservation. **Conservation Biology** 14 (4): 1365 – 1367.

- Colwell, R.K. 2009. **EstimateS: Statistical Estimation of Species Richness and Shared Species form Samples. Versão 8.2.** Disponível em: <http://viveroy.eeb.uconn.edu/EstimateS>.
- Diegues, A.C.S. & Arruda, R.S.V. 2001. **Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil.** Brasília, Ministério do Meio Ambiente.
- Eiten, G. 1983. **Classificação da vegetação do Brasil.** CNPq, Brasília. 305 p.
- Fisher J., Broel B., Daily G. C., Ehrlich P. R., Goldman R., Goldstein J., Lindenmayer, D. B., Manning A. D., mooney H.A., Pejchar L., Ranganathan J. & Tallis H. 2008. Should agricultural policies encourage land sparing or wildlife-friendly farming? **Front Ecol Environ 6.**
- Fonseca Krueel, V. S. & Peixoto, A. L. 2004. Etnobotânica na Reserva Extrativista Marinha de Arraial do Cabo, RJ, Brasil. **Acta Botanica Brasilica 18(1): 177-190.**
- Gandolfo, E. S. 2010. **Etnobotânica e Urbanização: Conhecimento e Utilização de Plantas de Restinga no Distrito do Campeche (Florianópolis, SC).** Mestrado em Botânica, Universidade Federal de Santa Catarina; Centro de Ciências Biológicas; Departamento de Botânica; Programa de Pós-Graduação em Biologia Vegetal.
- Guedes-Bruni R.R., Sobrinho F.A.P., Christo A. S. 2011. Mateiros, Matas e Reservas: Saber Local e Conservação. Pp. 93-128. In: **saberes e usos de plantas: legados de atividades humanas no Rio de Janeiro.** Ariane Luna Peixoto & Inês Machline Silva (orgs.). Rio de Janeiro: Ed. PUC- Rio, 2011.
- Guedes, R.R. 1988. Composição florística de um trecho de mata perturbada de baixada no Município de Magé, Rio de Janeiro. **Arq. Jard. Bot. Rio de Janeiro 29:** 155-200.
- Hanazaki, N.; Tamashiro, J. Y.; Leitão-Filho, H. F. & Begossi, A. 2000. Diversity of plant uses in two Caiçara communities from the Atlantic Forest coast, Brazil. **Biodiversity and Conservation 9:** 597-615.
- Hanazaki, N. 2003. Comunidades, conservação e manejo: o papel do conhecimento ecológico local. **Biotemas 16 (1): 23-47.**
- Hanazaki, N.; Souza, V. C.; Ribeiro R.R. 2006. Ethnobotany of rural people from the boundaries of Carlos Botelho State Park, São Paulo State, Brazil. **Acta Botanica Brasilica 20 (4): 899-909.**

- Höft, M.K.; Barik, S.K. & Lykke, A.M. 1999. **Quantitative ethnobotany: applications of multivariate and statistical analyses in ethnobotany**. Paris, People and Plants Working Paper.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/tabelas_pdf/total_populacao_rio_de_janeiro.pdf>. Acesso em 23 Set. 2014.
- IUCN 2001 - International Union for Conservation of Nature. Disponível em <<http://www.iucn.org/>>. Acesso em 10 Mar. 2014.
- Kottak, C.P. 1994. **Antropologia - una exploración de la diversidad humana con temas de la cultura hispana**. 6a ed. Madrid, Mc Graw-Hill.
- Kovach 2001. Kovach Computing Service. **Multivariate Statistical Package 3.12**.
- Leitão F., Leitão S. G., Fonseca-Kruel V, S., Silva I. M., Martin K. 2014. Medicinal plants traded in the open-air markets in the State of Rio de Janeiro, Brazil: an overview on their botanical diversity and toxicological potential. **Brazilian Journal of Pharmacognosy** **24**(3): 225-247.
- Lista de Espécies da Flora do Brasil. 2012. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/>>. Acesso em 23 Fev. 2014.
- MACEDO, J. H. P.; RITTERSHOFER, F.O.; DESSEWFFY, A. **A silvicultura e a indústria do palmito**. Porto Alegre: Secretaria do Estado do Rio Grande do Sul, v. 1, p.61, 1975.
- Maioli-Azevedo, V. e Fonseca-Kruel V. S. 2007. Plantas medicinais e ritualísticas vendidas em feiras livres no Município do Rio de Janeiro, RJ, Brasil: estudo de caso nas zonas Norte e Sul. **Acta Bot. Bras.** **21**(2): 263-275. 2007.
- Martin, G.J. 1995. **Ethnobotany - a methods manual**. Chapman & Hall, London.
- Martinelli, G. & Moraes, M. 2013. **Livro Vermelho da Flora do Brasil**. Ed. Andrea Jakobsson. 1ª edição. Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 1100 p.

- Marques, M.S. 2013. **Pessoas e plantas no entorno da Unidade de Conservação de Proteção Integral: o caso do Parque Estadual Acaraí, São Francisco do Sul, litoral norte de Santa Catarina.** Dissertação de Mestrado, Laboratório de Ecologia Humana e Etnobotânica. Universidade Federal de Santa Catarina.122.
- Medina, J. C. Plantas fibrosas da flora mundial. Campinas: Instituto Agronômico, 1959. 913 p.
- Michon, G., De Foresta, H., Levang, P. & Verdeaux, F. 2007. Domestic forests: a new paradigm for integrating local communities' forestry into tropical Forest science. **Ecology and Society** 12 (2): 156-169.
- Miranda, T.M. & Hanazaki, N. 2008. Conhecimento e uso de recursos vegetais de restinga por comunidades das ilhas do Cardoso (SP) e de Santa Catarina (SC), Brasil. **Acta Botanica Brasilica** 22(1): 203-205.
- Momsen. J. 2004. **Gender and Development.** Routledge, London. 207 p.
- Myers, N.; Mittermeier, R. A.; Mittermeier, C. G.; Fonseca, G. A. B.; Kent, J. 2000. Biodiversity hotspots for conservation priorities. **Nature** 40(3): 853-858.
- Ogle, B.M., Tuyet, H.T., Duyet, H.N. & Dung, N. 2003. Food, feed or medicine: The multiple functions of edible wild plants in Vietnam. **Economic Botany** 57(1): 103-17.
- Oliveira Júnior, C.J.F. & Cabreira, P.P. 2011. **Multipurpose species and agroforestry systems in the Atlantic Forest.** Pg. 1-6. Resumos do VII Congresso Brasileiro de Agroecologia. Fortaleza.
- Oliveira R. R. & Silva I.M. 2011. **História da Paisagem e Paisagens sem História: Espécies exóticas e Nativas Manejadas na Mata Atlântica.** Pg. 69-92. In Saberes e usos de plantas: legados de atividades humanas no Rio de Janeiro. Organizadores: A. L. Peixoto& I. M. Silva (orgs.). Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio. Rio de Janeiro
- Oliveira-Filho, A. T.& Fontes, M.A.L. 2000. Patterns of floristic differentiation among Atlantic forests in south-eastern Brazil and the influence of climate. **Biotropica** 32 (4b): 793- 810.
- Peroni, N. 2002. Coleta e análise de dados quantitativos em etnobiologia: introdução ao uso de métodos multivariados. In: M.C.M. Amorozo; L.C. Ming & S.M.P. Silva, (orgs.). **Método de coleta e análise de dados em etnobiologia, etnoecologia e disciplinas correlates - I Seminário de etnobiologia e etnoecologia do Sudeste.** Rio

Claro, CNPq/UNESP.

- Pfeiffer, J. 2002. **Gendered interpretations of biocultural diversity in Eastern Indonesia: ethnoecology in the transition zone**. Pg: 43-63. In: H. Lansdowne, W. Neilson and P. Dearden eds., *Communities in Southeast Asia: Challenges and Responses*. Victoria (Canada): Centre for Asia Pacific Initiatives.
- Pfeiffer, J.M. & R.J. Butz. 2005. Assessing cultural and ecological variation in ethnobiological research: the importance of gender. **Journal of Ethnobiology** 25 (2): 240-278.
- Quinteiro, M.M.C.; Mayumi A.G.T.; Santos M.G.; Pinto, L.J.S. & Moraes, M.G. 2015. Inventory and Implications of Plant Use for Environmental Conservation in Visconde de Mauá, Serra da Mantiqueira, Brazil. **Ethnobotany Research & Applications** 14: 27-48
- Ribeiro, D. 1995. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo, Companhia das Letras. 102 p.
- Sampaio, A. J. 1946. Nomes vulgares de plantas do Distrito Federal e do estado do Rio de Janeiro. **Bol. Mus. Nac. Rio de Janeiro**, Série botânica 4: 1-149.
- Schoeninger, R.E. 2003. Quantificação e avaliação de parâmetros qualitativos do palmito (Euterpe edulis Martius), ao longo de um gradiente altimétrico em um sistema de informação geográfica. **Revista Floresta** 33(2): 183-198, 2003.
- Secretaria Municipal de Meio Ambiente. 2000. **Espécies Ameaçadas de Extinção no Município do Rio de Janeiro: Flora e Fauna**. 65 p.
- Silva L. M., Fisch S. T. V., 2012. Utilização de palmeiras nativas da Floresta Atlântica pela comunidade do entorno do Parque Estadual da Serra do Mar, Ubatuba, SP. **Revista Biociências** 18 (1): 77-85
- Silva-Soares, T., Hepp, F., Costa, P.N., Luna-Dias, C., Gomes, M. R., Carvalho e Silva, A.M.P.T. & Carvalho e Silva. 2010. Anfíbios anuros da RPPN Campo Escoteiro Geraldo Hugo Nunes, município de Guapimirim, Rio de Janeiro, sudeste do Brasil. **Biota Neotropica** 10 (2): 225-233.
- SNUC – Sistema Nacional de Unidades de Conservação. 2000. <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19985.htm> Acesso em 15 de setembro de 2014.

- Sobrinho F. A. P.; Guedes-Bruni, R. R. & Christo, A. G. 2011. Uso de plantas medicinais no entorno da Reserva Biológica de Tinguá, Nova Iguaçu, RJ. **Rev. Acad. Ciênc. Agrár. Ambient. Curitiba** 9 (2): 195-206.
- Teixeira, I.M. 2010. Prefácio. Pp. IV. **Mata Atlântica: Patrimônio Nacional dos Brasileiros**. M. Campanelli & W.B.Schaffer (Orgs.). Biodiversidade 34. Ministério do Meio Ambiente, Secretaria de Biodiversidade e Florestas. Brasília, DF. 408 p.
- Ticktin T. 2004. The ecological implications of harvesting non-timber forestproducts. **Journal of Applied Ecology** 41: 11–21.
- Tongco, M.D.C. 2007. Purposive Sampling as a Tool for Informant Selection. **Ethnobotany Research & Applications** 5, 147-158.
- Valentin, J.L. 1995. Agrupamento e ordenação. In: P.R. Peres Neto; J.L. Valentin & F.A.S. Fernandez (eds.). **Oecologia Brasiliensis. Volume II: Tópicos em tratamento de dados biológicos**. Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Valentin, J.L. 2002. **Ecologia numérica: uma introdução à análises multivariadas de dados ecológicos**. Rio de Janeiro, Interciência.
- Veloso, H. P. & Klein, R. M. **As comunidades e associações vegetais da mata pluvial do sul do Brasil**. As comunidades do município de Brusque, Estado de Santa Catarina, Sellowia, Itajaí, v. 9, p. 81 – 235, 1957.
- Voeks, R.A. 1996. Tropical forest healers and habitat preference. **Economic Botany** 50: 354–73.
- Voeks, R.A. 2007. Are women reservoirs of traditional plant knowledge? Gender, ethnobotany and globalization in northeast Brazil. **Singapore J Trop Geo** 28: 7-20.
- Zuchiwschi, E. 2008. **Florestas nativas na agricultura familiar de Anchieta, Oeste de Santa Catarina: conhecimentos, usos e importância**. Dissertação de Mestrado em Recursos Genéticos Vegetais. Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina.

Tabela 1- Espécies ordenadas por frequência de citação pelos 13 especialistas locais, na técnica de listagem livre na Comunidade Sertão. Magé, RJ. Espécies nativas (*).

| Família | Espécies | Nome vernacular | Frequência (%) | Saliência | Média da Classificação |
|---------------|---|---|----------------|-----------|------------------------|
| Bignoniaceae | <i>Jacaranda puberula</i> Cham* | carobinha | 69,2 | 0,5 | 4,56 |
| Moraceae | <i>Sorocea bomplandii</i> (Baill.) W.C.Burger et al.* | espinheira-santa | 69,2 | 0,337 | 5,78 |
| Costaceae | <i>Costus spiralis</i> (Jacq.) Roscoe* | cana-do-brejo, cana-de-macaco, joão-borandi-do-branco | 46,2 | 0,298 | 5,83 |
| Lygodiaceae | <i>Lygodium volubile</i> Sw* | abre-caminho | 38,5 | 0,375 | 1,4 |
| Myrtaceae | <i>Attalea humilis</i> Mart.* | pindoba | 38,5 | 0,051 | 11,6 |
| Alismataceae | <i>Echinodorus macrophyllus</i> (Kunth) Micheli* | chapéu-de-couro | 30,8 | 0,177 | 6,25 |
| Apocynaceae | <i>Geissospermum laeve</i> (Vell.) Miers* | pau-pereira | 30,8 | 0,054 | 9,25 |
| Arecaceae | <i>Astrocaryum aculeatissimum</i> (Schott)Burret* | coco-de-iri, coqueiro-de-iri, palmito-amargoso | 30,8 | 0,135 | 9 |
| Myrtaceae | <i>Myrciaria glazioviana</i> (Kiaersk.) G.M. Barroso ex Sobral* | cabeludinha, cabeluda | 30,8 | 0,281 | 2,75 |
| Poaceae | <i>Bambusa</i> sp. | bambu | 30,8 | 0,283 | 2 |
| Lecythidaceae | <i>Lecythis lanceolata</i> Poir.* | sapucaia, brauna | 23,1 | 0,079 | 8 |
| Myrtaceae | <i>Plinia edulis</i> (Vell.) Sobral* | cambuca | 23,1 | 0,199 | 2,33 |
| Piperaceae | <i>Piper mollicomum</i> Kunth.* | aperta-ruan, barbatimão, gervão | 23,1 | 0,153 | 7 |
| Piperaceae | <i>Piper arboreum</i> Aubl.* | jaborandi, abranda-fogo | 23,1 | 0,134 | 5 |
| Urticaceae | <i>Cecropia glaziovii</i> Snethl.* | embauba | 23,1 | 0,112 | 9,33 |

| | | | | | |
|-----------------|--|--|------|-------|------|
| Anacardiaceae | <i>Schinus terebinthifolius</i> Raddi* | aroeira | 15,4 | 0,14 | 2 |
| Anacardiaceae | <i>Mangifera indica</i> L. | mangueira | 15,4 | 0,041 | 14 |
| Araceae | <i>Philodendron pedatum</i> (Hook.) Kunth.* | costela-de- adão | 15,4 | 0,064 | 12,5 |
| Arecaceae | <i>Syagrus romanzoffiana</i> (Cham.) Glassman * | coco-de- manteiga, coco-de- catarro (2) | 15,4 | 0,075 | 11 |
| Asteraceae | <i>Chrysolaena platensis</i> (Spreng.) H.Rob.* | assa-peixe (1) | 15,4 | 0,147 | 2 |
| Asteraceae | <i>Baccharis crispa</i> Spreng.* | carquejo | 15,4 | 0,096 | 4 |
| Bromeliaceae | <i>Aechmea</i> sp. | bromélia | 15,4 | 0,126 | 3,5 |
| Dilleniaceae | <i>Davilla rugosa</i> Poir.* | cipó-caboclo | 15,4 | 0,108 | 6,5 |
| Heliconiaceae | <i>Heliconia angusta</i> Vell.* | bico-de- papagaio, paki-vira, bico-de-arara | 15,4 | 0,066 | 13,5 |
| Melastomataceae | <i>Miconia prasina</i> (Sw.) DC.* | carrapatinho, angara-ferro- do- branco | 15,4 | 0,113 | 5,5 |
| Melastomataceae | <i>Tibouchina granulosa</i> (Desr.) Cogn.* | quaresmeira, camará | 15,4 | 0,062 | 14 |
| Moraceae | <i>Artocarpus heterophyllus</i> Lam. | jaqueira | 15,4 | 0,055 | 12,5 |
| Myrtaceae | <i>Eucalyptus cf robusta</i> | eucalipto | 15,4 | 0,103 | 4,5 |
| Myrtaceae | <i>Psidium guajava</i> L. | goiabeira | 15,4 | 0,044 | 12,5 |
| Myrtaceae | <i>Syzygium jambos</i> (L.) Auston | jambo | 15,4 | 0,07 | 11 |
| Myrtaceae | <i>Syzygium cumini</i> (L.) Skeels | jamelão | 15,4 | 0,041 | 13,5 |
| Siparunaceae | <i>Siparuna guianensis</i> Aubl* | nega-mina | 15,4 | 0,037 | 11,5 |
| Zingiberaceae | <i>Renealmia petasites</i> Gagnep* | lírio-do- campo, lírio- do-mato | 15,4 | 0,027 | 17,5 |
| Acanthaceae | <i>Thunbergia grandiflora</i> Roxb. | cipó-amescla | 7,7 | 0,041 | 9 |
| Anacardiaceae | <i>Anacardium occidentale</i> L* | caju | 7,7 | 0,051 | 5 |

| | | | | | |
|------------------|---|-----------------------|-----|-------|----|
| Apocynaceae | <i>Himatanthus bracteatus</i> (A. DC.) Woodson* | agoniada | 7,7 | 0,072 | 2 |
| Araceae | <i>Philodendron ornatum</i> Schott* | giboia | 7,7 | 0,018 | 14 |
| Araceae | <i>Colocasia esculenta</i> (L.) Schott | inhame-branco | 7,7 | 0,027 | 16 |
| Araceae | <i>Caladium bicolor</i> (Aiton) Vent* | tinhorão | 7,7 | 0,005 | 17 |
| Arecaceae | <i>Acrocomia aculeata</i> (Jacq.) Lodd. ex Mart* | coco-de-catarro | 7,7 | 0,038 | 7 |
| Arecaceae | <i>Euterpe edulis</i> Mart.* | palmito-doce | 7,7 | 0,028 | 8 |
| Asteraceae | <i>Sigesbeckia orientalis</i> L. | arnica | 7,7 | 0,077 | 1 |
| Asteraceae | <i>Vernonanthura hilairiana</i> (Gardner) A.J. Veja & M.Dematteis | assa-peixe (2) | 7,7 | 0,077 | 1 |
| Asteraceae | <i>Mikania hirsutissima</i> DC* | cipó-cabeludo | 7,7 | 0,036 | 10 |
| Bignoniaceae | <i>Handroanthus heptaphyllus</i> (Vell.) Mattos* | cinco-folhas | 7,7 | 0,045 | 6 |
| Bignoniaceae | <i>Handroanthus chrysotrichus</i> (Mart. ex DC.) Mattos* | ipê-amarelo | 7,7 | 0,019 | 10 |
| Bixaceae | <i>Bixa orellana</i> L. | coloral | 7,7 | 0,04 | 12 |
| Chrysobalanaceae | <i>Hirtella hebeclada</i> Moric. ex DC* | goiabeira-do-mato (2) | 7,7 | 0,026 | 9 |
| Crassulaceae | <i>Kalanchoe crenata</i> (Andrews) Haw. | saião | 7,7 | 0,014 | 10 |
| Euphorbiaceae | <i>Aparisthmium cordatum</i> (A.Juss.) Baill.* | parapiroba | 7,7 | 0,009 | 16 |
| Fabaceae | <i>Bauhinia variegata</i> L. | pata-de-vaca | 7,7 | 0,005 | 17 |
| Heliconiaceae | <i>Heliconia pendula</i> Wawra* | bico-de-tucano | 7,7 | 0,054 | 6 |
| Lauraceae | <i>Persea americana</i> Mill. | abacate | 7,7 | 0,077 | 1 |
| Lauraceae | <i>Aniba firmula</i> (Nees & Mart.) Mez* | café | 7,7 | 0,06 | 6 |
| Melastomataceae | <i>Ossaea confertiflora</i> (D.C.) Triana* | canela-de-velho | 7,7 | 0,057 | 7 |

| | | | | | |
|----------------|--|-------------------------------|-----|-------|----|
| Meliaceae | <i>Guarea guidonia</i> (L.) Sleumer* | carrapeteira | 7,7 | 0,054 | 8 |
| Myrtaceae | <i>Eugenia</i> sp | goiabeira-do-mato (1) | 7,7 | 0,019 | 10 |
| Myrtaceae | Myrtaceae sp1 | goiabeira-do-mato (3) | 7,7 | 0,042 | 6 |
| Myrtaceae | <i>Eugenia brasiliensis</i> Lam*. | grumixama | 7,7 | 0,035 | 7 |
| Myrtaceae | Myrtaceae sp2 | jaboticabado-mato | 7,7 | 0,013 | 11 |
| Myrtaceae | Myrtaceae sp3 | pé-de-amarelinho | 7,7 | 0,015 | 9 |
| Orchidaceae | Orchidaceae sp | orquídea-pingo-de-ouro-branca | 7,7 | 0,013 | 11 |
| Passifloraceae | <i>Passiflora</i> sp. | cipó-azogue | 7,7 | 0,038 | 7 |
| Poaceae | <i>Bambusa multiplex</i> (Lour.)Raeusch. | bambu-taquara | 7,7 | 0,063 | 3 |
| Rosaceae | <i>Rubus rosifolius</i> Sm.* | moranguinho | 7,7 | 0,019 | 7 |
| Rutaceae | <i>Hortia brasiliana</i> Vand. ex DC*. | casca-de-anta | 7,7 | 0,045 | 8 |
| Urticaceae | <i>Cecropia hololeuca</i> Miq* | embaúba-branca | 7,7 | 0,032 | 8 |

Tabela 2 - Espécies da Reserva Particular do Patrimônio Natural CEGHN e entorno conhecidas e utilizadas por 24 informantes da Comunidade Sertão, Magé/RJ, suas denominações locais, respectivas famílias, espécies e principais usos. Siglas: folhas (Fo); frutos (Fr); toda planta (Tp), haste (Has), casca (Cs), lenho (Ln), colmo (Col), broto (Br), ramo (Rm), raiz (Rz), meristema apical (Mt), exsudado (Exs), flor (Flr), estipe (Est), rizoma (Rzma), Espécies nativas (*).

| Família | Espécie | Nome Vernacular | Categorias de uso | Partes Vegetais Utilizadas |
|---------------|--|-------------------------|----------------------|----------------------------|
| Acanthaceae | <i>Justicia pectoralis</i> Jacq.* | anador | medicinal | Fo, Has |
| Acanthaceae | <i>Thunbergia grandiflora</i> Roxb. | cipo-amescla | | Ln |
| Adoxaceae | <i>Sambucus nigra</i> L. | sabugueiro | medicinal | Fo |
| Alismataceae | <i>Echinodorus macrophyllus</i> (Kunth) Micheli* | chapéu-de-couro | medicinal | Fo |
| Amaranthaceae | <i>Beta vulgaris</i> L. | beterraba | alimentar | |
| Amaranthaceae | <i>Chenopodium ambrosioides</i> L.* | mastruz | medicinal | Fo |
| Amaranthaceae | <i>Pfaffia glomerata</i> (Spreng.) Pedersen* | novalgina | medicinal | |
| Amaranthaceae | <i>Spinacia oleracea</i> L. | espinafre | alimentar | |
| Anacardiaceae | <i>Anacardium occidentale</i> L.* | cajú | alimentar | Fr |
| Anacardiaceae | <i>Mangifera indica</i> L. | manga-espada, mangueira | alimentar, medicinal | Fr, Fo |
| Anacardiaceae | <i>Schinus terebinthifolius</i> Raddi* | aroeira | medicinal, religioso | Fo, Cs |
| Anacardiaceae | <i>Spondias mombin</i> L.* | cajá | alimentar, medicinal | Fr, Fo |
| Annonaceae | <i>Annona acutiflora</i> Mart.* | guiné | religioso | Fo |
| Annonaceae | <i>Annona muricata</i> L. | graviola | alimentar | |
| Apocynaceae | <i>Geissospermum laeve</i> (Vell.) Miers* | pau-pereira | medicinal | Cs, Ln, Rz |
| Apocynaceae | <i>Himatanthus bracteatus</i> (A. DC.) Woodson* | agoniada | medicinal | Cs |
| Araceae | <i>Caladium bicolor</i> (Aiton) Vent* | tinhorão | ornamental | Tp |
| Araceae | <i>Colocasia esculenta</i> (L.) Schott | inhame-branco | alimentar | Rzma |
| Araceae | <i>Philodendron ornatum</i> Schott* | giboia | ornamental | Tp |
| Araceae | <i>Philodendron pedatum</i> (Hook.) Kunth.* | costela-de-adão | ornamental | Tp |

| | | | | |
|--------------|---|-----------------------------------|-----------------------------------|---------------------|
| Arecaceae | <i>Acrocomia aculeata</i> (Jacq.) Lodd. ex Mart.* | coco-de-catarro | alimentar | Fr |
| Arecaceae | <i>Astrocaryum aculeatissimum</i> (Schott)Burret* | coco-de-iri, palmito-amargoso | alimentar | Fr, Mt |
| Arecaceae | <i>Attalea humilis</i> Mart.* | pindoba | alimentar, construção, ornamental | Fr, Mt, Est, Br, Fo |
| Arecaceae | <i>Cocos nucifera</i> L. | coco-da-bahia | alimentar | Fr |
| Arecaceae | <i>Euterpe edulis</i> Mart.* | palmito-doce | alimentar | Mt |
| Arecaceae | <i>Syagrus romanzoffiana</i> (Cham.) Glassman * | coco-de-catarro, coco-de-manteiga | medicinal, alimentar | Fr, Mt |
| Asteraceae | <i>Acanthospermum australe</i> (Loef.) Kuntz.* | fel-da-terra | medicinal | |
| Asteraceae | <i>Achyrocline satureioides</i> (Lam.) DC.* | macelinha | medicinal | Fo, Fr |
| Asteraceae | <i>Ageratum conyzoides</i> L.* | erva-de-são-joão | medicinal | |
| Asteraceae | <i>Baccharis dracunculifolia</i> DC.* | alecrim-do-campo | espiritual | Rm, Fo |
| Asteraceae | <i>Bidens pilosa</i> L. | picão | medicinal | Fo |
| Asteraceae | <i>Chrysolaena platensis</i> (Spreng.) H.Rob.* | assa-peixe | medicinal | Fo |
| Asteraceae | <i>Elephantopus mollis</i> Kunth* | gervão | medicinal | Fo |
| Asteraceae | <i>Gymnanthemum amygdalinum</i> (Delile) Sch. Bip. ex Walp. | boldo | medicinal | Fo |
| Asteraceae | <i>Mikania glomerata</i> Spreng.* | guapo, guaco | medicinal | Fo, Rm |
| Asteraceae | <i>Mikania hirsutissima</i> DC.* | cipó-cabeludo | medicinal | Ln, Fo; Rm |
| Asteraceae | <i>Sigesbeckia orientalis</i> L. | arnica | medicinal | Fo |
| Asteraceae | <i>Solidago chilensis</i> Meyen | arnica | medicinal, religioso | Fo |
| Asteraceae | <i>Vernonanthura hilairiana</i> (Gardner) A.J. Veja & M.Dematteis | assa-peixe | medicinal | Fo |
| Asteraceae | <i>Vernonia cinerea</i> (L.) Less.) | vassourinha | medicinal | Tp |
| Asteraceae | <i>Baccharis crispa</i> Spreng.* | carquejo | medicinal | Fo |
| Bignoniaceae | <i>Handroanthus chrysotrichus</i> (Mart. ex DC.) Mattos* | ipê-amarelo, | construção | Tp |

| | | | | |
|------------------|--|---|-----------------------------------|------------|
| Bignoniaceae | <i>Handroanthus heptaphyllus</i> (Vell.) Mattos* | cinco-folhas | medicinal | Fo |
| Bignoniaceae | <i>Jacaranda puberula</i> Cham.* | carobinha | medicinal, religioso | Fo, Rm |
| Bignoniaceae | <i>Tynanthus labiatus</i> (Cham.) Miers* | cipó-cravo | medicinal | Ln |
| Bixaceae | <i>Bixa orellana</i> L. | coloral | alimentar | Fr |
| Boraginaceae | <i>Symphytum officinale</i> L. | confrei | medicinal | Fo |
| Brassicaceae | <i>Brassica oleracea</i> L. var. <i>italica</i> | brócolis | alimentar | |
| Bromeliaceae | <i>Aechmea</i> sp* | bromélia | ornamental | Tp |
| Bromeliaceae | <i>Tillandsia usneoides</i> (L.) L.* | barba-de-velho | medicinal | Rz |
| Bromeliaceae | <i>Vriesea psittacina</i> (Hook.) Lindl.* | gravatá | medicinal | Fr |
| Caricaceae | <i>Carica papaya</i> L. | mamão | alimentar | Fr |
| Chrysobalanaceae | <i>Hirtella hebeclada</i> Moric. ex DC.* | goiabeira-do-mato | construção | Ln |
| Costaceae | <i>Costus spiralis</i> (Jacq.) Roscoe | cana-de-macaco, cana-do-brejo, João-borandi-do-branco | medicinal | Fo, Rz |
| Crassulaceae | <i>Kalanchoe crenata</i> (Andrews) Haw. | saião | medicinal | Fo |
| Cucurbitaceae | <i>Cucumis sativus</i> L. | pepino | medicinal | Fr |
| Cucurbitaceae | <i>Sechium edule</i> (Jacq.) Sw. | chuchu | medicinal, alimentar | Fo, Fr |
| Cucurbitaceae | <i>Momordica charantia</i> L. | melão-de-sã--caetano | medicinal, alimentar | Fo, Fr, Tp |
| Dilleniaceae | <i>Davilla rugosa</i> Poir.* | cipó-caboclo | construção, tecnologia, religioso | Ln |
| Euphorbiaceae | <i>Acalypha communis</i> Müll. Arg.* | parietália | medicinal | Fo |
| Euphorbiaceae | <i>Aparisthmium cordatum</i> (A.Juss.) Baill.* | parapiroba | medicinal | Fo |
| Euphorbiaceae | <i>Euphorbia prostrata</i> Aiton* | quebra-pedra, arrebenta-pedra | medicinal | Tp |
| Euphorbiaceae | <i>Phyllanthus tenellus</i> Roxb.* | erva-pombinha | medicinal | Tp |
| Euphorbiaceae | <i>Ricinus communis</i> L. | mamona | medicinal | Exs |
| Fabaceae | <i>Bauhinia variegata</i> L. | pata-de-vaca | medicinal | Fo |
| Fabaceae | <i>Cajanus cajan</i> (L.) Huth | feijão-guandu | medicinal | Fo |

| | | | | |
|-----------------|---|--|--------------------------|-----------|
| Fabaceae | <i>Desmodium adscendens</i> (Sw.) DC. | amor-do-campo | medicinal | Fo |
| Fabaceae | <i>Hymenaea courbaril</i> L.* | jatobá | medicinal | Fo, Cs |
| Fabaceae | <i>Mimosa pudica</i> L.* | dormideira | medicinal | Fo |
| Heliconiaceae | <i>Heliconia angusta</i> Vell.* | bico-de-arara, bico-de-papagaio, paki-vira | ornamental | Tp, Flr |
| Heliconiaceae | <i>Heliconia pendula</i> Wawra* | bico-de-tucano | ornamental | Tp |
| Lamiaceae | <i>Leonurus sibiricus</i> L. | erva-macaé | medicinal | Fo |
| Lamiaceae | <i>Mentha × piperita</i> L. | elevante | medicinal | Tp |
| Lamiaceae | <i>Mentha pulegium</i> L. | poejo | medicinal | Tp |
| Lamiaceae | <i>Mentha spicata</i> L. | hortelã-miúdo, hortelã pequeno | medicinal | Fo,Rm, Tp |
| Lamiaceae | <i>Ocimum campechianum</i> Mill.* | alfavaquinha | medicinal | Fo |
| Lamiaceae | <i>Ocimum gratissimum</i> L. | alfavacão | medicinal | Fo |
| Lamiaceae | <i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng. | hortelã-pimenta | medicinal | Fo |
| Lauraceae | <i>Aniba firmula</i> (Nees & Mart.) Mez* | café | medicinal | Fo |
| Lauraceae | <i>Cinnamomum verum</i> J. Presl | canela | medicinal, alimentar | Fo |
| Lauraceae | <i>Ocotea odorifera</i> (Vell.) Rohwer* | canela-salsatraz | alimentar | Cs |
| Lauraceae | <i>Persea americana</i> Mill. | abacate | alimentar | Fr |
| Lecythidaceae | <i>Lecythis lanceolata</i> Poir.* | braúna, sapucaia | construção, alimentar | Ln, Fr |
| Loranthaceae | <i>Struthanthus concinnus</i> (Mart.) Mart.* | erva-de-passarinho | medicinal | Fo |
| Lygodiaceae | <i>Lygodium volubile</i> Sw | abre-caminho | religioso | Fo |
| Lythraceae | <i>Cuphea carthagenensis</i> (Jacq.) J. Macbr.* | sete-sangrias | medicinal | Tp |
| Malvaceae | <i>Ceiba speciosa</i> (A. St.-Hil) Ravenna* | algodoeiro | medicinal | Fr |
| Malvaceae | <i>Hibiscus rosa-sinensis</i> L. | papoula | ornamental | Tp |
| Melastomataceae | <i>Miconia prasina</i> (Sw.) DC.* | angará-ferro-do-branco, carrapatinho | construção, alimentar | Ln, Fr |
| Melastomataceae | <i>Ossaea confertiflora</i> (D.C.) Triana* | canela-de-velho | religioso | Fo |
| Melastomataceae | <i>Tibouchina granulosa</i> (Desr.) Cogn.* | camará, quaresmeira | construção, medicinal | Ln, Flr |
| Meliaceae | <i>Guarea guidonia</i> (L.) Sleumer* | carrapeteira | medicinal | Cs |

| | | | | |
|----------------|---|---------------------------------------|------------------------|------------|
| Moraceae | <i>Artocarpus heterophyllus</i> Lam. | jaqueira | alimentar, tecnologia | Fr, Exs |
| Moraceae | <i>Dorstenia arifolia</i> Lam.* | carapiá | medicinal | Rz |
| Moraceae | <i>Morus nigra</i> L. | amoreira | medicinal | Fo |
| Moraceae | <i>Sorocea bomplandii</i> (Baill.) W.C.Burger, Lanjouw & Boer.* | espinheira-santa | medicinal, religioso | Tp, Rm, Fo |
| Musaceae | <i>Musa x paradisiaca</i> L. | bananeira, banana | medicinal, alimentar | Flr, Fr |
| Myrtaceae | <i>Corymbia torelliana</i> (F. Muell.) K.D. Hill & L. A. S. Johnson | eucalipto | medicinal | Fo |
| Myrtaceae | <i>Eucalyptus cf robusta</i> Sm. | eucalipto | construção, tecnologia | Fo, Ln |
| Myrtaceae | <i>Eugenia brasiliensis</i> Lam.* | grumixama | alimentar | Ln, Fr |
| Myrtaceae | <i>Eugenia uniflora</i> L.* | pitanga, pitangueira | medicinal | Fo |
| Myrtaceae | <i>Eugenia</i> sp. | goiabeira-do-mato | alimentar | Fr |
| Myrtaceae | <i>Myrciaria glazioviana</i> (Kiaersk.) G.M. Barroso ex Sobral* | cabeluda, cabeludinha | alimentar | Fr |
| Myrtaceae | <i>Myrtaceae</i> sp.1 | goiabeira-do-mato | medicinal | Ln, Fr, Fo |
| Myrtaceae | <i>Myrtaceae</i> sp.2 | jaboticaba-do-mato | alimentar | Fr |
| Myrtaceae | <i>Myrtaceae</i> sp.3 | pé-de-amarelinho | construção | Ln |
| Myrtaceae | <i>Plinia edulis</i> (Vell.) Sobral* | cambucá | alimentar | Fr, Ln |
| Myrtaceae | <i>Psidium guajava</i> L. | goiabeira, pé-de-goiaba | medicinal | Br, Ln, Fo |
| Myrtaceae | <i>Syzygium cumini</i> (L.) Skeels | jamelão | alimentar | Fr, Ln |
| Myrtaceae | <i>Syzygium jambos</i> (L.) Auston | jambo | alimentar | Fr |
| Orchidaceae | <i>Orchidaceae</i> sp | orquídea-pingo-de-ouro-branca | ornamental | Tp |
| Passifloraceae | <i>Passiflora edulis</i> Sims* | maracujá | medicinal | Fo |
| Passifloraceae | <i>Passiflora</i> sp | cipó-azougue | medicinal | Fo, Rz |
| Piperaceae | <i>Piper arboreum</i> Aubl.* | abranda-fogo, jaborandi, joão-borandi | religioso, medicinal | Fo |
| Piperaceae | <i>Piper mollicomum</i> Kunth.* | aperta-ruan, barbatimão, gervão | medicinal | Fo |
| Plantaginaceae | <i>Plantago australis</i> Lam.* | transagem | medicinal | Fo |

| | | | | |
|------------------|--|------------------|--|-----------------|
| Poaceae | <i>Bambusa multiplex</i> (Lour.)Raeusch. | bambu-taquara | tecnologia | Ln |
| Poaceae | <i>Bambusa</i> sp. | bambu | construção, tecnologia, alimentar, medicinal | Col, Fo, Ln, Br |
| Poaceae | <i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf | capim-limão | medicinal | Fo |
| Poaceae | <i>Eleusine indica</i> (L.) Gaertn. | pé-de-galinha | medicinal | Tp |
| Poaceae | <i>Saccharum officinarum</i> L. | cana | medicinal, alimentar | Fo, Col |
| Proteaceae | <i>Roupala sculpta</i> Sleumer* | jurema | medicinal | Tp |
| Pteridaceae | <i>Adiantum raddianum</i> C.Presl. | avenca | medicinal | Fo |
| Rosaceae | <i>Rubus rosifolius</i> Sm.* | moranguinho | alimentar | Fr |
| Rubiaceae | <i>Coffea arabica</i> L. | café | medicinal | Fo |
| Rubiaceae | <i>Uncaria tomentosa</i> (Willd. ex Roem. & Schult) DC.* | unha-de-gato | medicinal | Cs, Rz, Fo |
| Rutaceae | <i>Citrus aurantifolia</i> Swingle | limão-galego | medicinal | Fr, Fo |
| Rutaceae | <i>Citrus x aurantium</i> L. | laranja-da-terra | medicinal | Fo |
| Rutaceae | <i>Hortia brasiliiana</i> Vand. ex DC.* | casca-de-anta | medicinal | Cs |
| Rutaceae | <i>Ruta graveolens</i> L. | arruda | medicinal | Fo |
| Siparunaceae | <i>Siparuna guianensis</i> Aubl* | nega-mina | religioso | Fo, Rm |
| Solanaceae | <i>Nicotiana tabacum</i> L. | fumo | medicinal | Fo |
| Solanaceae | <i>Solanum cernuum</i> Vell.* | panaceia | medicinal | Fo |
| Solanaceae | <i>Solanum lycopersicum</i> L. | tomate | alimentar | Fr |
| Solanaceae | <i>Solanum melongena</i> L. | berinjela | medicinal | Fr, Fo |
| Urticaceae | <i>Cecropia glaziovii</i> Sneathl.* | embaúba | medicinal | Fo, Fr |
| Urticaceae | <i>Cecropia hololeuca</i> Miq.* | embaúba-branca | medicinal | Fr |
| Verbenaceae | <i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E. Br* | erva-cidreira | medicinal | Fo, Tp |
| Xanthorrhoeaceae | <i>Aloe arborescens</i> Mill. | babosa | medicinal | Fo |
| Zingiberaceae | <i>Alpinia zerumbet</i> (Pers.) B.L. Burtt. & R.M. Sm. | colônia | medidinal | Fo |
| Zingiberaceae | <i>Renalmia petasites</i> Gagnep* | lírio-do-campo | ornamental | Tp |
| Zingiberaceae | <i>Zingiber officinale</i> Rosc. | gengibre | medicinal | Rz |

Tabela 3 - Espécies citadas por especialistas nas comunidades adjacentes às Unidades de Conservação REBIOS Poço das Antas (Casimiro de Abreu) e Tinguá (Nova Iguaçu) (Guedes-Bruni *et al.*, 2011); Comunidades Gleba Aldeia Velha (Silva Jardim) (Christo *et al.*, 2006) e Visconde de Mauá (Resende, Itatiaia e Bocaina de Minas) (Quinteiro *et al.*, 2015); RPPN Campo Escoteiro Geraldo Hugo Nunes Magé, (RJ) (presente estudo).

| Família | Espécie | Nome Vernacular | Fontes | | | |
|---------------|---|-------------------------------------|-----------------------------------|------------------------------|--------------------------------|-----------------|
| | | | Guedes-Bruni <i>et al.</i> , 2011 | Christo <i>et al.</i> , 2006 | Quinteiro <i>et al.</i> , 2015 | Presente estudo |
| Acanthaceae | <i>Pachystachys lútea</i> Nees | camarão | | √ | | |
| Acanthaceae | <i>Thunbergia grandiflora</i> (Roxb. ex Rottler) Roxb. | cipó-amescla | | | | √ |
| Adoxaceae | <i>Sambucus nigra</i> L. | sabugueiro | | √ | | |
| Alismataceae | <i>Echinodorus macrophyllus</i> (Kunth) Micheli | chapéu-de-couro | | | | √ |
| Amaranthaceae | <i>Alternanthera dentata</i> (Moench) Stuehlik ex R.E.Fr. | amoxicilina, terramicina, trimicina | | | √ | |
| Amaranthaceae | <i>Amaranthus blitum</i> L. | cariru, caruru | | | √ | |
| Amaranthaceae | <i>Dysphania ambrosioides</i> (L.) Mosyakin & Clematis | erva-de-santa-maria | | | √ | |
| Anacardiaceae | <i>Anacardium occidentale</i> L. | caju | | √ | | √ |
| Anacardiaceae | <i>Astronium graveolens</i> Jacq. | aroeirão, aroeira, aderne | | √ | | |
| Anacardiaceae | <i>Mangifera indica</i> L. | manga, manga-espada, mangueira | | √ | | √ |
| Anacardiaceae | <i>Schinus terebinthifolius</i> Raddi | aroeira, aroeirinha | | √ | √ | √ |
| Anacardiaceae | <i>Spondias mombim</i> L. | cajá | | √ | | |
| Anacardiaceae | <i>Tapirira guianensis</i> Aubl. | canela-cedro | | √ | | |
| Annonaceae | <i>Annona cacans</i> Warm. | imbitú-branco | | √ | | |
| Annonaceae | <i>Annona muricata</i> L. | graviola | | √ | | |
| Annonaceae | <i>Guatteria campestris</i> R. E. Fr. | imbitú-preto | | √ | | |
| Annonaceae | <i>Guatteria candolleana</i> Schltdl. | conde | | √ | | |
| Annonaceae | <i>Guatteria latifolia</i> R. E. Fr. | bicuibuçú | | √ | | |
| Annonaceae | <i>Xylopia brasiliensis</i> Spreng. | pindaíba | | √ | | |

| | | | | | | | | |
|---------------|--|--|---|---|---|---|---|---|
| Annonaceae | <i>Xylopia sericea</i> A. St. - Hil | | imbrú | √ | | | | |
| Apiaceae | <i>Centella asiatica</i> (L.) Urb. | | centelha-asiática | | | | √ | |
| Apiaceae | <i>Daucus carota</i> L. | | cenoura | | √ | | | |
| Apiaceae | <i>Eryngium foetidum</i> L. | | coentro | | √ | | | |
| Apiaceae | <i>Foeniculum vulgare</i> Mill. | | erva-doce | | √ | | √ | |
| Apiaceae | <i>Petroselinum crispum</i> (Mill.) Nyman ex A. W. Hill. | | salsa | | √ | | | |
| Apocynaceae | <i>Asclepias curassavica</i> L. | | erva-brava | | | √ | | |
| Apocynaceae | <i>Catharanthus roseus</i> (L.) Don | | boa-noite | | | | | |
| Apocynaceae | <i>Geissospermum laeve</i> (Vell.) Miers | | pau-pereira | | | | | √ |
| Apocynaceae | <i>Geissospermum vellosii</i> Allemão | | pau-pereira | | √ | | | |
| Apocynaceae | <i>Himatantus bracteatus</i> (A. DC.) Woodson | | paratudo, orelha-de-burro, agoniada | | √ | | | √ |
| Apocynaceae | <i>Malouetia cestroides</i> (Nees ex Mart.) Müll. Arg. | | coerana-preta, esperta-roxa | | √ | | | |
| Apocynaceae | <i>Tabernaemontana catharinensis</i> A. DC. | | leiteira, esperta | | √ | | | |
| Araceae | <i>Caladium bicolor</i> (Aiton) Vent. | | tinhorão | | | | | √ |
| Araceae | <i>Colocasia esculenta</i> (L.) Schott. | | inhame-branco | | | | | √ |
| Araceae | <i>Philodendron ornatum</i> Schott | | giboia | | | | | √ |
| Araceae | <i>Philodendron pedatum</i> (Hook.) Kunth | | costela-de-adão | | | | | √ |
| Araceae | <i>Xanthosoma sagittifolium</i> (L.) Schott | | taioaba | | | √ | | |
| Araucariaceae | <i>Araucaria angustifolia</i> (Bertol.) Kuntze | | pinheiro | | | | √ | |
| Areaceae | <i>Acrocomia aculeata</i> (Jacq.) Lodd. ex Mart. | | coco-de-catarro | | | | | √ |
| Areaceae | <i>Allagoptera caudescens</i> Mart. Kuntze | | palmito-amargo | | √ | | | |
| Areaceae | <i>Astrocaryum aculeatissimum</i> (Schott.) Burret | | coco-de-iri, coqueiro-de-iri, palmito-amargoso, iri | | √ | | | √ |
| Areaceae | <i>Attalea humilis</i> Mart. | | pindoba | | √ | | √ | √ |
| Areaceae | <i>Cocos nucifera</i> L. | | coco | | | √ | | |
| Areaceae | <i>Euterpe edulis</i> Mart. | | palmito-doce, juçara | | √ | | | √ |

| | | | | | | | | |
|------------|---|---|--|--|---|--|---|---|
| Arecaceae | <i>Syagrus romanzoffiana</i> (Cham.) Glassman | coco-de-catarro, coco-de-manteiga | | | | | | √ |
| Asteraceae | <i>Achillea millefolium</i> | mil-folhas | | | √ | | | √ |
| Asteraceae | <i>Achyrocline satureioides</i> (Lam.) | marcela-do-campo | | | √ | | | √ |
| Asteraceae | <i>Acmella uliginosa</i> (Sw.) Cass. | jambú | | | | | | √ |
| Asteraceae | <i>Ageratum conyzoides</i> L. | erva-de-são-joão | | | √ | | | √ |
| Asteraceae | <i>Arctium minus</i> (Hill.) Bernh. | bardana | | | √ | | | √ |
| Asteraceae | <i>Artemisia absinthium</i> L. | losna | | | √ | | | √ |
| Asteraceae | <i>Artemisia alba</i> Turra | maceia-canforada | | | | | | √ |
| Asteraceae | <i>Baccharis crispa</i> Spreng. | carquejo | | | | | | √ |
| Asteraceae | <i>Baccharis dracunculifolia</i> DC. | alecrim-do-campo | | | √ | | | |
| Asteraceae | <i>Baccharis pseudomyriocephala</i> Malag. | carqueja | | | | | | √ |
| Asteraceae | <i>Bidens pilosa</i> L. | picão | | | √ | | | √ |
| Asteraceae | <i>Bidens sulphurea</i> (Cav.) Sch. Bip. | picão-grande | | | √ | | | |
| Asteraceae | <i>Centratherum punctatum</i> Cass. | perpétua | | | | | | √ |
| Asteraceae | <i>Chrysolaena platensis</i> (Spreng.) H. Rob. | assa-peixe | | | | | | √ |
| Asteraceae | <i>Cichorium intybus</i> L. | almeirão | | | √ | | | |
| Asteraceae | <i>Coreopsis grandiflora</i> Hogg ex Sweet | camomila | | | √ | | | |
| Asteraceae | <i>Cyrtocymura scorpioides</i> (Lam.) H. Rob. | erva-prea | | | √ | | | |
| Asteraceae | <i>Elephantopus mollis</i> Kunth | fumo-bravo, erva-grossa | | | √ | | | √ |
| Asteraceae | <i>Gynnanthemum amygdalinum</i> (Delile) Sch. Bip. ex Walp. | boldo-do-chile, boldo-de-árvore, menta-vick, parapiroba | | | | | | √ |
| Asteraceae | <i>Lactuca sativa</i> L. | alface | | | √ | | | |
| Asteraceae | <i>Matricaria chamomilla</i> L. | camomila | | | | | | √ |
| Asteraceae | <i>Mikania glomerata</i> Spreng. | guaco | | | √ | | | √ |
| Asteraceae | <i>Mikania hirsutissima</i> DC. | cipó-cabeludo | | | | | | √ |
| Asteraceae | <i>Moquiniastrum polymorphum</i> (L.ess.) G. Sancho | camará | | | | | √ | |

| | | | | | | | | |
|---------------|--|---|---|---|---|--|---|---|
| Asteraceae | <i>Piptocarpha macropoda</i> (DC.) Baker | aroeira-preta | ✓ | | | | | |
| Asteraceae | <i>Sigesbeckia orientalis</i> L. | arnica | | | | | | ✓ |
| Asteraceae | <i>Solidago chilensis</i> Meyen | arnica, arnica-caseira, arnica-de-horta, arnica-do-mato, arniguinha | | ✓ | | | ✓ | |
| Asteraceae | <i>Sonchus oleraceus</i> L. | serralha | | | | | ✓ | |
| Asteraceae | <i>Stiffia chrysantha</i> J.C. Mikan | candeia-rabo-de-cutia | ✓ | | | | | |
| Asteraceae | <i>Tagetes erecta</i> L. | cravo-de-defunto | | ✓ | | | | |
| Asteraceae | <i>Taraxacum campylodes</i> G.E. Haglund | dente-de-leão | | | | | ✓ | |
| Asteraceae | <i>Gynnanthemum amygdalinum</i> (Delile) Sch. Bip. ex Walp. | boldo-do-chile | | | | | ✓ | |
| Asteraceae | <i>Vernonanthera discolor</i> (Spreng.) H. Rob. | camará, camarará | ✓ | | | | | |
| Asteraceae | <i>Vernonanthera phosphorica</i> (Vell.) H. Rob. | assa-peixe | | ✓ | | | ✓ | |
| Asteraceae | <i>Vernonanthera hilairiana</i> (Gardner) A.J. Veja & M. Dematteis | assa-peixe | | | | | | ✓ |
| Balsaminaceae | <i>Impatiens walleriana</i> Hook. F. | beijo-branco | | | | | ✓ | |
| Begoniaceae | <i>Begonia semperflorens</i> Link & Otto | begônia | | ✓ | | | | |
| Bignoniaceae | <i>Cybistax antisyphilitica</i> (Mart) Mart. | caroba-do-campo | ✓ | | | | | |
| Bignoniaceae | <i>Handroanthus chrysotrichus</i> (Mart.ex DC.) Mattos | ipê-amarelo, ipê-tabaco | ✓ | | | | | ✓ |
| Bignoniaceae | <i>Handroanthus heptaphyllus</i> (Vell.) Mattos | cinco-folhas, ipê-roxo | ✓ | | | | | ✓ |
| Bignoniaceae | <i>Handroanthus umbellatus</i> (Sond.) Mattos | ipê-do-brejo | ✓ | | ✓ | | | |
| Bignoniaceae | <i>Jacaranda macrantha</i> Cham. | caroba | ✓ | | | | | |
| Bignoniaceae | <i>Jacaranda micrantha</i> Cham. | carobinha | ✓ | | | | | |
| Bignoniaceae | <i>Jacaranda mimosifolia</i> D. Don. | jacarandá-mimoso | | | | | | ✓ |
| Bignoniaceae | <i>Jacaranda puberula</i> Cham. | carobinha, caroba | ✓ | | ✓ | | | ✓ |
| Bignoniaceae | <i>Spartatosperma leucanthum</i> (Vell.) K. Schum. | cinco-folhas, ipê-branco | ✓ | | ✓ | | ✓ | |
| Bignoniaceae | <i>Tabebuia cassinoides</i> (Lam) DC. | pau-tamanco | ✓ | | ✓ | | | |
| Bixaceae | <i>Bixa orellana</i> L. | coloral, orucum | | ✓ | | | | ✓ |

| | | | | | | | | |
|------------------|--|--|--|--|---|---|---|---|
| Boraginaceae | <i>Borago officinalis</i> L. | | borragem | | | | | √ |
| Boraginaceae | <i>Symphytum officinale</i> L. | | confrei | | | √ | | |
| Brassicaceae | <i>Brassica nigra</i> (L.) W.D.J. Koch | | mostarda | | | | | |
| Brassicaceae | <i>Brassica oleracea</i> L. | | couve | | | √ | √ | |
| Brassicaceae | <i>Lepidium virginicum</i> L. | | mastruço | | | √ | | |
| Brassicaceae | <i>Nasturtium officinale</i> (W.T. Aiton) P. Royen | | agrião | | | √ | √ | |
| Bromeliaceae | <i>Ananas comosus</i> (L.) Merr. | | abacaxi | | | √ | | |
| Calophyllaceae | <i>Calophyllum brasiliense</i> Cambess. | | guanandi | | √ | | | |
| Cannabaceae | <i>Trema micrantha</i> (L.) Blume | | crandiuba | | √ | | | |
| Caricaceae | <i>Carica papaya</i> L. | | mamão | | | √ | | |
| Caricaceae | <i>Jacaraita spinosa</i> (Aubl.) A. DC. | | mamão-jacatiá | | √ | | | |
| Celastraceae | <i>Maytenus ilicifolia</i> Mart. ex Reissek | | espinha-santa-da-horta | | | √ | | |
| Celastraceae | <i>Tontelea passiflora</i> (Vell.) Lombardi | | castanha-mineira | | √ | | | |
| Chrysobalanaceae | <i>Chrysobalanus icaco</i> L. | | bajurú | | | √ | | |
| Chrysobalanaceae | <i>Hirtella angustifolia</i> Schott ex Spreng. | | oiti | | √ | | | |
| Chrysobalanaceae | <i>Hirtella hebeclada</i> Moric. ex DC. | | goiabeira-do-mato | | | | √ | |
| Clethraceae | <i>Clethra scabra</i> Pers. | | canela-abacate | | √ | | | |
| Clusiaceae | <i>Symphonia globulifera</i> L. f. | | guanandirana | | √ | | | |
| Combretaceae | <i>Terminalia catappa</i> L. | | amendoeira | | | √ | | |
| Costaceae | <i>Costus spiralis</i> (Jacq.) Roscoe | | cana-do-brejo, cana-de-macaco, jaborandi-do-branco | | | √ | | √ |
| Crassulaceae | <i>Bryophyllum pinnatum</i> (Lam.) Oken | | fortuna, saião, saia-de-remédio | | | | | √ |
| Crassulaceae | <i>Kalanchoe crenata</i> (Andrews) Haw. | | saião | | | | | √ |
| Cucurbitaceae | <i>Cucumis anguria</i> L. | | maxixe | | | | | |
| Cucurbitaceae | <i>Momordica charantia</i> L. | | melão-de-são-caetano | | | | | |
| Cucurbitaceae | <i>Sechium edule</i> (Jacq.) Sw. | | chuchu | | | | | |

| | | | | | | |
|----------|--|------------------------------|---|---|--|---|
| Fabaceae | <i>Centrolobium tomentosum</i> Guillem. ex Benth. | araribá | ✓ | | | |
| Fabaceae | <i>Chamaecrista ensiformis</i> (Vell.) H.S. Irwin & Barneby | oiti | ✓ | ✓ | | |
| Fabaceae | <i>Copaifera langsdorffii</i> Desf. | copalba | ✓ | ✓ | | |
| Fabaceae | <i>Copaifera lucens</i> Dwyer | copaiba | ✓ | | | |
| Fabaceae | <i>Copaifera trapezifolia</i> Hyne | copaiba, copaiba-verdadeira | ✓ | | | |
| Fabaceae | <i>Dahlstedtia pinnata</i> (Benth.) Malme | timbó | ✓ | | | |
| Fabaceae | <i>Dalbergia nigra</i> (Vell.) Allemão ex Benth. | jacarandá, jacarandá-cabiúna | ✓ | ✓ | | |
| Fabaceae | <i>Desmodium adscendens</i> (Sw.) DC. | favinha, pastelzinho | | | | ✓ |
| Fabaceae | <i>Erythrina speciosa</i> Andrews | mulungu | ✓ | | | |
| Fabaceae | <i>Hymenaea courbaril</i> L. | jatobá | ✓ | ✓ | | |
| Fabaceae | <i>Indigofera suffruticosa</i> Mill. | aniil | | | | ✓ |
| Fabaceae | <i>Inga edulis</i> Mart. | ingá | ✓ | | | |
| Fabaceae | <i>Inga laurina</i> (Sw.) Willd. | ingá-feijão | ✓ | | | |
| Fabaceae | <i>Inga leptantha</i> Benth. | ingá-da-folha-fina | ✓ | | | |
| Fabaceae | <i>Inga subnuda</i> Salzm. ex Benth. | ingá, ingá-de-várzea | ✓ | | | |
| Fabaceae | <i>Inga tenuis</i> (Vell.) Mart. | ingá-mirim | ✓ | | | |
| Fabaceae | <i>Lonchocarpus cultratus</i> (Vell.) A.M.G. Azevedo & H.C. Lima | mal-casado | ✓ | | | |
| Fabaceae | <i>Machaerium nycitans</i> (Vell.) Benth. | guaxumbé | ✓ | ✓ | | |
| Fabaceae | <i>Melanoxylon brauna</i> Schott | braúna | ✓ | | | |
| Fabaceae | <i>Mimosa bimucronata</i> (DC.) Kuntze | maricá | ✓ | | | |
| Fabaceae | <i>Mimosa pudica</i> L. | dormideira | | | | ✓ |
| Fabaceae | <i>Myrocarpus frondosus</i> Allemão | óleo-pardo | ✓ | | | |
| Fabaceae | <i>Ormosia altimontana</i> Meireles & H. C. Lima | angelim | | | | ✓ |
| Fabaceae | <i>Ormosia arborea</i> (Vell.) Harms | olho-de-cabra | | | | ✓ |
| Fabaceae | <i>Ormosia minor</i> Vogel | olho-de-cabra | ✓ | | | |

| | | | | | | | | |
|-----------------|--|--|---|---|--|---|---|---|
| Fabaceae | <i>Phaseolus vulgaris</i> L. | | feijão | | | √ | | |
| Fabaceae | <i>Piptadenia gonocantha</i> (Mart.) J. F. Machr. | | pau-jacaré, jacaré | √ | | √ | | |
| Fabaceae | <i>Piptadenia paniculata</i> Benth. | | angicão | √ | | √ | | |
| Fabaceae | <i>Plathymenia reticulata</i> Benth. | | vinhático | √ | | √ | | |
| Fabaceae | <i>Pseudopiptadenia contorta</i> (DC.) G.P. Lewis & M. P. Lima | | angico-preto, angico-cambuí | √ | | √ | | |
| Fabaceae | <i>Schizolobium parahyba</i> (Vell.) Blake | | guapuruvú | √ | | | | |
| Fabaceae | <i>Schnella macrostachya</i> Raddi | | pata-de-vaca | √ | | √ | | |
| Fabaceae | <i>Senna alata</i> (L.) Roxb. | | tiririqui | | | √ | | |
| Fabaceae | <i>Senna multijuga</i> (Rich.) H.S. Irwin & Barneby | | aleluia | √ | | | | |
| Fabaceae | <i>Stryphnodendron polyphyllum</i> Mart. | | barbatimão | √ | | | √ | |
| Ginkgoaceae | <i>Ginkgo biloba</i> L. | | ginkgo-biloba | | | | | |
| Heliconiaceae | <i>Heliconia angusta</i> Vell. | | bico-de-arara, bico-de-papagaio, paki-vira | | | | | √ |
| Heliconiaceae | <i>Heliconia pendula</i> Wawra | | bico-de-tucano | | | | | √ |
| Hydrangeaceae | <i>Hydrangea macrophylla</i> (Thunb.) Ser. | | hortência | | | √ | | |
| Lacistemataceae | <i>Lacistema pubescens</i> Mart. | | candeia, sabonete | √ | | √ | | |
| Lamiaceae | <i>Aegiphila integrifolia</i> (Jacq.) Moldenke | | bico-de-papagaio | √ | | | | |
| Lamiaceae | <i>Hyptis radicans</i> (Pohl) Harley & J.F.B. Pastore | | hortelã-bravo | | | | √ | |
| Lamiaceae | <i>Lavandula angustifolia</i> Mill. | | alfazema | | | | √ | |
| Lamiaceae | <i>Leonotis nepetifolia</i> (L.) R. Br. | | cordão-de-frade | | | √ | | |
| Lamiaceae | <i>Leonurus sibiricus</i> L. | | erva-macaé, isope-macaé, rama-de-mamangava, sopé, | | | √ | | √ |
| Lamiaceae | <i>Melissa officinalis</i> L. | | erva-jurema, grimonha, jurema, picão | | | | | √ |
| Lamiaceae | <i>Mentha x piperita</i> L. | | alevante, boldo-do-chile, menta-do-mato, vick | | | | | √ |

| | | | | | | | |
|-----------|---|--|--|---|---|---|---|
| Lamiaceae | <i>Mentha pulegium</i> L. | | alecrim, poejo, poejo-caseiro, poejo-de-horta, poejo-menta | | ✓ | ✓ | |
| Lamiaceae | <i>Ocimum basilicum</i> L. | | manjeriço | | ✓ | ✓ | |
| Lamiaceae | <i>Ocimum gratissimum</i> L. | | alfavaca, alfavaca-de-árvore | | ✓ | ✓ | |
| Lamiaceae | <i>Origanum vulgare</i> L. | | manjerona, orégano | | ✓ | ✓ | |
| Lamiaceae | <i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng. | | hortelã-pimenta | | ✓ | | |
| Lamiaceae | <i>Plectranthus barbatus</i> Andr. | | boldo | | ✓ | | |
| Lamiaceae | <i>Plectranthus grandis</i> (Cramer) R. Willems | | alcachofra | | ✓ | | |
| Lamiaceae | <i>Plectranthus neochilus</i> Schltr. | | boldinho-do-chile, boldo-do-chile | | | ✓ | |
| Lamiaceae | <i>Rosmarinus officinalis</i> L. | | alecrim | | ✓ | ✓ | |
| Lamiaceae | <i>Salvia officinalis</i> L. | | sálvia-miúda | | | ✓ | |
| Lamiaceae | <i>Salvia splendens</i> Sellow ex Roem. & Schult. | | maria-sapeca | | ✓ | | |
| Lamiaceae | <i>Stachys byzantina</i> K. Koch | | sálvia-peluda | | | ✓ | |
| Lamiaceae | <i>Tetradenia riparia</i> (Hochst.) Codd | | mirra | | | ✓ | |
| Lauraceae | <i>Aiouea saligna</i> Meisn. | | canela-parda | ✓ | | | |
| Lauraceae | <i>Aniba firmula</i> (Nees & Mart.) Mez | | café, canela-cheirosa | ✓ | ✓ | | ✓ |
| Lauraceae | <i>Laurus nobilis</i> L. | | louro | | | ✓ | |
| Lauraceae | <i>Mezilaurus navalium</i> (Allemão) Taub. ex Mez | | tapinuã | ✓ | | | |
| Lauraceae | <i>Nectandra oppositifolia</i> Nees | | canela | ✓ | ✓ | | |
| Lauraceae | <i>Nectandra puberula</i> (Schott) Nees | | canela | ✓ | ✓ | | |
| Lauraceae | <i>Ocotea diospyrifolia</i> (Meisn.) Mez | | canela | ✓ | | | |
| Lauraceae | <i>Ocotea divaricata</i> (Nees.) Mez | | canela | ✓ | | | |
| Lauraceae | <i>Ocotea glaziovii</i> Mez | | canela-amarela | ✓ | | | |
| Lauraceae | <i>Ocotea odorifera</i> (Vell.) Rohwer | | sassafras | ✓ | | | |
| Lauraceae | <i>Ocotea schottii</i> (Meisn.) Mez | | canela | ✓ | | | |
| Lauraceae | <i>Persea americana</i> Mill. | | abacate | | ✓ | ✓ | ✓ |

| | | | | | | | |
|-----------------|---|---|---|--|--|---|---|
| Lauraceae | <i>Phyllostemonodaphne geminiflora</i> (Mez) Kosterm. | canela | √ | | | | |
| Lecythidaceae | <i>Carinitana legalis</i> (Mart.) Kuntze | jequitibá | √ | | | √ | |
| Lecythidaceae | <i>Lecythis lanceolata</i> Poir. | sapucaia, papante | √ | | | | √ |
| Lecythidaceae | <i>Lecythis pisonis</i> Cambess. | sapucaia | √ | | | | |
| Liliaceae | <i>Allium sativum</i> L. | alho | | | | √ | |
| Liliaceae | <i>Porrum fistulosum</i> (L.) Schur | cebola-gigante | | | | √ | |
| Liliaceae | <i>Aloe vera</i> (L.) Burm. f. | babosa | | | | √ | |
| Lygodiaceae | <i>Lygodium volubile</i> Sw. | abre-caminho, samambaia-do-mato | √ | | | | √ |
| Lythraceae | <i>Cuphea carthagenensis</i> (Jacq.) J. Macbr | sete-sangrias | | | | √ | |
| Malpighiaceae | <i>Malpighia glabra</i> L. | acerola | | | | √ | |
| Malvaceae | <i>Gossypium hirsutum</i> L. | algodão, algodoeiro | | | | √ | √ |
| Malvaceae | <i>Hibiscus esculentus</i> L. | quiabo | | | | √ | |
| Malvaceae | <i>Luehea grandiflora</i> Mart. & Zucc. | baba-de-boi | √ | | | | |
| Malvaceae | <i>Malvaviscus arboreus</i> Cav. | hibisco | | | | | √ |
| Malvaceae | <i>Pachira glabra</i> Pasq. | castanheira | √ | | | | |
| Melastomataceae | <i>Miconia cinnamomifolia</i> (DC.) Naudin | jacatirão | √ | | | √ | |
| Melastomataceae | <i>Miconia lepidota</i> DC. | mirindiba | √ | | | √ | |
| Melastomataceae | <i>Miconia prasina</i> (Sw.) DC. | mirindiba, angará-ferro-do-branco, carrapatinho | √ | | | | √ |
| Melastomataceae | <i>Ossaea confertiflora</i> (DC.) Triana | canela-de-velho | | | | | √ |
| Melastomataceae | <i>Tibouchina arborea</i> (Gardner) Cogn. | quaresmeira | √ | | | | |
| Melastomataceae | <i>Tibouchina</i> cf. <i>heteromalla</i> (D. Don) Cogn. | quaresma | | | | √ | |
| Melastomataceae | <i>Tibouchina granulosa</i> (Desr.) Cogn. | quaresmeira | √ | | | √ | √ |
| Meliaceae | <i>Cabralea canjerana</i> (Vell.) Mart. | cedro-rosa, canjerana | √ | | | √ | |
| Meliaceae | <i>Cedrela odorata</i> L. | cedro | √ | | | √ | |

| | | | | | | | |
|---------------|---|-------------------------|---|---|--|---|---|
| Meliaceae | <i>Guarea guidonia</i> (L.) Sleumer | carrapeteira, carrapeta | √ | | | | √ |
| Meliaceae | <i>Guarea kunthiana</i> A. Juss. | carrapeta | √ | | | | |
| Meliaceae | <i>Guarea macrophylla</i> Vahl | carrapeta | √ | | | | |
| Moraceae | <i>Artocarpus heterophyllus</i> Lam | jaqueira, jaca-manteiga | | √ | | | √ |
| Moraceae | <i>Brosimum guianense</i> (Aubl.) Huber | canudo | √ | | | | |
| Moraceae | <i>Ficus carica</i> L. | figo | | √ | | √ | |
| Moraceae | <i>Ficus gomelleira</i> Kunth | figueira | | | | | |
| Moraceae | <i>Ficus insipida</i> Willdenow | figueira | √ | | | | |
| Moraceae | <i>Sorocea bonplandii</i> (Baill.) W.C. Burger et al. | espinheira-santa | √ | | | √ | √ |
| Moraceae | <i>Sorocea guillemiana</i> Gaudich. | espinheira-santa | √ | | | √ | |
| Moraceae | <i>Morus nigra</i> L. | amora | | √ | | | |
| Musaceae | <i>Musa x paradisiaca</i> L. | banana | | √ | | | |
| Myristicaceae | <i>Virola bicuhyba</i> (Schott ex Spreng.) | bicuiba, bicuibuçu | √ | | | | |
| Myristicaceae | <i>Virola gardneri</i> (A. DC.) Warb. | imbitú-preto | √ | | | | |
| Myrtaceae | <i>Calypttranthes brasiliensis</i> Spreng. | goiabeira | √ | | | | |
| Myrtaceae | <i>Eucalyptus cf robusta</i> Sm. | eucalipto | | | | | √ |
| Myrtaceae | <i>Eugenia brasiliensis</i> Lam. | grumixama | | | | | √ |
| Myrtaceae | <i>Eugenia tomentulosa</i> Standl. | cabeludinha | √ | | | | |
| Myrtaceae | <i>Eugenia uniflora</i> L. | pitanga | | | | √ | |
| Myrtaceae | <i>Marlierea obscura</i> O. Berg | goiabeira | √ | | | | |
| Myrtaceae | <i>Myrcia anceps</i> (Spreng.) O. Berg | caipuna | √ | | | | |
| Myrtaceae | <i>Myrciaria floribunda</i> (H. West ex Willd.) O. Berg | goiabeira-do-mato | √ | | | | |
| Myrtaceae | <i>Myrciaria glazioviana</i> (Kiaersk.) G. M. Barroso ex Sobral | cabeludinha, cabeluda | | | | | √ |
| Myrtaceae | <i>Myrciaria glomerata</i> O. Berg. | goaquica | | | | √ | |
| Myrtaceae | <i>Plinia cauliflora</i> (Mart.) Kausel | jaboticaba, jaboticaba | | | | √ | |
| Myrtaceae | <i>Plinia edulis</i> (Vell.) Sobral | cambucá | | | | | √ |

| | | | | | | |
|----------------|---|--|---|---|---|---|
| Myrtaceae | <i>Psidium guajava</i> L. | goiabeira-do-mato, goiabeira, goiaba, pé-de-goiaba | | √ | √ | √ |
| Myrtaceae | <i>Psidium guineense</i> Sw. | araçá | √ | | | |
| Myrtaceae | <i>Syzygium aromaticum</i> (L.) Merr. & L.M. Perry | cravo-da-índia | | √ | | |
| Myrtaceae | <i>Syzygium cumini</i> (L.) Skeels | jamelão | | √ | | √ |
| Myrtaceae | <i>Syzygium jambos</i> (L.) Alston | jambo | | | | √ |
| Myrtaceae | <i>Syzygium oblatum</i> (Roxb.) Wall. ex A.M. Cowan & Cowan | guapeba | √ | | | |
| Nyctaginaceae | <i>Guapira opposita</i> (Vell.) Reitz | bucho-de-sapo | √ | | | |
| Nyctaginaceae | <i>Mirabilis jalapa</i> L. | maravilha | | | √ | |
| Oleaceae | <i>Jasminum polyanthum</i> Franch. | jasmim | | | √ | |
| Oxalidaceae | <i>Averrhoa carambola</i> L. | carambola | | √ | | |
| Papaveraceae | <i>Argemone mexicana</i> L. | cardo-santo | | √ | | |
| Passifloraceae | <i>Passiflora edulis</i> Sims | maracujazinho, maracujá | | √ | | √ |
| Peraceae | <i>Pogonophora schomburgkiana</i> Miers ex Benth. | gema-de-ovo, milho-cozido | √ | | | |
| Phyllanthaceae | <i>Hyeronima oblonga</i> (Tul.) Müll Arg. | guapeba-sabão | √ | | | |
| Phyllanthaceae | <i>Phyllanthus niruri</i> L. | quebra-pedra | | √ | | |
| Phyllanthaceae | <i>Phyllanthus tenellus</i> Roxb. | erva-pombinho, quebra-pedra | | | √ | |
| Phytolaccaceae | <i>Gallesia integrifolia</i> (Spreng.) Harms | pau-d'alho | √ | | | |
| Phytolaccaceae | <i>Petiveria alliacea</i> L. | guiné, guiné-piu-piu | | √ | | |
| Picramniaceae | <i>Picramnia ciliata</i> Mart. | pau-pereira | √ | | | |
| Piperaceae | <i>Piper anisum</i> (Spreng.) Angely | jaborandi | √ | | | |
| Piperaceae | <i>Piper arboreum</i> Aubl. | jaborandi, João-borandi | | | | √ |
| Piperaceae | <i>Piper mollicomum</i> Kunth | gervão, barbatimão, aperta-ruan, jaborandi | | √ | | √ |
| Piperaceae | <i>Piper umbellatum</i> L. | capeba, pau-peroba | | √ | | |
| Plantaginaceae | <i>Plantago major</i> L. | tanchagem | | √ | | |

| | | | | | | | | | | |
|----------------|--|--|--|--|--|--|---|--|---|---|
| Plantaginaceae | <i>Digitalis purpurea</i> L. | | digitalis | | | | | | | √ |
| Plantaginaceae | <i>Scoparia dulcis</i> L. | | vassoura-branca, vassoura-de-são-pedro, vassourinha-do-campo | | | | | | √ | |
| Platanaceae | <i>Platanus acerifolia</i> (Aiton) Willd. | | maple, plátano | | | | | | √ | |
| Poaceae | <i>Bambusa multiplex</i> (Lour.) Raeusch. | | bambu-taquara | | | | | | | √ |
| Poaceae | <i>Coix lacryma-jobi</i> L. | | lágrima-de-nossa-senhora | | | | √ | | √ | |
| Poaceae | <i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf | | capim-limão, capim-cidreira | | | | √ | | √ | |
| Poaceae | <i>Cymbopogon flexuosus</i> (Nees ex Steud.) W. Watson | | citronela | | | | √ | | √ | |
| Poaceae | <i>Eleusine indica</i> (L.) Gaertn. | | capim-pé-de-galinha | | | | √ | | | |
| Poaceae | <i>Melinis minutiflora</i> P. Beauv. | | capim-gordura | | | | √ | | √ | |
| Poaceae | <i>Oryza sativa</i> L. | | arroz | | | | √ | | | |
| Poaceae | <i>Phalaris canariensis</i> L. | | alpiste | | | | √ | | | |
| Poaceae | <i>Saccharum officinarum</i> L. | | cana-de-açúcar | | | | √ | | | |
| Poaceae | <i>Zea mays</i> L. | | milho | | | | √ | | | |
| Polygalaceae | <i>Polygala paniculata</i> L. | | aguiné, guiné, guinezinho | | | | | | √ | |
| Polygonaceae | <i>Persicaria hydropiperoides</i> (Michx.) Small | | erva-de-bicho, ramaim | | | | | | √ | |
| Polygonaceae | <i>Polygonum hydropiperoides</i> Michx. | | erva-de-bicho | | | | √ | | | |
| Polypodaceae | <i>Microgramma squamulosa</i> (Kaulf.) de La Sota | | cipó-indio | | | | | | √ | |
| Polypodaceae | <i>Serpocaulon fraxinifolium</i> (Jacq.) A. R. Sm. | | samambaia | | | | | | | |
| Primulaceae | <i>Myrsine coriácea</i> (Sw.) R.Br. ex Roem. & Schult. | | caporoca | | | | √ | | | |
| Proteaceae | <i>Roupala sculpta</i> Sleumer | | carne-de-vaca | | | | √ | | | |
| Pteridaceae | <i>Adiantum raddianum</i> | | avenca | | | | | | √ | |
| Punicaceae | <i>Punica granatum</i> L. | | romã | | | | √ | | | |
| Rosaceae | <i>Eriobotrya japonica</i> (Thunb.) Lindl. | | ameixa-amarela | | | | | | √ | |
| Rosaceae | <i>Prunus persica</i> (L.) Batsch | | pêssego | | | | | | √ | |
| Rosaceae | <i>Rubus brasiliensis</i> Mart. | | amora | | | | | | √ | |

| | | | | | | | | |
|-------------|---|--|--|---|--|---|---|---|
| Rosaceae | <i>Rubus rosifolius</i> Sm. | | moranguinho, amora-do-campo | | | | √ | √ |
| Rosaceae | <i>Rubus sellowii</i> Cham. & Schltdl. | | amorinha-preta, framboesa | | | | √ | |
| Rubiaceae | <i>Bathysa mendoncae</i> K. Schum. | | guapeba-branca | √ | | | | |
| Rubiaceae | <i>Coffea arabica</i> L. | | café | | | √ | | |
| Rubiaceae | <i>Simira viridiflora</i> (Allemão & Saldanha) Steyerf. | | araribá-rosa | √ | | | | |
| Rubiaceae | <i>Borreria verticillata</i> (L.) G. Mey. | | cordão-de-frade, cordão-de-são-francisco, serralha | | | | √ | |
| Rubiaceae | <i>Genipa americana</i> L. | | genipapo | √ | | √ | | |
| Rutaceae | <i>Citrus aurantium</i> L. | | laranja-pêra | | | √ | | |
| Rutaceae | <i>Citrus limon</i> (L.) Burm. f. | | limão | | | √ | | |
| Rutaceae | <i>Citrus medica</i> var. <i>limon</i> L. | | limão-galego | | | √ | | |
| Rutaceae | <i>Citrus reticulata</i> Blanco | | mexerica | | | √ | | |
| Rutaceae | <i>Hortia brasiliana</i> Vand. ex DC. | | casca-de-anta, casca-d'anta, paratudo | √ | | | | √ |
| Rutaceae | <i>Ruta graveolens</i> L. | | arruda | | | √ | | √ |
| Rutaceae | <i>Zanthoxylum rhoifolium</i> Lam. | | mamica-de-porca | √ | | | | |
| Sapindaceae | <i>Cupania furfuracea</i> Radlk. | | camboatá | √ | | | | |
| Sapindaceae | <i>Cupania oblongifolia</i> Mart. | | camboatá, bilreira | √ | | √ | | |
| Sapindaceae | <i>Cupania racemosa</i> (Vell.) Radlk. | | camboatá-múdo, camboatá | √ | | | | |
| Sapindaceae | <i>Cupania schizoneura</i> Radlk. | | camboatá | √ | | | | |
| Sapotaceae | <i>Ecclinusa ramiflora</i> Mart. | | acá | √ | | √ | | |
| Sapotaceae | <i>Micropholis crassipedicellata</i> (Mart. & Eichler) Pierre | | bacubicha | √ | | | | |
| Sapotaceae | <i>Pouteria bangii</i> (Rusby) T. D. Penn. | | abiurana | √ | | | | |
| Sapotaceae | <i>Pouteria caimito</i> (Ruiz & Pav.) Radlk. | | abiu | √ | | √ | | |
| Sapotaceae | <i>Pouteria cuspidata</i> (A.DC.) Baehni | | massaranduba | √ | | | | |
| Sapotaceae | <i>Pradosia kuhlmannii</i> Toledo | | casca-doce | √ | | | | |

| | | | | | | | |
|------------------|--|---|---|--|---|---|---|
| Sapotaceae | <i>Pradosia lactescens</i> (Vell.) Radlk. | mamãozinho | ✓ | | | | |
| Scrophulariaceae | <i>Buddleja stachyoides</i> Cham. & Schlttdl. | babaço, barbacea, erva-de-santo-antônio, verbasco | | | | ✓ | |
| Simaroubaceae | <i>Simarouba amara</i> Aubl. | gameleira-caixeta | ✓ | | | | |
| Siparunaceae | <i>Siparuna brasiliensis</i> (Spreng.) A. DC. | canela | ✓ | | | | |
| Siparunaceae | <i>Siparuna guianensis</i> Aubl. | fedegoso, nega-mina, negramina | ✓ | | | | ✓ |
| Solanaceae | <i>Aureliana fasciculata</i> (Vell.) Sendtn. | canema | ✓ | | | | |
| Solanaceae | <i>Brugmansia suaveolens</i> (Willd.) Bercht. & J. Presl | trombeta | | | | ✓ | |
| Solanaceae | <i>Brunfelsia uniflora</i> (Pohl) D. Don | manacá | | | ✓ | | |
| Solanaceae | <i>Capsicum baccatum</i> L. | pimenta | | | ✓ | | |
| Solanaceae | <i>Physalis angulata</i> L. | joaponga | | | | ✓ | |
| Solanaceae | <i>Solanum americanum</i> Mill. | erva-moura, pimenta-de-sapo | | | | ✓ | |
| Solanaceae | <i>Solanum cernuum</i> Vell. | panacéia | | | ✓ | | |
| Solanaceae | <i>Solanum paniculatum</i> L. | jurubeba | | | ✓ | | |
| Solanaceae | <i>Solanum tuberosum</i> L. | batata | | | ✓ | | |
| Solanaceae | <i>Vassobia breviflora</i> (Sendtn.) Hunz. | mamona | | | | ✓ | |
| Tropaeolaceae | <i>Tropaeolum majus</i> L. | chagas | | | | ✓ | |
| Turneraceae | <i>Turnera ulmifolia</i> L. | vassourinha | | | ✓ | | |
| Urticaceae | <i>Cecropia glaziovii</i> Sneathl. | embaúba, embaúba-roxa, embaúba-preta | ✓ | | | | ✓ |
| Urticaceae | <i>Cecropia hololeuca</i> Miq. | embaúba-branca, imbaúba | ✓ | | | ✓ | ✓ |
| Urticaceae | <i>Cecropia pachystachya</i> Trécul | embaúba-miuda | ✓ | | | | |
| Verbenaceae | <i>Aloysia gratissima</i> (Gillies & Hook.) Tronc. | alfazema | | | ✓ | | |
| Verbenaceae | <i>Citharexylum myrianthum</i> Cham. | tarumã | ✓ | | | | |
| Verbenaceae | <i>Lippia alba</i> (Mill.) N. E. Br. ex P. Wilson | erva-cidreira, cidreira-de-árvore, cidreira-de-nossa-senhora, melissa, melissa-verdadeira | | | ✓ | ✓ | ✓ |

| | | | | | | |
|---------------|---|-------------------------------|---|---|---|---|
| Verbenaceae | <i>Stachytarpheta cayennensis</i> (Rich.) Vahl | gervão-roxo | | √ | | |
| Verbenaceae | <i>Lantana camara</i> L. | bem-me-quer | | √ | | |
| Violaceae | <i>Anchietea pyrifolia</i> (Mart.) G. Don | cipó-sumi | | | √ | |
| Violaceae | <i>Rinorea guianensis</i> Aubl. | arapoca, papante | √ | | | |
| Violaceae | <i>Viola odorata</i> L. | chagas | | | √ | |
| Vitaceae | <i>Cissus verticillata</i> (L.) Nicolson & C. E. Jarvis | insulina | | | √ | |
| Vochysiaceae | <i>Vochysia bifalcata</i> Warm. | canela | √ | | | |
| Zingiberaceae | <i>Alpinia zerumbet</i> (Pers.) B. L. Burt & R.M. Sm. | alfazema-colônia | | | √ | |
| Zingiberaceae | <i>Curcuma longa</i> L. | açafrão | | | √ | |
| Zingiberaceae | <i>Renalmia petasites</i> Gagnep. | lírio-do-campo, lírio-do-mato | | | | √ |
| Zingiberaceae | <i>Zingiber officinale</i> Roscoe | gengibre, raiz-da-vida | | √ | | |

ANEXOS

Dr. João Ribeiro dos Santos - Diretor de Publicações da Com. Exec. Nac.
e Conselheiro Regional
Dr. Walter da Costa Quintão - Conselheiro Nacional
Sr. Claudio Tadeu de Souza - Com. Exec. Viajante do SESC
Sr. Moacyr Mallemont Rebello Filho - Ass. Com. Exec. Regional

SITUAÇÃO EM RELAÇÃO AS LOCALIDADES VIZINHAS

Estrad Rio Terezópolis

Km 29 - Entrada para Magé (6 Km à direita) e Santo Aleixo (8 Km à esquerda)

Km 32 - Citrolândia à direita e Sertão Pequeno Sítio do Dr. José Mariano de Moraes - à esquerda (aproximadamente 2 Km)

Km 39 - Parada Modelo - estrada Rio Friburgo à direita

Km 57 - Parque Nacional da Serra dos Órgãos.

Km 59 - Terezópolis

SITUAÇÃO EM RELAÇÃO AS PROPRIEDADES PRÓXIMAS

À ESQUERDA - (Terras de Pedro Francisco da Silva e João Rocha - direção sul)
Atualmente é um loteamento, compreendendo pequenos sítios de aproximadamente 1/4 de alqueires Fluminense ou Mineiro. Poucas construções.

À DIREITA - (terras de Sotter Trajano de Oliveira - direção Norte)
Pequeno sítio de 2 alqueires (80 metros de frente) com algumas construções.

CONSTRUÇÕES E BENFEITORIAS

- Uma pequena casa de aproximadamente 6 x 8 m de 2 salas, 2 quartos, banheiro cozinha e duas varandas abertas. Não foi possível ver o interior por estar fechada. Construção não muito recente situada na extremidade do terreno.
- Poço d'água onde na planta é indicado por "Pequena Casa".
- Além das duas estradas que cortam as terras não há mais nada a ser visto. Mata fechada não tendo sido possível alcançar-se a extremidade oeste.

- O terreno é ligeiramente arenoso e razoavelmente permeável, portanto bom para acampamentos.
- A estrada de acesso pode ser considerada boa e, de tráfego permanente apesar de não ser asfaltada.

ACESSO

- Por trem - estação de Citrolândia da Estrada de Ferro Leopoldina.
- Por ônibus - linha regular Rio - Terezópolis - Friburgo.

PARECER

A proximidade do P.N.S.O., Terezópolis, as localidades próximas, a distância não muito grande da Guanabara quer por rodovia, quer seja por ferrovia favorecem bastante.

Embora não seja o terreno ideal para um Campo Escola ou Parque de Escotismo, cremos que haja possibilidade de se reunir as condições e transformá-lo em um excelente C.E. Se não considerarmos por este aspecto, cremos que a inversão de capital é benéfica para a Região, pois só a casa vale a metade do preço pedido.

É de parecer portanto, que se deva comprar as referidas terras.

Rio de Janeiro, 16 de agosto de 1981.

À
UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL
Região Rio de Janeiro
Rua Rodrigo Silva 18 - 7º andar
Rio de Janeiro - RJ

Prezados Senhores,

Tomamos conhecimento do processo de destruição que vem ocorrendo, por ação de terceiros, no Campo Escoteiro Ch. Geraldo Hugo Nunes, Município de Magé, Estado do Rio de Janeiro.

Este processo manifesta-se, por um lado, de forma crônica, que tem ocorrido ao longo dos anos, através do corte de árvores isoladamente e por outro, em forma de aguda ameaça, que ora principiou a concretizar-se, através de generalizado desmatamento.

Estado do Rio de Janeiro

Devemos salientar, como naturalistas, que a vegetação, que está sendo assim dilapidada, deveria ser motivo de orgulho e preocupação para os seus proprietários, visto como representa rara amostra da mata de baixada úmida fluminense, abrigando igualmente importantes elementos faunísticos regionais.

Vimos, deste modo, solicitar a V.Sa. que urgentes e enérgicas providências sejam tomadas, para sustar de vez essa destruição, na esperança de que, assim agindo, V.Sa. continuará dando provas do interesse conservacionista que, certamente, motiva sua Instituição, ao mesmo tempo em que evitará o desonroso exemplo da omissão, tantas e tantas vezes responsável pela destruição da natureza no Brasil.

Dorothy Sue Diniz de Araújo

José Haroldo J. Gonzaga

Luiz Ernesto Corrêa Ventura

R. B. B. B.

Graziela Maciel Barros

José Alfredo Pinheiro Duarte

Rebecca V. V.

Rebecca V. V.

Rio de Janeiro, 19 de março de 1988.

À
União dos Escoteiros do Brasil
Região do Rio de Janeiro
N e s t a.

At. do Sr. Presidente da Comissão
Executiva Regional

Prezados Senhores:

O Campo de Escoteiros Geraldo Hugo Nunes é o último re-
canto da espécie Cynolebias sandrii. Espécie delicada e de
colorido vistoso ocorre exclusivamente nas matas da base da
serra de Petrópolis. Entretanto por viver no interior da ma-
ta e depender dela para sobreviver, e devido à destruição -
dos habitats, após alguns anos de pesquisa na região, conclu-
ímos que a espécie está restrita à mata desse Campo Escotei-
ro (vêr publicação em anexo).

Cynolebias sandrii é um peixe anual que vive em poças
temporárias na mata. Nos períodos menos chuvosos quando as
poças secam, os ovos permanecem enterrados, eclodindo apenas
no próximo período de chuvas.

Por isso é fundamental que este ecossistema local (a
mata do campo escola) permaneça intacta e quaisquer projetos
de desmatamento ou drenagem devem ser rejeitados.


No livro vermelho das espécies ameaçadas de extinção
publicadas pela IUCN (União Internacional para Conservação das
Naturezas) a espécie é listada, aparecendo com o nome de
Cynolebias splendens (histórico do nome em publicação anexa).
Isto demonstra a preocupação de entidades internacionais e
da comunidade científica com a preservação dessa espécie. A
lém disso, trata-se de um patrimônio natural de inestimável
valor científico e estético.

Consciente do já bem conhecido espírito preservacionis-
ta do Escotismo, conto com a tomada de medidas eficazes que
garantam a preservação dessa espécie.

Para algum esclarecimento adicional, estarei à disposi-
ção de Vv.Ss.

Atenciosamente,

 **ANEXO 3**


WILSON J.E.M. COSTA

3.º

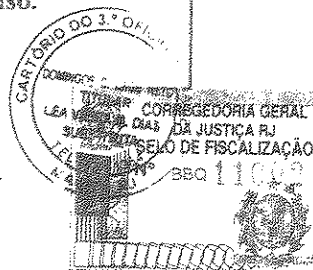
OFÍCIO DE NOTAS

DOMINGOS CORRÊA LAGE NETO - TABELIÃO
LÉA VIEIRA MEIRELLES DIAS - SUBSTITUTA
JOAQUIM BATAGIA CARVALHO - AUTORIZADO
JOSEFINA MAIA LAGE - AUTORIZADA

Instrumento Particular datado de 14 de junho de 1999, revigorando por esta a quitação dada, e a importância de **R\$6.540,00 (Seis Mil Quinhentos e Quarenta Reais)**, neste ato, em moeda corrente do país, dando-se assim, eles Outorgantes e reciprocamente Outorgados, plena e mútua quitação, transmitindo-se entre si todo o domínio, direito, ação e posse que tinham sobre os citados imóveis e se empossam nos mesmos, por força deste instrumento e da cláusula constituti, e se obrigam por si, herdeiros e sucessores, a fazer a presente permuta sempre boa, firme e valiosa a todo tempo, e respondendo ainda, pela evicção de direito na forma da Lei. Pelo primeiro Contratante, me foi dito que não é contribuinte obrigatório para com a Previdência Social na qualidade de empregador. Foram apresentadas as Certidões Negativas em relação à Executivos Fiscais, Interdições, Tutelas e Curatelas; Ações e Execuções e Onus Reais, bem como Certidão de Regularidade de Imóvel Rural. Pela 2ª Contratante, me foi dito que está quite para com a Previdência Social, conforme CND número 087951999- 1760300, emitida em data de 05 de novembro de 1999, e com prazo de validade por 60 dias. Ainda, pelos Contratantes me foi dito, que sobre as áreas objeto da presente, não exercem nenhuma atividade rural ou agrícola, estando desta forma, isentos da apresentação do CND do Funrural. O Imposto de Transmissão da área denominada Sítio Mindó, foi pago pelo DAM número 00-14.957, no valor de R\$841,60, cujo recolhimento foi feito através da PMM em data de 23/12/99, autenticação mecânica número 061, e, o Imposto de Transmissão da área denominada Sertão, foi pago pelo DAM número 00-14.958, no valor de R\$229,40, cujo recolhimento foi feito através da PMM em data de 23/12/99, autenticação mecânica número 060. Certifico que as custas referentes ao presente ato, da Tabela VIII, n.II, no valor de R\$259,44, com o acréscimo instituído pela Lei 713/83, no valor de R\$51,88, e Taxa de mútua no valor de R\$3,52, referente a cada ato, serão recolhidas no próximo dia útil. Nestes termos, lida e achada conforme aceitam e assinam, dispensando a presença de testemunhas. Eu, (ass). Domingos Corrêa Lage Neto, Tabelião que fiz datilografar, subscrevo e assino. (assinados). DOMINGOS CORRÊA LAGE NETO. P/P. MARCIA DA CRUZ PAULINO. P/P. MARCIA DA CRUZ PAULINO. MAURÍCIO MOUTINHO DA SILVA. Eu, *Léa Vieira Meirelles Dias*, Léa Vieira Meirelles Dias, Tabeliã Substituta que datilografei, subscrevo e assino em público e raso.

Em Test. *da Verdade*

Léa Vieira Meirelles Dias
LEA VIEIRA MEIRELLES DIAS. Mat.06/3184
Tabeliã Substituta



3.º

OFÍCIO DE NOTAS

DOMINGOS CORRÊA LAGE NETO - TABELIÃO
LÉA VIEIRA MEIRELLES DIAS - SUBSTITUTA
JOAQUIM BATAGIA CARVALHO - AUTORIZADO
JOSEFINA MAIA LAGE - AUTORIZADA

78°20'NE, confrontando ali, com terras do Espólio de Antonio Luiz de Medeiros, e nos fundos, partindo do marco nº4 vai ao de nº5 colocado à margem da Estrada que vai para Citrolândia, em uma linha de 91,30m; e, finalmente, pelo lado esquerdo, do marco número 5 vai ao de número 6, numa longitudinal de 902m, fechando assim o perímetro, confrontando com terras de José Mariano de Moraes, hoje de propriedade da UEB, cujo imóvel encontra-se devidamente inscrito no INCRA sob o número 521060010588.7, sob a denominação de SÍTIO RUBEM, conforme Certificado de Cadastro de Imóvel Rural que me foi apresentado, adquirido nos termos da Escritura de Compra e Venda destas Notas, no Livro 139-D/128, Fls.190/192, em data de 25/07/89, e devidamente transcrita no RGI destas Notas, no Livro 2-C, Fls.213, sob o n.R6/, da matrícula número 1.101, em data de 31/07/89, e respectiva averbação sob o número Av.7 em data de 16/08/89. 2º) Que a segunda Contratante, é senhora e legítima possuidora do imóvel constituído por uma área de terras no lugar SERTÃO, com a superfície territorial de 21.456,385m², com a configuração de um polígono irregular, medindo pela Estrada do Sertão, cinco segmentos, de 41,24m; 33,04m; 65,96m; 51,17m; e 44,28m; pelo lado direito, numa única linha de 198,57m e a direção de 46°01'SE, com o imóvel de Edmundo Tobler; pelo lado esquerdo, também numa única linha de 161,77m e a direção de 79°45'NW com o imóvel do Major Edgar de Faro; e, finalmente, na linha dos fundos, numa única linha de 72,62m e a direção de 56° 21'NE com o Canal Rio Sertão, cujo imóvel encontra-se devidamente inscrito no INCRA sob o número 43600042 (em conjunto com outro imóvel), adquirido nos termos da Escritura de Compra e Venda das Notas do 2º Ofício desta Comarca, no Livro 268/42-D, Fls.22/26, em data de 12/06/68, e devidamente transcrita no RGI Competente destas Notas, no Livro 3-B, Fls04, sob o número 556, em data de 14/06/68. Que os imóveis acima descritos e caracterizados, encontram-se inteiramente livres e desembaraçados de todo e qualquer onus judicial ou extrajudicial, hipoteca legal ou convencional, foro ou pensão, até a presente data. Que eles Outorgantes e reciprocamente Outorgados, tem justo entre si, a permuta dos mencionados imóveis, pelos valores de R\$28.500,00 (vinte e Oito Mil e Quinhentos Reais), pelo imóvel de propriedade do primeiro contratante, e R\$6.960,00 (Seis Mil Novecentos e Sessenta Reais), pelo imóvel da propriedade da Segunda Contratante. Que pela presente e nos melhores termos de direito, eles Outorgantes e reciprocamente Outorgados, permutam entre si os mencionados imóveis, entregando a Segunda Contratante ao Primeiro Contratante, RUBEM GARCIA BASTOS, o imóvel denominado Sertão acima descrito, pelo valor de R\$6.960,00, e o Primeiro Contratante, por sua vez, entrega a Segunda Contratante, UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL, a referida área denominada Sítio Mindó, pelo valor de R\$28.500,00, (Vinte e Oito Mil e Quinhentos Reais), e a diferença de R\$21.540,00 (Vinte e Um Mil, Quinhentos e Quarenta Reais), sendo a importância de R\$15.000,00 (Quinze Mil Reais) já recebida através do

3.º

OFÍCIO DE NOTAS

DOMINGOS CORRÊA LAGE NETO - TABELIÃO
LÉA VIEIRA MEIRELLES DIAS - SUBSTITUTA
JOAQUIM BATAGIA CARVALHO - AUTORIZADO
JOSEFINA MAIA LAGE - AUTORIZADA

Livro n.145-A/149

Fls.183/185

Ato n.102

ESCRITURA PUBLICA DE PERMUTA, NA FORMA ABAIXO:

S A I B A M quantos este público instrumento virem, que no ano de mil novecentos e noventa e nove, aos vinte e nove dias do mês de dezembro, nesta cidade de Magé, Estado do Rio de Janeiro, em meu Cartório do 3º Ofício, à Praça Getulio Vargas, número 09, perante mim, Tabelião, DOMINGOS CORRÊA LAGE NETO, matrícula número 06/2916, compareceram partes entre si justas e contratadas como Outorgantes Permutantes e reciprocamente Outorgados, de um lado, como primeiro Contratante, o Sr. **RUBEM GARCIA BASTOS**, brasileiro, militar reformado, portador da Carteira de Identidade número 012596260.5 expedida pelo Ministério do Exército, em data de 16/06/88, e CIC número 003.038.607/15, assistido de sua mulher, a Sra. **SIRLEY COSTA BASTOS**, brasileira, pedagoga, portadora da Carteira de Identidade número 04287200.2 IFP, de 20/07/98, e do CIC número 113.484.026/87, e do CIC número 113.484.026/87, com quem é casada pelo regime da separação de bens, residentes no 2º distrito deste município, à Estrada do Sertão, s/n, e neste ato, representados pela Procuradora, a Dra. **MARCIA DA CRUZ PAULINO**, brasileira, solteira, advogada, portadora da Carteira de Identidade da OAB/RJ sob o número 64860, e CIC número 873.812.147/68, residente à Rua Raul Barroso, n.47/201, Rio de Janeiro, nos termos e por força do mandato das Notas do 14º Ofício da cidade do Rio de Janeiro, no Livro 1.019, Fls.151, ato n.108, em data de 17/11/99, que fica arquivada nestas Notas, para os devidos fins, e, de outro lado, como Segunda Contratante, a **UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL**, - Região do Rio de Janeiro, com sede na cidade do Rio de Janeiro, à Rua Rodrigo Silva, n.18, 7º andar, inscrita no CNPJ sob o número 33.783.431/0003-83, representada neste ato, por seu Diretor Presidente, Sr. **MAURICIO MOUTINHO DA SILVA**, brasileiro, casado, portador da Carteira de Identidade número 03211001 CRQ, 3ª Região, e CPF número 738.872.427/34, residente à Rua Cardeal Dom Sebastião Leme, n.149/302, Rio de Janeiro, e aqui de passagem, nos termos de seus atos constitutivos. Os presentes reconhecidos como próprios de mim, Tabelião, do que dou fé, bem como da distribuição desta. E, pelos Outorgantes e reciprocamente Outorgados me foi dito o seguinte: 1º) Que o primeiro Contratante, é senhor e legítimo possuidor de do imóvel denominado **Sítio Mindó**, no lugar Sertão, em Santo Aleixo, 2º distrito deste município, fazendo frente para a Estrada do Sertão, por onde mede 91,30ms e no lado direito, partindo do marco colocado à margem da Estrada sob o número 01, vai ao de número 02, com 365,36m2; do marco número 02, vai ao de número 3, com a dimensão de 251,96, e, finalmente nessa linha, do marco nº3 vai ao de nº 4, com a dimensão de 205,30m, num alinhamento de

+

Reconhecida de Unidade Pública Federal pelo Decreto nº 3.297 de 11/07/1917, reterado pelo Decreto nº 5.497 de 23/07/1928 e como Instituição de Educação Extra Escolar e Órgão Máximo do Escotismo Brasileiro pelo Decreto Lei nº 8.828 de 24/01/1946

Rio de Janeiro, 01 de junho de 2009.

Assunto: **Requerimento**

Ilmo. Sr. Oficial do Registro de Imóveis do 2º distrito de Magé-RJ.
Cartório do 3º Ofício.

UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL,
Região Rio de Janeiro, com sede na Rua Rodrigo Silva, número 18, 7º andar, inscrita no CNPJ sob o nº 33.788.431/0003-85, por seu representante legal Srª Lúcia Marques Cordeiro de Mello, vem através deste, requer à Vª. Sª, que se digne proceder à margem da Matrícula número 1101, referente ao imóvel situado na zona urbana do 2º distrito do município de Magé, a averbação do atual termo de compromisso de **RPPN CAMPO ESCOTEIRO GERALDO HUGO NUNES**, conforme o termo que segue em anexo para os devidos fins.

N. Termos,
P. Averbação.

Magé, 01 de junho de 2009

Lúcia Marques Cordeiro de Mello
Diretora Presidente
UNIÃO dos ESCOTEIROS do BRASIL - RJ

23. Ofício de Notas-MATRIZ - Notário: GUIDO FERREIRA DA SILVA
Av. N.º Pecanha, 26 - LOJA A - RJ - Tel: 2542-2427
Reconheço por semelhança a(s) firma(s) de :
((241540))-LUCIA MARQUES CORDEIRO DE MELLO.

Rio de Janeiro, 01 de Junho de 2009
Em Testemunho da Verdade.
DIOGO FERREIRA DA SILVA-ESCREVENTE AUTORIZADO

23. OFÍCIO DE NOTAS MATRIZ
CORREGEDORIA GERAL DA JUSTIÇA - RJ
RELA DE FISCALIZAÇÃO
RECONHECIMENTO DE FIRMA POR SEMELHANÇA
PNM
SCH52720



União dos Escoteiros do Brasil

Direção Regional



União dos Escoteiros do Brasil
Região do Rio de Janeiro
Rua Rodrigo Silva, 18 / 7º andar
Rio de Janeiro - RJ
CEP 20.011-040

Telefax: (21) 2533-5107
(21) 2533-9207
(21) 2533-7045

RPPN/EF/RJ
RECEBIDO
DATA: 05/06/09 HORA: 16:30
RUBRICA:

ANEXO 5

32.288 431/0003-85



CERTIFICADO DE RECONHECIMENTO


Fica reconhecida a Reserva Particular do Patrimônio Natural, através da Portaria INEA/RJ/PRES nº 50, de 01 de julho de 2009 e de acordo com o Decreto Estadual nº 40.909/2007, denominada:

RPPN Campo Escoteiro Geraldo Hugo Nunes

com uma área de 20,30 ha, no Município de Magé, pertencente a UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL e representada pela Sr. CARLOS FREDERICO DOS SANTOS, gravada com caráter de perpetuidade no cartório de Registro de Imóveis competente, representando assim um importante passo para a conservação da biodiversidade no Estado do Rio de Janeiro em benefícios das presentes e futuras gerações.

Rio de Janeiro, 27 de janeiro de 2010.


PRESIDENTE DO INSTITUTO ESTADUAL DO AMBIENTE - INEA


DIRETOR DE BIODIVERSIDADE E ÁREAS PROTEGIDAS - DIBAP


PROPRIETÁRIO

CASA DA MÍDIA DO BRASIL



ANEXO 6

CÓPIA

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Entrevistadores:

Data:

Área:

Entrevista:

Nome:

Idade:

Profissão:

Nativo da Comunidade de Sertão: Sim / Não

Origem:

Tempo de residência na Comunidade Sertão:

O Sr(a) conhece a *Reserva Particular do Patrimônio Natural Campo Escoteiro Geraldo Hugo Nunes*?

Sim / Não

Caso conheça, poderia falar um pouco sobre esta área?

Entrevista n°.

ETNOBOTÂNICA - Comunidade Sertão - LISTAGEM LIVRE

Nome Completo: Idade: Sexo: (F) (M)

Localidade:.....

Há quantos anos o Sr (a), vive nesta comunidade?

| Quais são as 10 plantas que o Sr(a). mais utiliza da MATA "DO ESCOTEIRO" e do entorno? | PRINCIPAIS USOS / Detalhamento de uso | Parte vegetal utilizada: RZ (raiz); FO (folha); FR (fruto); FLr (flor); CS (casca); LN (lenho); TP (toda a planta) | LOCALIZAÇÃO / TIPO DE VEGETAÇÃO |
|--|---------------------------------------|---|---------------------------------|
| 1. | | | 1. |
| 2. | | | 2. |
| 3. | | | 3. |
| 4. | | | 4. |
| 5. | | | 5. |
| 6. | | | 6. |
| 7. | | | 7. |
| 8. | | | 8. |
| 9. | | | 9. |
| 10. | | | 10. |

Observações:



INSTITUTO DE PESQUISAS JARDIM BOTÂNICO DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA NACIONAL DE BOTÂNICA TROPICAL - ENBT

Programa de Pós Graduação - Mestrado Profissional Biodiversidade em Unidades de
Conservação

TERMO DE CONSENTIMENTO PRÉVIO INFORMADO (ANUÊNCIA PRÉVIA)

Meu nome é **Maria das Dores de Souza Mourão**, sou bióloga e estudante do Programa de Pós Graduação no **Mestrado Profissional: Biodiversidade em Unidades de Conservação**. Estou desenvolvendo uma pesquisa sobre o conhecimento e utilização de plantas pelos moradores da Comunidade do Sertão e Citrolândia (Magé, RJ). Essa pesquisa pode contribuir para o registro do conhecimento das comunidades locais, evitando que com o tempo esse conhecimento seja perdido, além de possibilitar o registro de informações que possam contribuir com a conservação do ambiente nesta região. O que queremos com esta pesquisa é saber quais são as plantas usadas da "mata do escoteiro" (*Reserva Particular do Patrimônio Natural Campo Escoteiro Geraldo Hugo Nunes*) e suas proximidades; assim como se vocês conhecem as plantas da região e fazem uso atual ou já usaram no passado. Mas para que esse trabalho possa ser realizado, pedimos aqui a permissão para que possamos fazer algumas visitas, bem como conversar sobre as plantas, fazer alguns passeios para ver essas plantas no campo, e algumas vezes coletar partes delas, como folhas, flores e frutos. Precisamos realizar estas coletas em conjunto, porque precisamos fazer a identificação botânica das plantas. Também pediremos sua permissão para tirar algumas fotografias. A qualquer hora o Sr. ou a Sra. poderá parar a nossa conversa ou desistir de participar deste trabalho. Vale lembrar que sua participação é voluntária, porém é importante destacar que não temos nenhum objetivo financeiro com esta pesquisa e que os resultados serão passados a vocês, e só serão usados para comunicar outros pesquisadores (publicações científicas). Caso tenha alguma dúvida basta perguntar, ou nos telefonar. Nosso telefone e endereço são: Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Escola Nacional de Botânica Tropical/Pós Graduação; R. Pacheco Leão 915, Jardim Botânico do Rio de Janeiro; CEP 22470040; Telefone: (21)82216829. Ou por e-mail dora.sza.mourao@gmail.com.

Entrevistados: Depois de saber sobre a pesquisa, de como será feita, do direito que tenho de não participar ou desistir dela sem prejuízo para mim e de como os resultados serão usados, eu concordo em participar desta pesquisa.

Tabela com os nomes-assinaturas (CPF e RG).

| NOMES | ASSINATURAS | CPF / RG | OBS |
|------------------|---------------------------|--------------|-----|
| ANTONIO DO CARMO | | RG 3-562.515 | |
| | RG DETRAN 10.739.033-8 | | |

TEREZINHA MARIA
DO CARMO

Terezinha Maria do Carmo

Priscila Neto Basconcelos
Patucio Batista Dhaes
Ozami marcio da Silva

Ana Paula Pinto da Silva

Maura de Souza Moura

Burtrani da Silva Almeida
Zenan Batista Macedo

Jonifer de Jesus de Freitas

Christine Elias

Matilena dos Santos

Priscila da Silva

MARINETE DE MOURA SILVA

~~Marinete de Moura Silva~~

WALKIRIO SOARES DE CARVALHO

~~Walkirio Soares de Carvalho~~

ANITA ELIAS DOS SANTOS SILVA

~~Anita Elias dos Santos Silva~~

ILSON BARBOSA DE FREITAS

~~Ilson Barbosa de Freitas~~

MARIANATIVIDADE DA CONCEIÇAS



JOSE LUIZ DE BRITO FIUZA

~~Jose Luiz de Brito Fiuza~~

MARLENE COIMBRA DA ROCHA

~~Marlene Coimbra da Rocha~~

| NOMES | ASSINATURAS | CPF / RG | OBS |
|-------------------------------------|-------------------------------------|----------------|-----|
| ANA MARIA DE ALMEIDA MUNIZ | Ana Maria de A. Muniz | 068611737-97 | |
| ADALBERTO SANTANA | Adalberto Santana | 351225827-60 | |
| MARILENE SANTANA | Marilene Santana | 09937676-6 | IFP |
| JOSÉ COIMBRA DA ROCHA | José Coimbra da Rocha | 07.723.530-7 | |
| MARIANITA ALVES DE MOURA | Marianita Alves de Moura | 09405053-1 | |
| SILVIO MALSQUIAS LANA | Silvio Malsquias Lana | 08996645-1 | |
| ELISABETE CUSTODIO LOPES | | | |
| | | | |
| MIRIAM DE SOUZA | | | |
| | | | |
| | | | |
| CLEIDE GUILHERME YANER | Cleide Guilherme Yaner | | |
| Ingrid S. da Silva | Ingrid S. da Silva | | |
| SÔNIA DALVA DE F. DA CONCEIÇÃO | Sônia Dalva de F. da Conceição | | |
| CARLA LEONEL DE SOUZA | Carla Leonel de Souza | | |
| JANE DA SILVA CAVALHO | Jane da Silva Cavalho | | |
| Erica Maria Almeida de Oliveira | Erica Maria Almeida de Oliveira | | |
| Claudia V. de Souza | Claudia V. de Souza | | |
| Conceição | Conceição da Silva | | |
| Amândia Freitas de Souza | Amândia Freitas de Souza | 148.299.307-48 | |
| Geleli do Nascimento C. Alves Gomes | Geleli do Nascimento C. Alves Gomes | | |
| Sani Binda Silva | Sani Binda Silva | | |

Maria das Dores de Souza Mourão

Pesquisador Responsável

Maria das Dores de Souza Mourão

Orientadores: Massimo Giuseppe Bovini e Viviane S. Fonseca Kruel (Pesquisadores do JBRJ)

Contato: Instituto de Pesquisas, Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Escola Nacional de Botânica Tropical/Pós Graduação; R. Pacheco Leão 915, Jardim Botânico do Rio de Janeiro; CEP 22470040; dora.sza.mourao@gmail.com



Fotos - 1) Reunião geral com a Comunidade Rural Sertão. Magé, RJ. 1a) Explicação dos objetivos da pesquisa; 1b) Assinatura do Termo de Consentimento Livre e Assistido. 2) Entrevista semiestruturada realizada com moradora da Comunidade. 3) Residência na Comunidade. 4) Espécies úteis na RPPN Campo Escoteiro Geraldo Hugo Nunes. Magé, RJ. 4a) *Sorocea bonplandii* (espinheira-santa); 4b) *Euterpe edulis* (palmito-doce).